

RAFAEL DA SILVA PINTO

**ÉTICA E METAFÍSICA NA FILOSOFIA DE IRIS
MURDOCH:
A PEREGRINAÇÃO MORAL EM BUSCA DO
BEM**

Dissertação apresentada à Banca examinadora da Universidade de Brasília como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia sob a orientação do Professor Doutor Cláudio Araújo Reis.

BRASÍLIA

2010

RAFAEL DA SILVA PINTO

ÉTICA E METAFÍSICA NA FILOSOFIA DE IRIS MURDOCH:

A PEREGRINAÇÃO MORAL EM BUSCA DO BEM

Dissertação apresentada à Banca examinadora da Universidade de Brasília como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia sob a orientação do Professor Doutor Cláudio Araújo Reis.

Aprovada pelos membros da banca examinadora em 16/4/2010.

Banca Examinadora:

Presidente: Prof. Dr. Cláudio Reis

Universidade de Brasília

Prof. Dr. Scott Randall Paine

Universidade de Brasília

Prof. Dr. Marconi Pequeno

Universidade Federal da Paraíba

Dedico a presente dissertação ao meu filho Marcos Paulo, que o Senhor recolheu tão prematuramente aos jardins eternos, deixando a mim e a minha esposa terrivelmente sós, e ao meu filho Daniel, que representa a esperança, o consolo, a reafirmação do amor e da bondade do Pai.

Agradeço a minha amada Simone, cuja força de superação renovou a nossa união e cujos incentivos permanentes impulsionaram os estudos acadêmicos.

Agradeço ao Professor Cláudio Reis, que me estendeu a mão no momento em que o mestrado não fazia mais sentido.

Agradeço ao Professor Gerson Brea, cujas palavras de incentivo e de solidariedade contrastam com a vaidade esterilizante do meio acadêmico.

Agradeço ao amigo Alexandre Nina, que generosamente conseguiu os livros imprescindíveis à elaboração da dissertação.

O Bem é único, está acima do ser, promove nosso sentido de realidade como o sol promove a vida na Terra. As virtudes, as outras formas morais, são aspectos desta idéia central, compreendidas progressivamente como partes interligadas ao Bem. Os atributos da Divindade podem também (na teologia cristã) ser deduzidos a partir de um conceito intuitivo original de Deus. Deve ser lembrado que Platão está se referindo a metáforas, mitos, imagens: não há “outro lugar platônico” similar ao “outro lugar cristão”. O que é mais elevado, como Eckhart observou, está dentro da alma.

Iris Murdoch

RESUMO

Interpretação da **filosofia moral** de **Iris Murdoch**. A presente dissertação é estruturada em torno de três temáticas correlatas a fim de buscar uma compreensão abrangente da **ética** e da **metafísica** da filósofa. São elas: o pluralismo das visões morais, o **bem** e o vazio. A pergunta fundamental que orienta a investigação é sobre a possibilidade ou não de compatibilizar o pluralismo das visões morais e a soberania do Bem. Esta relação ocorre por meio de uma filosofia moral concebida como iconoclasmo criativo, que se nutre da tensão entre forma e contingência, explorando as fissuras e as ambigüidades de vários cenários e conceitos morais tais como retratados por sistemas filosóficos, pelas obras de arte, pela religião e tantas outras atividades humanas investigadas. Por meio da crítica de correntes filosóficas preponderantes, a filósofa delinea o seu programa de recuperação de conceitos e imagens metafísicos, esclarecendo a sua centralidade para o **pluralismo moral**, concebido como a exploração imaginativa do mistério vinculado às visões morais dos indivíduos. O caráter assistemático de sua filosofia bem como a pluralidade de formas adotadas para investigar cenários morais diversos integram a sua concepção de moralidade como uma peregrinação individual em busca do Bem, que envolve a purificação do Eros e o aperfeiçoamento dos estados de consciência. O Bem é a melhor metáfora encontrada para exprimir que a moralidade não pode ser descartada da vida humana. O seu caráter transcendente visa à preservação da consciência moral e do julgamento ético individual como ferramentas críticas para apontar os limites e as falibilidades de toda e qualquer teoria. A sua filosofia é um convite ao leitor para empreender sua própria jornada espiritual, é uma provocação para que os indivíduos não considerem o discernimento entre o bem e o mal uma mera questão de escolha ou de vontade arbitrária, mas um engajamento existencial na tarefa inesgotável de atenção, purificação da energia espiritual, aprimoramento da visão moral, que envolve tanto um aprofundamento íntimo da compreensão do vocabulário moral como uma transformação moral interior. A discussão do problema do mal face ao realismo moral abre caminho para uma análise mais acurada do conceito de vazio, que se revela como idéia-chave para a compreensão do Bem e da própria atividade filosófica.

Palavras-chave: Filosofia moral. Iris Murdoch. Ética. Metafísica. Bem. Pluralismo moral.

ABSTRACT

Interpretation of **Iris Murdoch's moral philosophy**. The present dissertation is structured upon three issues correlated in order to propose a general grasp of **ethics** and **metaphysics** in Iris Murdoch's thought. The issues are: the pluralism of moral visions, the good and the void. The fundamental question, which guides the investigation, is about the possibility of harmonizing her pluralism of moral visions and the sovereignty of the **Good**. This relation comes about by means of a moral philosophy conceived as creative iconoclasm, which is fostered by the tension between form and contingency, exploring fissures and ambiguities of several moral pictures and concepts as portrayed by philosophical systems, by works of art, by religion and so many others human activities investigated. By means of the criticism of predominating philosophical currents, the philosopher draws her recuperation program for metaphysics' concepts and pictures, showing its centrality for **moral pluralism**, thought as an imaginative exploration of the mystery attached to individuals' moral visions. The unsystematic feature of her philosophy, as well as the plurality of adopted forms in order to investigate different moral scenarios, integrates her conception of morality as an individual peregrination in search of the Good, which involves the purification of Eros and the improvement of states of consciousness. The Good is the best metaphor found to express that morality cannot be eliminated from human life. Its transcendent feature intends to preserve moral consciousness and individual ethical judgment as critical tools to point limits and failures of every theory. Her philosophy is an invitation to the reader to undertake his own spiritual journey. It's a challenge to individuals not to regard the discernment between good and evil as a matter of choice or arbitrary will, but as an existential commitment to the ceaseless task of attention, to the purification of spiritual energy, to the improvement of moral vision, which involves an intimate deepening of the comprehension of moral vocabulary as well as an interior moral transformation. The discussion of the problem of evil faced with the Good as a reality principle enables a more accurate analysis of the concept of the void, that reveals itself as a key idea for the comprehension of the Good and of the philosophical activity itself.

Palavras-chave: Moral Philosophy. Iris Murdoch. Ethics. Metaphysics. Good. Moral Pluralism.

SUMÁRIO

<i>INTRODUÇÃO</i>	9
<i>Capítulo 1- O Pluralismo das visões morais</i>	14
1.1 A crítica de Murdoch à Visão Moral Predominante.....	14
1.2 Atenção: Repensando a Moralidade, Redefinindo Conceitos.....	23
1.3 O Pluralismo de forma e de conteúdo: As Limitações da Metafísica	34
<i>Capítulo 2- A Soberania do Bem</i>	48
2.1 Vencendo o ego.....	48
2.2 O caminho da arte.....	55
2.3 Religião sem Deus: a espiritualidade de um mundo em processo de secularização.....	69
2.4 O conceito de Bem.....	79
2.5 Reflexões sobre o vazio e a moralidade.	Erro! Indicador não definido.
<i>CONCLUSÃO</i>	106
<i>REFERÊNCIAS</i>	117

INTRODUÇÃO

Iris Murdoch ocupa um lugar de destaque no debate ético contemporâneo, tendo se notabilizado não apenas como filósofa, mas especialmente como uma das maiores romancistas britânicas do século XX.¹ Nascida em 1919, em Dublin, Iris Murdoch cresceu em Londres, tendo realizado sua formação universitária em Oxford (onde lecionou filosofia) e, posteriormente, em Cambridge. Publicou vinte e seis romances, um volume de poesia e várias peças dramáticas, além de livros de filosofia e diversos ensaios filosóficos em revistas especializadas (ANTONACCIO; SCHWEIKER, 1996, p. XII).²

Pensadores tão diversos como Stanley Hauerwas, Charles Taylor, Susan Wolf, Martha Nussbaum e William Schweiker utilizaram amplamente as reflexões filosóficas de Iris Murdoch para desenvolver suas próprias idéias. Ela antecipou, desde ensaios mais antigos da década de 1950, tópicos fundamentais à agenda ética contemporânea, tais como o papel da visão e da imaginação na argumentação moral, o interesse renovado pela psicologia moral, a virada filosófica para as éticas narrativas, a combinação de particularismo moral e de crítica à razão iluminista e o apelo ao “outro” das éticas pós-modernas (ANTONACCIO, 2001, p. 309).

Em contraste com a riqueza de análises sobre sua obra literária, os estudos sobre sua contribuição para a filosofia moral e para a ética da religião estão apenas começando. (ANTONACCIO, 2001, p. 310). Um dos objetivos da presente dissertação é investigar a influência de sua sensibilidade artística sobre sua filosofia moral, que está em obstinado antagonismo ao furor antimetafísico da filosofia contemporânea. Sua preocupação fundamental é com a afirmação da ubiqüidade do

¹ Entre os vários prêmios e honras conquistados em razão de sua obra literária, a escritora recebeu o *James Tail Black Memorial Prize*, o *Whitbread Literary Award* e o *Booker McConnell Prize*, além de ter sido agraciada com o título de Dama da Ordem do Império Britânico, em 1987.

² Entre as obras filosóficas destacam-se *Sartre, Romantic Rationalist*; *The Sovereignty of Good*; *The Fire and The Sun: Why Plato banished the artists?*; *Acastos: Two Platonic Dialogues* e *Metaphysics as a Guide to Morals*.

valor, representada pela recuperação da noção platônica de Bem. Iris Murdoch quer resgatar imagens, metáforas e cenários metafísicos que foram suprimidos pela crítica à filosofia da consciência e pelo declínio do pensamento religioso. O discernimento moral está vinculado à consciência individual, à peregrinação espiritual em direção ao Bem. (MURDOCH, 1993, p. 250).

Considerada como representante do realismo moral, enquadrada como cognitivista e particularista, sua filosofia assistemática não é de fácil classificação. O centro de sua reflexão filosófica é a transformação moral interior, que se caracteriza pela busca e pelo refinamento incessante de uma visão moral justa, amorosa. É o indivíduo que é atraído pelo Bem, é ele que ama e que busca a perfeição e tem diante de si o imperativo moral de valorar, discernir.

Ao reafirmar o indivíduo como único, singular, centro de valor e significado, a filósofa explora os cenários religiosos (Budismo, Cristianismo...) e as obras de arte como atividades humanas fundamentais para a moralidade. É na arte e na religião que Iris Murdoch vai buscar a singularidade da consciência moral individual, reivindicando o valor e a centralidade da intuição, da especulação, da divagação, da meditação, da oração, da imaginação, em suma, da vida interior. A exuberância da vida interior, da reflexão e do pensamento está diretamente relacionada às intrincadas e majestosas imagens heurísticas características da metafísica.³ A investigação filosófica deve ser uma exploração imaginativa da pluralidade de cenários morais. Qual é a relação estabelecida em sua filosofia entre realismo e pluralismo moral? Será que a reflexão filosófica pode contribuir decisivamente para o aperfeiçoamento moral do indivíduo? Como tornar o ser humano melhor?

³ “A Metafísica inspira-se no exame minucioso do pensador talentoso sobre seu próprio pensamento.” (MURDOCH, 1993, p. 398). Mesmo partindo de uma perspectiva bastante distinta, é notável a afirmação de Hannah Arendt de que “[...] o único registro que temos sobre o que o pensamento como atividade significou para aqueles que o escolheram como modo de vida é o que hoje chamaríamos de “falácias metafísicas”. Talvez nenhum dos sistemas, nenhuma das doutrinas que nos foram transmitidas pelos grandes pensadores seja convincente ou mesmo razoável para os leitores modernos; mas nenhum deles – tentarei argumentar aqui – é arbitrário nem pode ser simplesmente descartado como puro absurdo. Ao contrário, as falácias metafísicas contêm as únicas pistas que temos para descobrir o que significa o pensamento para aqueles que nele se engajam – algo extremamente importante neste momento e sobre o que, estranhamente, existem poucos depoimentos diretos.” (ARENDRT, 1993, p.11-12).

A presente dissertação busca explorar as relações entre metafísica e ética na filosofia de Iris Murdoch. Uma linha de investigação que parece promissora é vincular a recuperação da Metafísica à expansão do campo de investigações éticas. (ANTONACCIO, 2001, p. 313). É preciso questionar o modelo de ética liberal bem como todas as filosofias que procuram eliminar as diferentes visões morais em prol de uma forma única de moralidade. (MURDOCH, 1997, p. 97). A análise da moralidade não pode permanecer centrada exclusivamente em escolhas morais pontuais e na argumentação por meio de razões válidas universalmente. A valorização da fecundidade da pluralidade de visões e atitudes morais é uma reivindicação central de sua filosofia. A filosofia moral deve ser tão diversa quanto os distintos cenários morais que os indivíduos constroem ou utilizam em momentos diferentes de suas vidas. A busca pela verdade passa pela arte, pela religião, pelas moralidades convencionais, mas também por fábulas, histórias individuais de vida, pela imaginação criativa voltada para a superação do egoísmo.

O argumento central da dissertação é que uma abordagem coerente da filosofia de Iris Murdoch precisa explicar a recuperação metafísica da idéia de Bem e a sua simultânea defesa do pluralismo das visões morais. A diversidade de formas de sua reflexão moral (romances, obras filosóficas, peças de teatro, etc.) e a obstinada rejeição ao pensamento sistemático apontam para a relação íntima e crucial entre forma e conteúdo em sua filosofia.

A dissertação está estruturada em dois capítulos e conclusão.

O capítulo primeiro, subdividido em três seções, desenvolve as relações entre pluralismo das visões morais e as críticas de Iris Murdoch à visão moral corrente. A filosofia moral de Iris Murdoch é erigida em oposição às principais correntes da filosofia contemporânea. O capítulo deve apresentar e aprofundar a sua noção de visão moral, explicitando o significado de seu conceito de pluralismo e relacionando-o com a forma de suas reflexões filosóficas.

A primeira seção trata das restrições à visão moral predominante, de índole liberal, behaviorista e empirista. Em contraposição ao programa de eliminação da metafísica, a filósofa defende uma teoria que valorize a multiplicidade de visões morais. A segunda seção aborda as objeções à visão moral existencialista, que é

apontada como a versão mais representativa da visão moral corrente. Em oposição ao homem existencialista, considerado como uma “vontade seletora vazia”, Iris Murdoch vê o indivíduo como incessante constituição do ser, responsável pela construção de seu mundo moral por meio da prática espiritual da atenção. A terceira seção relaciona o pluralismo das visões morais com as censuras de Iris Murdoch à metafísica, em particular ao estruturalismo de Derrida. O pluralismo de Iris Murdoch repele qualquer sistema metafísico de índole totalizante, que tenda a absorver o particular e o contingente. A sua reflexão moral demanda uma pluralidade de formas ao buscar uma conexão com a linguagem ordinária e o senso comum, refutando pretensões sistemáticas. É, antes de tudo, expressão de sua própria peregrinação moral em direção ao Bem.

O segundo capítulo da dissertação discute o conceito de Bem de Iris Murdoch à luz de sua concepção de arte e de religião. Nenhuma discussão sobre a relação entre Metafísica e Ética em Murdoch pode prosperar sem destacar a sua preocupação constante com a relação entre a atividade artística e a percepção moral bem como o seu programa de demitologização, sua defesa de uma teologia sem Deus. Neste ponto, argumenta-se que o seu inabalável compromisso com a superação da crença em um Deus pessoal enfraquece o seu pluralismo das visões morais.

Ao final do segundo capítulo já é possível esboçar a concepção de Bem a partir de sua interpretação da prova ontológica de Santo Anselmo. Seu objetivo fundamental é asseverar que não é possível conceber a vida humana sem moralidade. O discernimento moral está presente em todas as atividades humanas.

A análise do problema do mal suscita a centralidade da concepção de vazio para a sua filosofia, que está intimamente vinculada à destruição de falsas imagens da peregrinação platônica. Propõe-se o conceito de ‘iconoclasmo criativo’ como uma chave hermenêutica para a compreensão de seu pensamento. Sugere-se que a noção de ‘iconoclasmo criativo’ permite a abertura necessária para compatibilizar a soberania do Bem com a pluralidade e diversidade de visões morais antagônicas.

A discussão do conceito de vazio à luz do problema do mal visa a sustentar o argumento fundamental da dissertação: a busca incessante pelo Bem indefinido e

indefinível, transcendente, é o agulhão murdochiano para a contínua exploração e alargamento do campo da ética, reformulação e reconfiguração de conceitos de conteúdo moral, descrição de novas metáforas e visões morais.

Por último, na conclusão, espera-se enfatizar o papel das contribuições de Iris Murdoch para o enriquecimento do debate ético comprometido com o pluralismo das visões morais de mundo. Não se trata definitivamente de uma filosofia moral que prega a neutralidade, ao contrário, combate todo tipo de determinismo, censura filosofias e metafísicas de índole totalitária, preserva a responsabilidade moral do indivíduo, reabilita a reflexão filosófica sobre a vida interior, em suma, propõe novas metáforas, imagens e conceitos capazes de elastecer e impulsionar uma reflexão ética que extrapole os estreitos limites do consenso.

Capítulo 1

O PLURALISMO DAS VISÕES MORAIS

Antes de entender o papel da idéia de Bem em Iris Murdoch é preciso refletir sobre os propósitos da filósofa em resgatar a filosofia moral metafísica. Murdoch se insurge contra o reducionismo da filosofia contemporânea, que afasta a importância da vida interior, da consciência, da arte e da religião para a visão moral do indivíduo. O seu conceito de visão moral está relacionado a uma defesa de um pluralismo que seja capaz de apontar os limites dos pressupostos behavioristas e empiristas da visão moral corrente. Além disso, sua filosofia não pode ser simplesmente enquadrada como determinado tipo de naturalismo, pois censura os grandes sistemas metafísicos que absorvem o indivíduo e as particularidades.⁴ Deste modo, a defesa do pluralismo das visões morais e as severas críticas à Metafísica de Derrida são aspectos de suma importância para a compreensão do cerne de sua filosofia moral.

1.1 A crítica de Murdoch à Visão Moral Predominante

Iris Murdoch critica de forma veemente o que chama de visão corrente da moralidade, cuja característica marcante é um programa de eliminação da metafísica da filosofia moral. Os pressupostos filosóficos da visão moral corrente são amplos e variados:

A descrição corrente de moralidade depende, Murdoch diz, de Hume, Kant e Mill; do behaviorismo de Ryle; de uma visão de significado lingüístico (e seus corolários antimetafísicos) que está vinculada ao princípio de verificabilidade e ao empirismo [...]. De Hume, nós temos o insight de que

⁴ Por Naturalismo entenda-se “a teoria ética que eleva a natureza (ou alguma entidade ontológica dada) a princípio do bem e norma do bom comportamento. Seus adversários acusam tal doutrina de extrair conclusões éticas de premissas não éticas, ou seja, de definir os conceitos éticos por meio de conceitos extra-éticos.” (ABBAGNANO, 2007, p. 813-814). “[...] Nas várias formas de não-cognitivismo ético o conceito de falácia naturalística sofre uma ampliação de significado e vem a denotar toda e qualquer tentativa de extrair juízos de valor dos juízos de fato, ou seja, toda infração à lei de Hume.” (ABBAGNANO, 2007, p. 494).

'nós vivemos em um mundo de fatos desconexos'; de Kant, a idéia de que 'a moralidade é racional e busca razões universalmente válidas'; de Mill, a noção de que 'um credo memorizado é paganismo' [...]. A contribuição de Ryle é que a "mente" deve ser definida em termos de ações públicas observáveis e de modelos de comportamento, e o elemento final é que o significado da linguagem deve ser compreendido em seu uso. (O'CONNOR, 1996, p.5, tradução nossa).⁵

O passo fundamental para a eliminação da Metafísica da Ética foi dado por G. E. Moore ao distinguir entre as seguintes perguntas: Que coisas são boas? O que a palavra 'bem' significa? Esta separação inaugura uma nova fase do pensamento filosófico em que não é mais relevante saber o que é o bem, entendido como uma eterna estrutura presente no universo, mas busca-se analisar a atividade de valorar ou atribuir valores. (O'CONNOR, 1996, p.6).

Moore esclareceu a questão central da ética. O 'Verificacionismo' tanto eliminou a metafísica da ética como nos enviou em busca de uma descrição satisfatória do sentido das proposições morais. Esta descrição é fornecida pela doutrina de que o significado deve ser analisado em termos de uso. A mudança do conceito de mente eliminou os conceitos psicológicos como uma base para a ética e nos mostrou que o "uso" em questão é público e diz respeito às ações manifestas de alguém. [...] A doutrina de que as palavras de conteúdo moral têm tanto significado descritivo como valorativo eliminou a possibilidade de que os julgamentos morais pudessem ser factuais ao tempo em que assegurou a sua racionalidade. (O'CONNOR, 1996, p.7, tradução nossa).⁶

Esta visão liberal de moralidade representa a vida moral do indivíduo como uma série de escolhas públicas que ocorrem em diversas situações específicas. O agente moral é livre, racional e responsável. O conceito moral se compõe sempre de uma descrição objetiva de fatos, seguida por uma aprovação ou desaprovação, ou seja, biparte-se em descrição e valoração. Baseia-se na idéia de autonomia e

⁵ *The current philosophical account of morality depends, Murdoch says, upon Hume, Kant and Mill; upon Rylean behaviorism; upon a view of linguistic meaning (and its animetaphysical corollaries) which is connected with the verificationist principle and empiricism [...]. From Hume we have the insight that 'we live in a world of disconnected facts'; from Kant the idea that 'morality is rational and seeks universally valid reasons'; from Mill the notion that 'a creed learnt by heart is paganism' [...]. Ryle's contribution is that "mind" is to be defined in terms of publicly observable actions and behavior patterns, and the final element is that the meaning of language is to be seen in its use. (O'CONNOR, 1996, p. 5).*

⁶ *Moore clarified the central question of ethics. Verificationism both eliminated metaphysics from ethics and sent us in search of a satisfactory account of the meaning of moral statements. This is provided by the doctrine that meaning is to be analyzed in terms of use. The shift in the concept of mind eliminated psychological concepts as a basis for ethics and showed us that the "use" in question is public and concerned with one's overt actions. [...] The doctrine that moral words have both descriptive and evaluative meaning eliminated the possibility that moral judgments might be factual, while ensuring that they are rational. (O'CONNOR, 1996, p. 7).*

liberdade. O julgamento moral é suscetível de universalização, uma vez que as razões sustentadas pelo agente podem ser válidas para qualquer um posicionado em seu lugar. O julgamento moral universalizável envolve a especificação objetiva da situação em termos de fatos disponíveis à investigação. A moralidade é uma questão de escolha e a linguagem moral é guiada por meio de especificação dos fatos. (MURDOCH, 1997f, p. 77 et seq).

O empirismo norteia todas as características do modelo liberal de moralidade, tais como o método lingüístico (as palavras de conteúdo moral possuem um sentido descritivo e valorativo), as razões válidas universalmente para sustentar argumentos morais, o programa de extirpação da metafísica das questões éticas e a mudança do conceito de mente. Assim, apesar de a ética liberal considerar a si mesma como uma meta-ética, de fato, é apenas uma construção teórica que abertamente incorpora valores morais, acomodando apenas sua própria visão. (O'CONNOR, 1996, p. 10). A opção pelo empirismo restringe demasiadamente o campo de investigações morais por meio da ênfase no comportamento público, observável (visão behaviorista da moralidade).

A visão corrente desvaloriza, ou até mesmo exclui, a vida interior. Por vida interior entenda-se o monólogo, as atitudes pessoais, especulações, visões de vida que se manifestam a todo instante, mas não estão direcionadas imediatamente para a solução de problemas morais específicos. Ora, não é possível olhar para as pessoas levando em consideração apenas suas soluções para problemas práticos, pois em termos de moralidade o que conta é a visão sobre a vida em geral, o seu modo de vida que aparece em seu jeito de falar, em seu silêncio, na escolha das palavras, nos julgamentos sobre os outros, o que considera cativante ou louvável, engraçado, enfim, os seus pensamentos revelados continuamente por meio de conversas e ações. Não se deve limitar a moralidade a escolhas morais definidas e às razões que sustentam estas escolhas. (MURDOCH, 1997f, p. 80-81).

As diferenças morais não devem ser vistas como diferenças de escolhas apenas. Na discussão moral deve-se ter em vista a auto-reflexão, as atitudes em relação à vida que se manifestam em discursos públicos, mas também intimamente, e que não são separáveis em situações específicas. As diferenças morais são diferenças de visão de vida.

Murdoch sustenta que as pessoas são diferentes porque vêem mundos distintos. Se a vida interior das pessoas for considerada na filosofia moral será preciso mudar os conceitos morais da visão corrente. Se a discussão moral extravasar o domínio das ações e das escolhas, é possível ver que as diferenças morais são diferenças de entendimento. São diferenças de história, de metáfora, de vocabulário exprimindo diversas ramificações de conceitos morais. A comunicação de um conceito moral não se limita à especificação dos fatos aberta a qualquer observador. Nem sempre será possível compreender os conceitos morais das pessoas. (MURDOCH, 1997f, p. 82).

A visão corrente teme reconhecer que as diferenças morais são diferenças de visão, porque é muito mais simples considerar o homem como agente livre que avalia os fatos e escolhe racionalmente. A visão moral pode ser profunda, ramificada, difícil de mudar e, sobretudo, fechada à argumentação. A visão corrente quer preservar a todo custo a idéia de liberdade moral. Contudo, seu pressuposto é a visão liberal de que uma perfeita comunicação e uma reflexão desinteressada sobre fatos podem preceder o julgamento moral. (MURDOCH, 1997f, p. 84).

Nem todas as atitudes morais se enquadram no modelo universalizável. Para Murdoch, grande parte da reflexão pessoal é moralmente importante porque constitui a atitude geral da pessoa no dia-a-dia, que se relaciona de variadas maneiras com seus atos morais. As histórias podem ter um significado moral relevante. Uma fábula ou história pode ter implicações práticas e ser entendida como regra universal. A fábula será identificável com regras universais quando expressar um modelo de comportamento socialmente aceitável. Assim funcionam as parábolas de diversas religiões. Contudo, há fábulas de natureza pessoal ou que contêm a concepção de que o indivíduo é único.

Um homem pode refletir profundamente sobre sua vida e ver que ela tem certo sentido, certo tipo de movimento. Um homem pode se ver como separado dos demais, por uma superioridade que traz responsabilidades ou por uma maldição ou um destino único. Estas fábulas podem implicar em julgamentos práticos de grande importância. Seu conteúdo moral não depende da resposta do autor e protagonista das fábulas à seguinte pergunta: Você deseja que alguém colocado em seu lugar aja de igual maneira? Alguns podem responder afirmativamente, outros podem

responder que “é impossível que alguém esteja no meu lugar sem que este alguém seja eu” ou ainda que “ninguém poderia ter o meu destino”. Inquirido sobre as razões de seu comportamento, as respostas poderiam ser diversas tais como: “Você não entenderia”. Ou ainda poderia apresentar razões que só fariam sentido se houvesse um acordo sobre o fato de que o autor da fábula é único. Estes exemplos que Murdoch (1997f, p. 86) utiliza são para mostrar que o modelo da universalização não abarca as diferentes atitudes morais, ao contrário, funciona como uma forma de obscurecer as diferenças.

A filósofa sustenta que há visões morais totalmente incompatíveis com o modelo de universalização de Hare, por exemplo. Ela descreve uma atitude moral que enfatiza os inexauríveis detalhes do mundo, a tarefa interminável de entendimento, a importância de não tipificar indivíduos e situações, a conexão do conhecimento com o amor e do insight espiritual com o único. Nesta visão, as pessoas vivem em um mundo que as transcende. A moralidade é a exploração do mistério que está relacionado com cada indivíduo. Este tipo de visão moral está radicalmente em oposição à visão corrente, que sustenta que as pessoas vivem no mesmo mundo empírico e racionalmente compreensível e que a moralidade é a adoção de regras de conduta universais, sujeitas à argumentação. (MURDOCH, 1997f, p. 88).

A filósofa busca chamar a atenção para o detalhe, para a particularidade. Existem situações obscuras em que as pessoas não podem ser compreendidas e o agente moral, tal como o artista, pode se achar incapaz de descrever algo que de algum modo apreende. A linguagem tem limitações e precisa ser usada de forma criativa, mas o esforço pode ser em vão. A tarefa do filósofo moral é ampliar os limites da linguagem, assim como fazem os poetas, e iluminar as regiões da realidade que estão obscurecidas. Nem sempre será possível compreender e talvez seja necessário escolher sem ter entendido, o que exigirá as virtudes da fé e da esperança. (MURDOCH, 1997f, p. 90-91).

A insistência na identificação da moralidade com regras pode ser encarada como uma tentativa de evitar a ambigüidade do mundo. Há momentos em que deve ser enfatizada não a compreensibilidade do mundo, mas a sua incompreensibilidade. Daí a importância das histórias e parábolas como guias

morais. A ambigüidade das parábolas dependerá da coerência moral do mundo em que é utilizada. A força das parábolas reside no fato de que encarnam uma verdade moral paradoxal, sugestiva e aberta a sucessivas reinterpretações. Estas histórias propiciam, devido a sua concretude e ambigüidade, fontes de inspiração moral que não podem ser fornecidas por regras muito específicas. Assim, as parábolas podem ser úteis ao lidar com situações morais obscuras e ambíguas. Conceitos como amor e esperança podem ser úteis. O uso dessas noções pode ser arriscado, mas parte da vida moral é lidar com riscos. (MURDOCH, 1997f, p. 91-92).

Grande parte do poder de atração da visão liberal reside na sua perspectiva antimetafísica ao combater a falácia naturalística. Murdoch reconhece que muitas das tradicionais críticas contra a Metafísica devem permanecer, por exemplo, ela concorda que a existência de entidades metafísicas não pode ser estabelecida filosoficamente.⁷ A filósofa discorda em retratar a moralidade a partir de um contexto transcendente estabelecido filosoficamente.⁸ Mas isso não significa que os conceitos e metáforas metafísicas sejam inúteis ou sem sentido. Além disso, Murdoch concorda que uma proposição de conteúdo valorativo não pode derivar diretamente de uma proposição de conteúdo factual. Entretanto, o dogma de uma separação rígida entre fatos e valores não deveria servir para excluir cenários metafísicos, concepções naturalísticas que afetam decisivamente as visões morais dos indivíduos. A crença numa estrutura transcendente afeta os valores morais e, portanto, deveria ser investigada pela filosofia moral. (MURDOCH, 1997f, p. 96-97).

A filósofa questiona a distinção rígida entre fatos e valores. Se a visão corrente é apenas uma tomada de posição, uma determinada atitude moral entre outras, a fusão de fato e valor não deveria ser concebida como um “erro filosófico”. Os fatos morais são interpretações de situações em que o conceito moral determina como a situação é. Se o conceito é removido, não se permanece diante da mesma

⁷ Cabe aqui uma indagação. Se a existência de entidades metafísicas não pode ser estabelecida filosoficamente, o mesmo deveria ser válido para a sua inexistência. Infelizmente, o pluralismo das visões morais declina quando a filósofa assume, sem maiores reflexões, que o processo de secularização conduz inevitavelmente ao declínio da crença em realidades sobrenaturais. Para a discussão sobre religião e espiritualidade em Iris Murdoch remete-se o leitor ao capítulo 2, seção 2.3.

⁸ Na seção 1.3, ao discutir o pluralismo de conteúdo e de forma serão esmiuçadas as críticas de Iris Murdoch à metafísica tradicional.

situação ou dos mesmos fatos. Se os conceitos morais são profundas configurações do mundo, então “não haverá fatos por trás dos conceitos”. (MURDOCH, 1997f, p.95).⁹ Examinar os fatos já envolve discernimento moral. (MURDOCH, 1993, p.26).

A liberdade, para Murdoch, não consiste na habilidade de decolar conceitos, mantendo fatos inalterados, e pousá-los em outro lugar. Liberdade é ser capaz de aprofundar e reorganizar o conceito ou transformá-lo em outro. A liberdade é um modo de reflexão que precisa ser alcançado e não uma capacidade de variar escolhas ou um atributo que se possui por definição. (MURDOCH, 1997f, p. 95).

Na visão corrente, a liberdade é concebida como liberdade de escolha pública, e há uma correspondente falta de interesse em diferenças de crença. [...] Mas nossa liberdade não é apenas uma liberdade de escolher e de agir distintamente, é também uma liberdade de pensar e de crer distintamente, de ver o mundo diferentemente, de ver configurações diferentes e descrevê-las com palavras diferentes. As diferenças morais podem ser tanto diferenças de conceito como diferenças de escolha. Uma transformação moral aparece em nosso vocabulário. O modo como vemos e descrevemos o mundo é moralidade também – e a relação disso com nossa

⁹ É fácil entender que a visão moral afeta a maneira como se encara a realidade. Lembre-se da controvérsia acerca da circuncisão feminina, quando a pós-doutora pela Universidade de Chicago Fuambai Ahmadu submeteu-se à circuncisão genital como forma de se integrar à tradição de seus ancestrais. Ela enriqueceu o debate internacional ao chamar a atenção do mundo para a perspectiva das mulheres da etnia Kono, em Serra Leoa. Na visão de muitos konos, as crianças fazem parte da natureza e possuem uma natureza feminina e masculina indefinida. O prepúcio simboliza feminilidade, desse modo a sua excisão significa a masculinização do menino e seu ingresso no mundo adulto. De igual modo, o clitóris exposto simboliza o pênis masculino e sua extirpação significa a feminilização da menina, marcando seu status sexual adulto. Há diversas formas distintas de circuncisão feminina praticadas em 29 países africanos, envolvendo cerca de 130 milhões de mulheres, sendo seu significado variável para as etnias. A pluralidade de significados das práticas rituais é obscurecida pelo termo “mutilação”, utilizado pela militância feminista internacional para transmitir a idéia de dano sério e irreversível à saúde. (SHWEDER, 2009, p.14-15). O uso dos conceitos de “mutilação” ou de “celebração do poder matriarcal” certamente afeta o modo como se entende a questão ou “se enxerga os fatos”. Os termos refletem visões morais distintas. Muito mais grave são os rituais envolvendo infanticídio praticados por inúmeras etnias indígenas no Brasil. Para a antropóloga Marianna Holanda, mestre pela UNB, o termo “infanticídio” não é aplicável aos rituais indígenas. Seriam “estratégias reprodutivas que atingem apenas número reduzido de crianças”. Em sua visão, o bebê indígena não seria uma pessoa ao nascer, tendo em vista que sua personalidade se desenvolve na medida de sua socialização. Seriam mortas apenas as crianças com problemas, que enfrentariam dificuldades futuras de socialização. (GRAMACHO, Maiesse. Estudo contesta a criminalização do infanticídio indígena. **Fórum de Entidades Nacionais de Direitos Humanos**. Disponível em: http://www.direitos.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=5232&Itemid=2. Acesso em 8 jan. 2010.). Mais uma vez a situação muda radicalmente conforme se enxergue pelo prisma de “estratégias reprodutivas” ou de “assassinato de recém-nascido”. A utilização de um ou outro conceito não é uma simples questão de escolha arbitrária, mas de reflexão moral em busca de uma compreensão mais justa e adequada do problema. A utilização de um ou outro conceito, bem como a rejeição de ambos, dependerá da visão moral, dos valores, da história do indivíduo que avalia. Os conceitos fazem a mediação entre o indivíduo e a realidade.

conduta pode ser complicada. (MURDOCH, 1996, p. 249-250, tradução nossa).¹⁰

A principal objeção da visão corrente contra o naturalismo decorre de um argumento moral, de índole liberal, no sentido de que a moralidade precisa ser flexível e sujeita à argumentação, centrada no indivíduo. Neste sentido, realidades transcendentais metafísicas como Deus, História ou a Igreja não deveriam ofuscar a vida moral.

[...] por que não atrelar a moralidade à substância do mundo? – e esta é uma resposta moral. Se você fizer isso, você corre o risco de tornar-se intolerante aos valores dos outros e de parar de refletir sobre seus próprios valores, presumindo-os indisputáveis. Em síntese, se você começar a pensar a moralidade como parte de um modo geral de compreender o universo, como parte de uma estrutura conceitual mais ampla, você pode deixar de ser reflexivo e responsável pela moralidade, você pode considerá-la como uma espécie de fato. E tão logo você considere seu sistema moral uma espécie de fato, e não como um conjunto de valores que existem apenas por intermédio de suas próprias escolhas, sua conduta moral degenerará. [...] (MURDOCH, 1996, p.243, tradução nossa).¹¹

Para Murdoch, não há motivos filosóficos para impedir que a crença em realidades transcendentais forme um sistema de moralidade. São filosoficamente significativas as diferenças de atitudes morais entre os defensores de uma moralidade descritora de atividades empíricas, que devem ser aprovadas ou rejeitadas por meio de argumentação, e os que buscam valores morais em visões, inspirações ou poderes emanados de uma fonte transcendente, que os desafia a fazer descobertas, mas que no momento pouco conhecem. (MURDOCH, 1997f, p. 96).

¹⁰ *On the current view, freedom is conceived as freedom of overt choice, and there is a corresponding lack of interest in differences of belief. [...] But our freedom is not just a freedom to choose and act differently, it is also a freedom to think and believe differently, to see the world differently, to see different configurations and describe them in different words. Moral differences can be differences of concept as well as differences of choice. A moral change shows in our vocabulary. How we see and describe the world is morals too – and the relation of this to our conduct may be complicated.* (MURDOCH, 1996, p. 249-250).

¹¹ [...] *why not attach morality to the substance of the world? – and that is a moral answer. If you do this you are in danger of becoming intolerant of the values of others, and of ceasing to reflect on your own values through taking them too much for granted. In short, if you start to think of morality as part of a general way of conceiving the universe, as part of a larger conceptual framework, you may cease to be reflective and responsible about it, you may begin to regard it as a sort of fact. And as soon as you regard your moral system as a sort of fact, and not as a set of values which only exist through your own choices, your moral conduct will degenerate.* [...] (MURDOCH, 1996, p. 243).

A visão liberal corrente enfatiza a descontinuidade entre o agente moral e o mundo. Vê o agente moral como central, solitário, responsável, apresentando seus valores em sua escolha de atos. O naturalista não vê o agente moral de igual modo, pois acredita que os seres humanos estão imersos numa realidade transcendente. Para o naturalista, a moralidade envolve a progressiva consciência desta realidade e a submissão aos seus ditames. Para ele, o liberal falha em compreender o universo e erra ao se imaginar como a fonte de todos os valores. São diferentes visões morais com conceitos distintos de liberdade. Por que estas visões deveriam ser assimiladas uma à outra? (MURDOCH, 1997f, p. 97).

A preocupação liberal com seus próprios valores suspeita das perspectivas naturalistas e procura enquadrar outras visões morais num único modelo de moralidade. Ao concentrar sua análise sobre certo tipo de moralidade, a moralidade liberal, a visão corrente despreza a exploração imaginativa de outras visões morais. A sua relutância em moralizar, a sua busca por neutralidade, acaba incluindo valores morais furtivamente. A visão liberal não é uma meta-ética, mas uma ética normativa, que escamoteia suas convicções. (O'CONNOR, 1996, p. 35).

Nós devemos, penso, resistir à tentação de unificar o cenário ao tentar estabelecer, guiados por nossa própria concepção de ética em geral, o que esses conceitos devem ser. Tudo que é esclarecido por esse método é: nossa própria concepção de ética em geral – e neste processo diferenças importantes de conceito moral podem ser obscurecidas ou negligenciadas. (MURDOCH, 1996, p. 252, tradução nossa).¹²

Os filósofos têm se enganado ao buscar uma definição única de moralidade. Existem cenários morais distintos a que os indivíduos recorrem ou que o mesmo indivíduo pode usar em momentos distintos de sua vida. Não há razão para que a filosofia seja menos diversa. Para aprimorar sua análise, a filosofia moral deveria ponderar as diferenças considerando as diversas formas de vida e não tentar encontrar uma forma única por trás das distintas visões. (MURDOCH, 1997f, p. 97). As diferentes atitudes morais influenciam diversos cenários de moralidade. Não é necessário optar entre os que acreditam que a moralidade é complexa e diversa e os que acham que é simples e unitária ou entre os que acham que as pessoas são

¹² *We should, I think, resist the temptation to unify the picture by trying to establish, guided by our own conception of the ethical in general, what these concepts must be. All that is made clear by this method is: our own conception of the ethical in general – and in the process important differences of moral concept may be blurred or neglected.* (MURDOCH, 1996, p. 252)

difíceis de entender e os que alegam que as pessoas são, em geral, fáceis de entender. Deve-se, antes, reconhecer que a atitude moral afeta o pensamento do filósofo. (MURDOCH, 1997f, p. 98).

1.2 Atenção: Repensando a Moralidade, Redefinindo Conceitos.

Conforme visto na seção anterior, para Murdoch, a filosofia moral deveria ser uma exploração imaginativa dos diversos cenários morais elaborados pelos indivíduos e correspondentes a diversas formas de vida. O programa de eliminação da Metafísica suprime um vasto campo de investigação moral formado por conceitos, metáforas, idéias, fábulas, enfim, por tudo que não se enquadre dentro dos estritos pressupostos behavioristas e empiristas. Sob o pretexto de fundar uma teoria moral neutra, a visão corrente desqualifica as perspectivas naturalistas, buscando fortalecer seus valores liberais. A construção de um modelo único, assentado apenas sobre uma visão moral, empobrece a reflexão filosófica e é prejudicial, do ponto-de-vista ético, ao conceber o homem como uma vontade seletora vazia. Nesta seção serão abordadas as críticas de Iris Murdoch à visão moral existencialista.¹³ Ao aprofundar as críticas à visão moral corrente, Murdoch delineia o esboço de sua teoria moral.

Logo no início de seu famoso livro *A Soberania do Bem* (MURDOCH, 2006), a filósofa reforça sua concepção pluralista de filosofia moral.

[...] A posição em questão, na filosofia moral corrente, parece-me insatisfatória de dois modos relacionados: ao ignorar certos fatos e ao mesmo tempo impor uma teoria única, que não admite comunicação ou escape para teorias rivais. [...] Suspeita-se que a filosofia da mente não tem de fato executado a tarefa, que o Professor Hampshire recomenda, de selecionar e classificar temas morais fundamentais; ao contrário, tem imposto sobre nós um julgamento de valor particular a pretexto de oferecer

¹³ Iris Murdoch denomina existencialistas filósofos como Sartre, mas também Ayer, Hare e Hampshire. Segundo a filósofa, o traço comum existencialista consiste em identificar a pessoa com uma vontade seletora vazia e em salientar a metáfora do movimento em detrimento da visão. (MURDOCH, 2006, p. 34). O que une existencialistas e positivistas lógicos é uma rígida separação entre fato e valor, em que o valor é situado fora do mundo (MURDOCH, 1997g, p.105).

uma teoria da natureza humana. [...] (MURDOCH, 2006, p. 2, tradução nossa).¹⁴

Diante da visão moral predominante, Iris Murdoch (2006, p.2) tenta produzir, se não uma análise abrangente, ao menos um cenário rival, capaz de cobrir um território mais amplo ou diferente, que possa fazer surgir novos lugares para a reflexão filosófica.

A fim de especificar suas diferenças com a visão corrente, Murdoch escolhe Hampshire como representante do existencialismo. Segundo Hampshire, realidade é o que potencialmente está aberto a distintos observadores. O mundo mental ou interior é dependente do mundo exterior, isto é, tem uma natureza parasitária e obscura.

A exatidão de qualquer processo de pensamento depende da 'possibilidade de ser reconhecido, examinado e identificado por observadores de diferentes pontos de vista; esta possibilidade é essencial para definir qualquer realidade'. 'O jogo da mente, livre de qualquer expressão em discurso audível ou ação visível é uma realidade assim como o jogo de sombras é uma realidade. Mas qualquer descrição disto é derivada da descrição de sua expressão natural em discurso e ação'. (HAMPSHIRE *apud* MURDOCH, 2006, p. 5, tradução nossa).¹⁵

Hampshire separa o pensamento e a crença da vontade e da ação. O pensamento é visto como introdução ou preliminar da ação. O eu é identificado com a vontade. O pensamento, guiado por leis universais, segue seu próprio curso, sem intervenção da vontade.¹⁶

A escolha de Hampshire é justificada pelo fato de que o filósofo explora e explicita pressupostos que são apenas implicitamente admitidos pelas variadas

¹⁴ [...] *The position in question, in current moral philosophy, is one which seems to me unsatisfactory in two related ways, in that ignores certain facts and at the same time imposes a single theory which admits of no communication with or escape into rival theories. [...] One suspects that philosophy of mind has not in fact been performing the task, which Professor Hampshire recommends, of sorting and classifying fundamental moral issues; it has rather been imposing upon us a particular value judgment in the guise of a theory of human nature. [...]* (MURDOCH, 2006, p. 2).

¹⁵ *The definiteness of any thought process depends upon the 'possibility of [its] being recognized, scrutinized and identified by observers from different points of view; this possibility is essential to any definite reality'. 'The play of the mind, free of any expression in audible speech or visible action is a reality, as the play of shadows is a reality. But any description of it is derived from the description of its natural expression in speech and action'. (HAMPSHIRE *apud* MURDOCH, 2006, p. 5).*

¹⁶ Grande parte da filosofia moderna, seguindo Kant, não encontra lugar no mundo empírico (científico) para o valor, vinculando-o, assim, diretamente à operação da vontade (MURDOCH, 1997d, p. 195).

vertentes do pensamento filosófico contemporâneo. Além disso, a visão de ser humano adotada pelo existencialismo corresponde ao herói de quase todo romance contemporâneo. (MURDOCH, 2006, p. 7).

Na visão existencialista, a ênfase é colocada sobre a clareza de intenção, ou seja, é possível obter conhecimento sobre a situação e uma nítida conceituação de todas as possibilidades. O ser humano aparece no movimento de suas escolhas públicas. A vontade é isolada da crença, da razão, do sentimento e é entronizada como o centro fundamental do eu. A moralidade é uma questão de pensar claramente para depois proceder às negociações públicas com outros homens. É como visitar uma loja. O consumidor entra na loja para exercer a sua liberdade de avaliar objetivamente os produtos e escolher. (MURDOCH, 2006, p. 8).¹⁷

As conseqüências desta visão moral são devastadoras. A vida interior é totalmente relegada como esfera moral. A razão é limitada a descrições neutras, objetivas. Como a vontade é pura escolha, puro movimento, e não pensamento ou visão, o vocabulário moral é restrito a palavras esvaziadas de significado tais como bem ou justo. O bem ou justo são vazios porque são rótulos aplicados pela vontade solitária e soberana. Deste modo, o vocabulário moral secundário (coragem, humildade, amor, fé, esperança, honestidade, paciência, etc.) também é desprezado.

De acordo com a visão existencialista, para descobrir o significado do conceito 'vermelho' é preciso verificar sua estrutura pública. Os conceitos são aprendidos publicamente e não há outro modo de conhecê-los, uma vez que o conhecimento envolve a rigidez do teste público. As imagens particulares e conceitos privados ou não existem ou são inúteis. Para aprender o que significa 'decisão', 'ira' ou 'ciúme' é necessário observar o padrão de comportamento daqueles que tomaram uma decisão e agiram em seguida ou que demonstram sua ira ou seu ciúme. Como os objetos de pensamento ou entidades interiores não podem ser diretamente apresentados para os outros, mas apenas verbalizados por

¹⁷ Ainda que Iris Murdoch não aprofunde a comparação do processo decisório do agente moral com a visita do consumidor à loja, é relevante notar que a cultura consumista inequivocamente tem exercido poderosa influência sobre os relacionamentos humanos e a moralidade.

descrições de imagens, conceitos, palavras, não resta dúvida de que o interior depende dos conceitos aprendidos publicamente. Uma decisão interior que não corresponda a uma ação não é de fato uma decisão. (MURDOCH, 2006, p. 11 *et seq*).

O que estou fazendo ou sendo não é algo privado e pessoal, mas é imposto a mim no sentido de ser identificável apenas por meio de conceitos públicos e de observadores objetivos. Autoconhecimento é algo que aparece manifestamente. Razões são razões públicas, regras são regras públicas. [...] A moralidade reside no momento da ação. O que eu sou 'objetivamente' não está sob meu controle; lógica e observadores decidem isso. O que eu sou 'subjetivamente' é uma vontade livre, solitária, sem substância. A personalidade é reduzida ao nível da vontade pura. (MURDOCH, 2006, p. 15-16, tradução nossa).¹⁸

É interessante acentuar que Iris Murdoch admite a relevância da análise genética de conceitos mentais (teste público de validade) para questões levantadas pelo empirismo britânico e para certo âmbito filosófico de discussão de problemas sobre percepção e sobre os universais. Outro inegável avanço é o pronto reconhecimento de que alguém pode estar enganado quanto ao que pensa ou sente. Sua preocupação está na transposição desta visão para as questões morais. (MURDOCH, 2006, p. 15).

A fim de salientar a importância da vida interior para a moralidade, a filósofa propõe a história da sogra (M) e da nora (D). A sogra pensa que a nora é uma boa moça, entretanto, apesar de não ser vulgar, ela é deselegante, sem boas maneiras e sem compostura. A nora é impertinente, inoportuna, sem cerimônia, algumas vezes rude. Ela é enfadonhamente imatura. A sogra não gosta de seu sotaque e de suas roupas e lamenta que seu filho tenha casado com alguém inferior a ele.

Para a validade do exemplo, Murdoch insiste que, apesar de seu julgamento, M é uma pessoa correta e procura tratar bem a nora, sem deixar transparecer sua real opinião. A sogra trata a nora cordialmente, de modo que seu mau juízo não é percebido por ninguém. O tempo passa, o casal pode ter emigrado ou a nora pode

¹⁸ *What I am doing or being is not something private and personal, but is imposed upon me in the sense of being identifiable only via public concepts and objective observers. Self-knowledge is something which shows overtly. Reasons are public reasons, rules are public rules. [...] Morality resides at the point of action. What I am 'objectively' is not under my control; logic and observers decide that. What I am 'subjectively' is a foot-loose, solitary, substanceless will. Personality dwindles to a point of pure will.* (MURDOCH, 2006, p. 15-16).

ter morrido. M poderia manter firmemente a sua queixa e fixar sua imagem da nora, aprisionada pela idéia de que o coitado do seu filho casou com uma moça tola e simplória. Contudo, M é inteligente, bem-intencionada, capaz de autocrítica. M é capaz de direcionar uma atenção justa e meticulosa sobre um objeto que a confronta. Desse modo, M pensa sobre si mesma e admite que é antiquada, convencional, sendo até mesmo um pouco preconceituosa, tacanha e esnobe. Além disso, certamente tem ciúmes do filho. Assim, acredita que vale à pena atentar verdadeiramente em D. Esta atenção pode ocorrer por meio de observação ou de reflexão deliberada sobre a nora, que pode estar distante ou já ter falecido. O fundamental é que nada muda no comportamento da sogra, tudo se passa em seu interior. M descobre que D não é vulgar, mas simples, não é impertinente, mas espontânea, não é barulhenta, mas alegre. Ao invés de enfadonhamente imatura, a nora é, de fato, encantadoramente jovial, e assim por diante. (MURDOCH, 2006, p.16-17).

Na vida real, alguém poderia supor que a sogra está apenas se iludindo, recusando-se a aceitar o péssimo matrimônio de seu filho, mas este não é o foco. A mudança de visão da sogra é motivada pelo amor ou pela justiça. O ponto é que, apesar de não haver nenhuma alteração em seu comportamento, M foi ativa, fez algo que vale à pena ser exercitado. Houve atividade moralmente relevante, sem manifestação exterior. Murdoch insiste na importância de ser possível, em termos filosóficos, admitir que haja atividade moral sem ação exterior. (MURDOCH, 2006, p. 19).

Ao incluir no cenário moral a atividade interior de M, a reflexão deixa de ser concebida como meramente preliminar à ação. M está continuamente ativa, fazendo progressos. O foco desloca do momento da escolha da vontade e da ação para a progressiva e ininterrupta atividade valorativa de M. O ser humano moral é visto como uma incessante construção do ser. Esta luta interior para alcançar uma visão amorosa e justa sobre outra pessoa é corriqueira nos romances. É também bastante íntima e pessoal, ocorrendo independentemente de diálogo com outros. A tarefa de atenção é inesgotável, gradual, pressupõe um progresso em direção a um ideal de perfeição. (MURDOCH, 2006, p. 22-23).

A revolução copernicana da filosofia moderna consiste em retirar a noção de certeza do interior para o exterior: regras públicas determinam o que é certo. A preocupação filosófica é salvaguardar a noção de “mundo impessoal dos fatos”. As pessoas e os particulares não se enquadram neste modelo. Considere o indivíduo que pondera o seu sentimento de arrependimento. É claro que, inicialmente, ele deriva o significado de arrependimento das vizinhanças de seu uso público, entretanto, ele aprofunda o conceito em sua privacidade, fazendo um uso especializado e pessoal. Os conceitos morais sujeitam-se a este tipo de utilização privada, relacionada à história do usuário. (MURDOCH, 2006, p. 24-25).

Se o indivíduo e sua história são incluídos no cenário moral, a realidade objetiva não cabe mais no mundo descrito cientificamente, mas deve levar em conta as contínuas redefinições e reavaliações do indivíduo ao longo de sua história. O sentido de arrependimento pode variar no curso da vida do indivíduo e o seu completo significado é uma parte desta vida, não podendo ser compreendido fora de contexto. O que está em jogo é a dominação da ciência sobre a filosofia e a moralidade. A ciência pode instruir a moralidade em certos pontos e até alterar a sua direção, mas não pode conter a moralidade ou a filosofia moral. Os conceitos morais não se movimentam dentro de um mundo de fatos estabelecido pela ciência e pela lógica. Os conceitos morais constituem, para diferentes propósitos, mundos diferentes. (MURDOCH, 2006, p. 25 **et seq**).

O mundo que confronta o indivíduo não é um mundo de fatos, mas é um mundo sobre o qual a sua imaginação já operou. Esta operação da imaginação freqüentemente degenera em uma fantasia ou ilusão e pode inclusive deturpar a visão da realidade. A formulação de juízos sobre outras pessoas deve proceder imaginativamente e sob a influência direta da vontade. Imaginar é agir, é uma espécie de exploração íntima da realidade. É preciso atentar nas pessoas, depositar alguma fé nelas. A justiça e o realismo podem exigir a promoção de alguns cenários e a inibição de outros. Cada um vive e escolhe dentro de um mundo parcialmente privado e parcialmente fabricado. Não é possível purgar o mundo que confronta o indivíduo de seus elementos pessoais. Afinal, é próprio do ser humano saber além do que pode ser provado, conceber uma realidade que suplanta os fatos. (MURDOCH, 1997d, p. 199).

O cenário moral existencialista deixa muito a desejar quando se inclui a idéia de indivíduo e de perfeição. Amor é conhecimento do particular. A tarefa de atenção é interminável. À medida que a atenção é refinada, os conceitos morais mudam. As palavras são estáveis, mas os conceitos mudam. O conceito de coragem de um indivíduo aos quarenta anos não é o mesmo que possuía aos vinte. Conhecer o sentido das palavras não significa apenas conhecer o sentido da linguagem comum, de acordo com o seu uso público. Existe uma outra forma de conhecer o significado de conceitos de conteúdo moral. O indivíduo, situado historicamente, precisa aprender o significado e o movimento de aprofundamento da compreensão é progressivo em direção à privacidade, ao ideal limite. (MURDOCH, 2006, p. 28). Existe um uso privado dos conceitos.

Murdoch quer salientar a historicidade dos conceitos e sua relação com o progresso moral dos indivíduos. Daí a importância do vocabulário moral secundário, que funciona tanto como instrumento quanto sinal de aprendizagem.

Como Platão observa ao final do *Fedro*, as palavras em si mesmas não contêm sabedoria. Palavras ditas a indivíduos particulares em momentos particulares podem ocasionar sabedoria. Palavras, além disso, têm tanto um contexto espaço-temporal como conceitual. Nós aprendemos através de atenção a esses contextos, o vocabulário se desenvolve através de atenção meticulosa aos objetos, e nós podemos apenas compreender os outros se nós pudermos parcialmente compartilhar seus contextos. (Frequentemente não podemos.) [...] (MURDOCH, 2006, p. 31, tradução nossa).¹⁹

A vinculação da linguagem a contextos de atenção tem conseqüências filosoficamente relevantes. A linguagem é mais idiossincrática do que se admite e as razões não são necessariamente razões públicas. Para que as pessoas se entendam é necessário que estejam atentas umas às outras ou que compartilhem os mesmos objetos de atenção, uma vez que a atenção afeta o grau de elaboração do vocabulário comum. A linguagem moral é desenvolvida no contexto de atenção. Esta conclusão é temida e evitada pela visão existencialista, que insiste num modelo científico de razão. A linguagem científica almeja impessoalidade e exatidão para fins de trabalho em equipe. A linguagem moral lida com uma realidade infinitamente

¹⁹ As Plato observes at the end of the *Phaedrus*, words themselves do not contain wisdom. Words said to particular individuals at particular times may occasion wisdom. Words, moreover, have both spatio-temporal and conceptual contexts. We learn through attending to contexts, vocabulary develops through close attention to objects, and we can only understand others if we can to some extent share their contexts. (Often we cannot.) [...] (MURDOCH, 2006, p. 31).

mais complexa e variada do que a realidade científica e, portanto, é freqüentemente idiossincrática e inacessível. (MURDOCH, 2006, p. 32-33).

É imprescindível observar que Iris Murdoch desenvolve seu conceito de atenção em firme oposição à visão existencialista. Ora, para o existencialismo não há nada moralmente relevante para ver. O mundo ordinário dos fatos está aberto à inspeção de todos. O foco está no agente moral que, após investigar o mundo dos fatos, escolhe suas razões e age. A liberdade está no movimento da vontade solitária. (MURDOCH, 2006, p. 34).

O recurso à idéia de atenção permite deslocar o problema moral do momento da decisão para o processo gradual de transformação moral interior, destacar o papel do vocabulário moral secundário e debilitar a separação entre fato e valor. Afinal, o indivíduo exerce sua escolha a partir do mundo que vê. Uma visão clara do mundo depende de imaginação e de esforço moral por parte do indivíduo. Quando se insere no cenário moral a atenção, o seu exercício contínuo e a sua imperceptível operação de construção de estruturas de valor ao redor das pessoas, não é surpresa descobrir que, no momento crucial da tomada de decisão, a maior parte da atividade de escolha já foi realizada. (MURDOCH, 2006, p. 36).

O juízo moral não ocorre apenas por meio de intenções, decisões, escolhas, mas acontece, em grande medida, por meio do constante e discreto trabalho da atenção e da imaginação. Quando os momentos de decisão chegam, o indivíduo vê e é atraído pelo mundo parcialmente criado por ele mesmo. O indivíduo é obscuro para si mesmo porque o mundo que vê já contém seus valores. Ele pode não estar consciente dos lentos e delicados processos operados pela imaginação e pela vontade para introduzir valores no mundo. (MURDOCH, 1997d, p. 200).

É preciso assumir a responsabilidade moral pela fabricação do mundo, por mais difícil que seja controlar o processo. A realidade extrapola os fatos. Para ver a realidade é preciso esforço e refinamento da imaginação. É o que ocorre quando se deseja conhecer alguma pessoa mais a fundo ou apreciar uma grande obra de arte.

Se a maior parte das crenças dos indivíduos é ou pode ser resultado de uma atenção resoluta, o realismo sobre o mundo requer virtudes e não apenas um pensamento imparcial ou neutro. A liberdade moral não pode ser definida sem

referência a virtudes. O ideal de homem livre não pode ser rebaixado ao homem medíocre que alcança suas metas. Ser livre é existir lucidamente sem medo e perceber o que é real. O inimigo da liberdade é a fantasia, o mau uso da imaginação, que é uma inclinação implacável no homem. (MURDOCH, 1997d, p. 201-202).

Atenção reside em um olhar justo e amoroso sobre uma realidade particular, que pode consistir em indivíduos ou realidades particulares de outra espécie.²⁰ Realidade é uma palavra normativa que se opõe à visão distorcida, fabricada pela fantasia. Neste contexto, o que acontece entre os momentos de decisão moral é que é fundamental. A atenção requer uma vontade deliberada, um esforço para superar os estados de ilusão. (MURDOCH, 2006, p. 36).

A liberdade não pode ser separada do conhecimento. É claro que o conhecimento em questão não é o saber científico, impessoal sobre o mundo dos fatos, mas uma percepção honesta e refinada sobre a realidade, um discernimento justo e paciente, uma exploração sobre aquilo que confronta o indivíduo. Não consiste apenas em abrir os olhos, mas requer um determinado tipo de disciplina moral. (MURDOCH, 2006, p. 37).

O discernimento e a exploração da realidade exigem tempo. A transformação e a conquista moral são lentas. Não existe esta liberdade de mudar a si mesmo subitamente, uma vez que não é possível alterar repentinamente aquilo que se vê e que se deseja. O momento da escolha é menos importante, menos decisivo. Se alguém cultivar a atenção adequadamente, espera-se que ao chegar o momento da decisão não haverá mais escolha alguma a ser realizada. (MURDOCH, 2006, p. 38). Quando se trata de considerar amorosa e pacientemente uma pessoa, uma coisa, uma situação, a vontade é mais bem retratada como um ato de obediência e não como um movimento livre e desimpedido.

Para Murdoch, a vontade e a razão não são faculdades inteiramente separadas. A vontade influencia continuamente as crenças para melhor ou para pior. O agente moral deve buscar ver de forma justa, superar preconceitos, evitar

²⁰ O termo 'atenção' é emprestado de Simone Weil (MURDOCH, 2006, p. 33).

tentações, deve tentar guiar a imaginação, direcionar a reflexão. O agente é compelido pela realidade que vê. A obediência à realidade é um exercício de amor. Um dos motivos para que o Bem seja indefinível é porque está vinculado à infinita dificuldade de apreender uma realidade magnética, mas inexaurível. A apreensão do Bem é apreensão da realidade e do particular. (MURDOCH, 2006, p. 39 **et seq**).

Conforme visto, as noções de 'atenção', 'imaginação', 'fantasia' em Iris Murdoch têm a função precípua de contraposição à visão moral existencialista. A vontade e a liberdade para Murdoch possuem significados inteiramente distintos se comparados com a perspectiva moral corrente. Sua preocupação fundamental é evitar que a reflexão filosófica seja totalmente dominada por uma visão científica de mundo. A moralidade não deve ser tragada pela ciência. É preciso desafiar a teoria genética do significado para incluir no cenário o vocabulário moral secundário e a historicidade do indivíduo. De igual modo, o conhecimento deve estar vinculado ao Bem e a distinção rígida entre fato e valor precisa ser revista, pois só assim será possível refletir sobre o desenvolvimento da visão moral dos indivíduos.

Será que a ênfase de Murdoch sobre ver a realidade não é a sua forma de impor uma única visão de mundo? Será que ela não está substituindo um cenário moral por outro, incidindo no mesmo equívoco atribuído à visão moral corrente? A realidade é afinal única ou plural? A sua visão de mundo comporta moralidades distintas ou tende à moralidade única? Apenas ao final da dissertação será possível sugerir algumas respostas mais elaboradas a estas perguntas. O conceito de Bem, a ser explorado no segundo capítulo, é certamente fundamental para enfrentar estas questões. Entretanto, algumas pistas podem ser adiantadas com base no que já foi investigado.

Primeiramente, é importante lembrar que, apesar das limitações da visão corrente, Iris Murdoch afirma a importância do teste público de validade em certo âmbito filosófico. Assevera, entretanto, que a análise genética do significado não deve ser o padrão para a filosofia moral, pois implicaria na eliminação de conceitos e metáforas relevantes, bem como na supressão da vida interior do indivíduo,

historicamente considerado. Por outro lado, mesmo no campo da ética, a visão corrente cumpre algum papel, sendo aplicável a um restrito âmbito do cenário moral.

Nós não somos sempre o indivíduo buscando o indivíduo, nós não estamos sempre respondendo à atração magnética da idéia de perfeição. Frequentemente, por exemplo, quando nós pagamos as contas ou realizamos pequenas tarefas diárias, nós somos apenas 'qualquer um' fazendo o que é adequado ou realizando escolhas simples baseadas em razões públicas ordinárias; e esta é a situação que alguns filósofos têm escolhido analisar de forma exclusiva. (MURDOCH, 2006, p. 41, tradução nossa).²¹

Iris Murdoch reconhece que a ação pública, manifesta é extremamente relevante em si mesma, do ponto-de-vista moral, além de ser poderoso estímulo à reflexão interior. Para a filósofa, é perfeitamente possível decidir agir com base em regras abstratas, sem atentar para a visão moral, e, ainda assim, receber de maneira inesperada visão e energia. Sua intenção não é eliminar ou substituir a visão corrente, antes, busca iluminar áreas da reflexão moral que estavam sendo injustamente ignoradas ou repudiadas, bem como apontar os limites e os equívocos do cenário moral predominante.²²

Quanto ao termo 'realidade', a filósofa está bastante ciente de suas limitações e dificuldades filosóficas. Não se trata de estabelecer um sentido único organizado. Em sua opinião, o real pode ser não-empírico sem ser sistemático. (MURDOCH, 2006, p. 39).

[...] esta 'realidade', que nós somos naturalmente conduzidos a conceber como revelada pela 'atenção' justa, pode evidentemente, dada a variedade de personalidades humanas e de situações, ser pensada como 'única', como um objeto singular para todos os homens, somente em algum sentido ideal e muito remoto. (MURDOCH, 2006, p. 37, tradução nossa).²³

²¹ *We are not always the individual in pursuit of the individual, we are not always responding to the magnetic pull of the idea of perfection. Often, for instance when we pay our bills or perform other small everyday acts, we are just 'anybody' doing what is proper or making simple choices for ordinary public reasons; and this is the situation which some philosophers have chosen exclusively to analyse.* (MURDOCH, 2006, p. 41). A perspectiva de uma limitação do campo da ética é totalmente revisada em sua última obra *Metafísica como Guia Moral* (1993, p. 495), em que a ubiqüidade do valor é afirmada reiteradamente. Entretanto, a citação continua sendo válida no sentido de que ela não pretende abolir ou recusar aplicação moral a outras visões filosóficas de moralidade.

²² Em sua última e mais importante obra, Iris Murdoch afirma que, em geral, o empirismo é um aspecto essencial de boa filosofia, assim como o utilitarismo é um aspecto essencial de boa filosofia moral, pois representam o que não pode ser ignorado, lembram o contingente (1993, p. 236). Além disso, a filósofa incorpora e enaltece em sua visão moral a importância do dever e de axiomas.

²³ [...] *that 'reality' which we are so naturally led to think of as revealed by just 'attention', can of course, given the variety of human personality and situation, only be thought of as 'one', as a single object for all men, in some very remote and ideal sense.* (MURDOCH, 2006, p. 37).

Já foi mencionado que a realidade é termo normativo, erigido em oposição à fantasia. Em situações particulares, as pessoas comuns compreendem que a realidade é revelada ao paciente olhar do amor. A filósofa ilustra a realidade no percurso espiritual da sogra que busca ver a nora sob uma perspectiva mais justa e amorosa. (MURDOCH, 2006, p. 39). Assim, parece que a realidade em Murdoch está vinculada ao compromisso interior com o aperfeiçoamento da própria visão moral por meio da atividade de atenção. O real aponta mais para a determinação em trilhar a peregrinação moral e espiritual que para um suposto cenário único transcendente. A idéia do Bem indefinível já sugere o sentido de processo, caminhada, desenvolvimento.

Por último, nunca é demais lembrar que Iris Murdoch avalia sua teoria moral como um esboço de uma teoria metafísica, uma espécie de naturalismo não-dogmático, inconcluso, que é dotado da circularidade de definição típica de tais teorias. Sustenta, ainda que, sua teoria deve ser julgada segundo sua capacidade de conectar, iluminar, explicar e proporcionar novos e frutíferos lugares de reflexão. (MURDOCH, 2006, p. 43-44).

É preciso ainda explorar minuciosamente como na filosofia moral de Iris Murdoch realismo e pluralismo se entrelaçam na forma de apresentação de suas reflexões e no conteúdo de suas idéias. Antes, entretanto, devem ser acentuadas as fortes objeções de Iris Murdoch à tradição metafísica.

1.3 O Pluralismo de forma e de conteúdo: As Limitações da Metafísica

A visão moral de Iris Murdoch é apresentada de forma radicalmente assistemática e se manifesta por meio de vinte e seis romances, um volume de poesia, ensaios em revistas filosóficas, peças de teatro, livros de filosofia. A amplitude dos temas abordados também é notável, destacando-se filosofia moral,

arte, religião, literatura e política. Existe alguma relação entre conteúdo e forma na obra de Iris Murdoch?

É claro que a condição de escritora afeta profundamente sua visão moral e não é de surpreender que sua filosofia enfatize a relação entre arte e reflexão moral a todo instante. Ela reivindica um pensamento filosófico que assegure um espaço insubstituível para a intuição, a imaginação, a divagação, o místico ou espiritual, a reflexão interior, o indivíduo e a consciência. Criar personagens ou imaginar histórias exige observação amorosa e atenta à realidade dos indivíduos singulares, únicos, demanda amor ao contingente, ao inesgotável, ao mistério e à falta de sentido da vida. Nesta seção, serão examinadas as críticas de Iris Murdoch à pretensão sistemática da Metafísica tradicional e ao estruturalismo de Derrida.²⁴ Suas idéias apontam para a necessidade de uma reflexão filosófica que incentive e seja, ao mesmo tempo, uma peregrinação espiritual em direção à transformação moral interior em busca do Bem. É a partir do centro de sua filosofia moral que é possível estabelecer os laços profundos entre o pluralismo das visões morais e o pluralismo das formas.

Em sua última e mais notável obra, *Metafísica como Guia Moral* (1993), Iris Murdoch concentra suas críticas mais ferozes ao Estruturalismo de Derrida, concebido como um determinismo filosófico que suprime o indivíduo e sua responsabilidade moral, a verdade, o particular, o contingente, a consciência, o valor, a moral, em prol de uma metafísica totalizante da linguagem.

Derrida declara o fim da filosofia e o início de uma nova forma de pensar. Apoiado em truísmos e verdades parciais, o cenário estruturalista elimina o indivíduo como usuário autônomo da linguagem. A rejeição do ‘cogito’ cartesiano é hipostasiada ao ponto de afirmar que, não havendo sujeito de conhecimento, de fato, não há sujeito. O que existe é uma rede de significados da linguagem, sob a qual nada existe. Nenhum falante realmente sabe o significado do que diz. Não são os indivíduos que usam a linguagem, mas a linguagem que se expressa por meio dos indivíduos. Os conceitos e seus significados estão sempre se reportando a

²⁴ É preciso ponderar que, a rigor, a filosofia de Derrida não é estruturalista, entretanto, Iris Murdoch insiste todo o tempo na expressão “estruturalismo de Derrida”.

outros conceitos e a outros significados em relação aos quais o falante não possui sequer consciência. As palavras, os conceitos não se reportam a objetos no mundo exterior, mas adquirem significado por meio da relação com outras palavras. (MURDOCH, 1993, p. 187).

Toda a ênfase de Derrida está na palavra escrita, concebida como parte de uma vasta estrutura metafísica em que os significados surgem da mútua relação entre os signos. Os significados transcendem a conversa dos falantes. Esta linguagem transcendente é a 'archi-écriture' ou escrito primordial. Todo significado é marcado por rastros deixados por outros, por similaridades e diferenças extremamente remotas. Os falantes não possuem, em um nível profundo, o controle do mecanismo pelo qual a linguagem elabora os significados, assim, não sabe o que dizem. (MURDOCH, 1993, p. 188).

No âmbito da crítica literária, a desconstrução insiste na investigação do sentido oculto do texto, na descoberta da linguagem primordial, que está fora do alcance das intenções do autor. O estruturalismo é uma espécie de metafísica esotérica, em que o "desconstrutor" ideal, como uma espécie de cientista, demonstra que as coisas não são aquilo que parecem. O leitor e o autor da obra literária compreendem ingenuamente o fenômeno, sendo incapazes de perceber o real significado revelado apenas pela desconstrução. A obra desconstruída é a verdadeira obra. O crítico literário, para o estruturalismo, é um especialista em posição superior, capaz de oferecer uma análise final, cabal da obra literária. (MURDOCH, 1993, p. 189-190).

A preocupação fundamental de Iris Murdoch (1993, p. 190) é com a elaboração de novas formas sofisticadas de determinismo, que vêm ao encontro do desejo humano de libertação de todas as responsabilidades, de remorso, de inquietudes em prol de uma aceitação alegre do destino e do alívio decorrente da convicção de que "não poderia ser de outro modo."²⁵

²⁵ Hannah Arendt exprime a mesma preocupação ao elogiar os tribunais penais internacionais sobre crimes de guerra: "[...] essa instituição particular se baseia na pressuposição da responsabilidade e culpa pessoal, por um lado, e na crença no funcionamento da consciência, por outro. As questões legais e morais não são absolutamente as mesmas, mas têm em comum o fato de que lidam com pessoas e não com sistemas ou organizações. É uma inegável virtude do judiciário seu dever de

O Estruturalismo é o pensamento típico de uma era de predomínio da ciência, de refutação da religião e de relativização de todos os valores morais. As teorias que afirmam a relatividade, o subjetivismo, a determinação histórica e psicológica de todos os valores, assim o fazem para defender sistemas de valores ocultos e dissimulados, com objetivos políticos ou estéticos. Os valores do estruturalismo são o academicismo, o talento, a originalidade, o insight inteligente, mas, acima de tudo, o determinismo. A inspiração da filosofia pré-socrática é combinada de forma original com os avanços da física para evocar uma visão da realidade como mar de micro-eventos em que a individualidade e a liberdade são necessariamente ilusórias. Contudo, as descobertas dos prótons e do DNA não provam a inexistência do livre-arbítrio, apenas servem como exemplos para reforçar um ponto-de-vista filosófico, o determinismo, sob aparência de cientificidade. (MURDOCH, 1993, p. 204).

Ao confinar o significado dentro do sistema auto-referencial da linguagem, o estruturalismo aparta significado e verdade, proscreeve a noção de que a verdade se refere a algum tipo de relação com uma realidade não-lingüística. Não é apenas a teoria da correspondência que é eliminada, mas qualquer teoria sobre a verdade. O mundo não é mais transcendente e sim a linguagem. Não há lugar no cenário estruturalista para o contingente, para as afirmações feitas por indivíduos em um contexto particular extralingüístico, em que as idéias de verdade e de veracidade possam fazer sentido. A consciência individual é apresentada como ilusão. Assim, um grande mérito de Derrida é despertar a filosofia moral para o fato de que a própria idéia de indivíduo não pode mais ser pressuposta, mas precisa ser repensada e defendida. (MURDOCH, 1993, p. 193).

focar a atenção no indivíduo, e isso até na era da sociedade de massas, em que todos os indivíduos são tentados a se considerarem um simples dente de engrenagem em alguma espécie de maquinaria [...] A transferência quase automática de responsabilidade que ocorre habitualmente na sociedade moderna sofre uma parada repentina no momento em que se adentra a sala de um tribunal. [...] Não importa o que possam dizer as modas científicas da época, não importa quanto elas possam ter penetrado na opinião pública e com isso também influenciado os profissionais da lei, a própria instituição as desafia inteiramente, e deve desafiá-las ou desaparecer. E no momento em que se chega ao indivíduo, a pergunta a ser feita não é mais: Como esse sistema funciona?, mas: Por que o réu se tornou funcionário dessa organização?" (ARENDRT, 2004, p. 121).

Iris Murdoch compara a moralidade e o pensar com a atividade de um historiador consciencioso. O historiador tenta compreender os dados heterogêneos, busca entender fragmentos separados, classificando-os, situando-os em grupos ou sistemas. Ele mantém sua atenção, seu foco, retornando a trabalhar sobre os fragmentos incoerentes, que não se encaixam. Estes fragmentos recalcitrantes poderão promover uma revisão do seu método, a refutação de suas teorias e até mesmo inspirar criativamente um novo modo mais verdadeiro de olhar para a história. (MURDOCH, 1993, p. 195).

A investigação da verdade no curso da vida ordinária envolve testes múltiplos de coerência em relação a variados tipos de dados extralingüísticos. A idéia fundamental de correspondência implica no reconhecimento da atividade constante de comparação e contraste da linguagem com uma realidade ainda não organizada segundo necessidades e propósitos. O indivíduo conceitua em todo tempo, transformando em significado, em linguagem tudo aquilo que o confronta, mas o mundo permanece livre, ambíguo, infinitamente contingente e distinto da linguagem. As noções de verdade e falsidade são “criadas” no encontro com o mundo exterior. (MURDOCH, 1993, p. 196).

Iris Murdoch repele em qualquer teoria metafísica a abolição do individual ou do contingente. A realidade jamais pode ser equivalente à integração a um sistema. Graus de realidade não correspondem a graus de integração. Uma teoria metafísica jamais deve postular que a realidade última e suprema é o sistema. A “Fenomenologia do Espírito”, de Hegel, é exemplo de metafísica totalizante. Entretanto, a própria obra de Hegel se contradiz ao não conseguir ser o sistema a que aspira e ao inspirar variados modos de pensamento e de busca da verdade. A obra de Hegel, em oposição ao seu espírito totalizante, incita a imaginação e a divagação do leitor em várias direções. As teorias metafísicas deveriam ser avaliadas como imagens heurísticas imensas e intrincadas. (MURDOCH, 1993, p. 196).

Em suma, não obstante reconhecer a riqueza da inspiração dos cenários propostos pelos sistemas metafísicos, a filósofa alerta para a vocação totalitária de todo e qualquer pensamento que elimine o indivíduo e o particular em função de processos ou sistemas transcendentais. Uma teoria totalizante, de cunho científico

ou metafísico, tem conseqüências políticas graves, que desembocam na opressão dos indivíduos. (MURDOCH, 1993, p. 197). Utopias políticas vinculadas a determinismos históricos ganham força quando se perde o sentido fundamental de contingência e acidente, que pertencem ao conceito de particular. (MURDOCH, 1993, p. 214).

Ao contrário da dialética platônica, a dialética hegeliana onívora movimentase descartando dúvidas, possibilidades, alternativas, ambigüidades, divagações. O processo hegeliano, em certo sentido, não ilumina a perspectiva nem amplia a visão, mas confina, aprisiona. O que é único, contingente é triturado pela máquina dialética. As grandes questões do ser humano, tais como amor, religião, felicidade, arte, requerem liberdade e não lógica.²⁶ Já a dialética platônica expressa dúvidas, guarda espaço para mudanças de opinião, dá vida aos argumentos dos opositores, expressamente reconhece quando utiliza um argumento de natureza mitológica, freqüentemente é inconclusiva. Assim como Kant, Platão admite a ignorância, a fraqueza e o agnosticismo como naturais à posição limitada do ser humano no mundo. (MURDOCH, 1993, p. 227).

Iris Murdoch quer manter a tensão entre empirismo e metafísica na atividade filosófica, quer preservar o direito a uma reflexão filosófica pautada em análises pontuais, modestas e no senso comum, sem abolir sínteses ambiciosas, estruturas intrincadas e imponentes. A filosofia deve apontar as conexões entre uma metalinguagem portadora de um sentido de verdade e a realidade a que se refere. Ainda que as habilidades e os motivos para compreender e expressar a verdade difiram, as concepções de verdade e falsidade precisam ser mantidas. Os métodos de reflexão filosófica devem ser capazes de estimular a busca imaginativa da verdade e a clarificação de problemas com algum grau de abstração e generalidade, preservando a linguagem comum, sem recorrer a jargões.

²⁶ Neste contexto, Iris Murdoch utiliza 'lógica' em sentido bastante restrito, referindo-se à dialética hegeliana, que apresenta o absolutamente racional e completo como o único ser real, em que todos os particulares inferiores são partes inteligíveis ou momentos. Esta dialética mistura fato e valor de modo que não apenas perde o indivíduo, mas desvaloriza o valor. A filósofa critica a concepção, em geral admitida em uma variedade de formas, de que o indivíduo é uma função ou criação de sua sociedade e situação histórica. No pensamento hegeliano, a sociedade é 'mais real' que o indivíduo. Hegel esteve propenso a acreditar que a sociedade completa e ideal poderia ser encarnada em um Estado real, existente empiricamente (MURDOCH, 1993, p.228).

Compete à filosofia criticar, interpretar, clarificar, justificar, modificar, refutar os grandes sistemas metafísicos com base naquilo que se conhece sobre a vida ordinária. A tarefa negativa de eliminar erros deve ser combinada com um papel positivo de desenvolver um modo aberto, simples de discurso relativo a aspectos comuns, evidentes da vida humana. (MURDOCH, 1993, p. 211-212).²⁷

A filósofa quer resgatar um sentido de presença do indivíduo como responsabilidade e possibilidade de verdade, que decorre da necessária ancoragem da linguagem no mundo. Existe uma variedade de formas de experimentar o tempo e uma inabilidade para estar inteiramente no presente. É possível viver na memória bem como antecipar, planejar, rezear o futuro. Como a vida mental é temporal, certo domínio sobre o tempo é necessário para viver bem. As aventuras temporais sempre retornam e são baseadas no tempo presente e no encontro. A primazia da presença e do encontro corresponde à prioridade do discurso sobre o escrito. O 'discurso' abrange a consciência e as reflexões. As bases originais da vida estão no encontro falado. O escrito apenas codifica e torna disponível aquilo que se origina e retorna para mentes e vozes individuais. O ponto fundamental é que nenhuma teoria pode remover a moral e a autoridade racional do ser individual. A centralidade das mentes individuais é uma idéia fundamental à moral e à religião, que está igualmente arraigada no senso comum. (MURDOCH, 1993, p. 212-213).

A 'escritura' de Derrida é uma nova linguagem sem dono, insuscetível de verificação e sem contexto. O que se perde no cenário estruturalista é a noção de verdade e de linguagem como verdadeira e confiável para lidar de modo inteligente e responsável com uma realidade transcendente. O mundo não é entregue ao indivíduo em uma bandeja, mas requer uma tarefa criativa. É impossível abolir a moralidade deste cenário, uma vez que é preciso coragem, ousadia, honestidade e

²⁷ Esse apelo à experiência ordinária, ao senso comum, à vida humana é constante na filosofia de Iris Murdoch. Contudo, a concepção de 'experiência ordinária' é bastante imprecisa, vale dizer, não é discutida de forma crítica, é sempre pressuposta. A experiência ordinária de Iris Murdoch não é outra senão a de uma irlandesa, romancista de sucesso, filósofa, vivendo na Inglaterra do séc. XX. Parece, é claro, que ela supõe uma experiência ordinária comum a todos os seres humanos, mas essa suposição afronta a sua ênfase no indivíduo e no particular. A concepção de 'experiência ordinária' acaba por refletir a tensão entre forma e contingência que a filósofa tanto salienta.

imaginação para interpretar, dar forma ao que se apresenta. (MURDOCH, 1993, p. 214-215).

A consciência está relacionada ao modo de ver a realidade, à discriminação entre verdadeiro e falso. Esta habilidade é algo que se pode aprimorar ou deteriorar, envolvendo a formação de hábito e de ações virtuosas. Linguagem, consciência e mundo estão intrinsecamente vinculados, pois a aspiração essencial à verdade é fundamental à consciência em sua atividade de valoração. (MURDOCH, 1993, p. 215-216).

A pluralidade das formas para apresentação de sua reflexão moral é uma escolha consciente de Iris Murdoch, que vai ao encontro de sua insistente e determinada refutação de sistemas metafísicos aspirantes de uma verdade única sistemática:

A filosofia de Derrida, afirmada formalmente como uma busca pela estrutura transcendental, é em geral mais parecida com um idealismo determinístico da linguagem, em que as categorias psicológicas devem receber uma análise mais elementar. A aspiração autoritária a um sistema único de verdade distorce o que poderia ser valioso em uma hermenêutica mais humilde; [...] Wittgenstein, discutindo significado sem a postulação de intermediários quase-psicológicos, pressupõe que a linguagem se refere ao mundo, e (nas Investigações) que noções filosóficas assistemáticas podem ser ditas sobre como isso acontece. (MURDOCH, 1993, p. 235, tradução nossa).²⁸

Tanto o caráter assistemático de sua filosofia como a escolha consciente pela pluralidade de formas tornam-se ainda mais patentes ao se considerar o fulcro da moralidade para Iris Murdoch. A essência da moralidade é a peregrinação espiritual do indivíduo, que busca a purificação dos seus estados de consciência em busca do Bem. (MURDOCH, 1993, p. 293). Algumas cognições são mais puras que outras e podem ocorrer por caminhos bastante distintos, pois a vida está repleta de aprendizagem.

²⁸ *Derrida's philosophy, formally stated as a search for transcendental structure, is in general more like deterministic idealism of language, wherein psychological categories are to receive a more basic analysis. The authoritarian aspiration to a unique systematic truth distorts what could be valuable in a more humble hermeneutic; [...] Wittgenstein, discussing meaning without the postulation of quasi-psychological intermediaries, assumes that language refers to the world, and (in the Investigations) that unsystematic philosophical things can be said about how this happens.* (MURDOCH, 1993, p. 235).

O fazer filosófico de Iris Murdoch é principalmente sua busca individual, idiossincrática em direção ao Bem. Ela recorre inclusive ao Budismo, que ensina o respeito e o amor por todas as coisas. Até a observação amorosa de caracóis e pedras pode ser um caminho para o respeito aos particulares, para o exercício da virtude. A disciplina da meditação, como uma prática Zen, é um exercício para o esvaziamento do ego, é uma experiência em direção à verdade. Uma observação contemplativa do trivial, dos detalhes das formas contingentes, tais como insetos, folhas, expressões faciais, é também uma atividade de desprendimento da consciência. (MURDOCH, 1993, p. 244-245). Ao afirmar a ubiqüidade do valor, qualquer atividade humana pode se tornar uma oportunidade para o exercício da virtude, basta ao peregrino olhar ao redor com olhos vivos e atentos.²⁹ Tanto Platão como o Budismo concordam que muitas disciplinas diferentes podem servir a fins espirituais. (MURDOCH, 1993, p. 242).

Idealmente um filósofo (ocidental) deveria conhecer e considerar a totalidade da filosofia, isto é, (no ocidente) dos Gregos até os dias atuais; e também conhecer algo sobre a religião oriental (que é filosofia). A filosofia moral deve, é claro, estar consciente das críticas à metafísica tradicional que têm ocupado os filósofos desde Kant, e particularmente neste século. [...] Um argumento metafísico é caracteristicamente inconclusivo e envolve um apelo à experiência que é em parte um uso da arte. [...] O artista nos faz ver o que está, em um sentido edificante e manifestamente aberto à discussão, lá (a realidade), mas ainda invisível, e o metafísico faz isto também. Arte e filosofia avivam o conceito de realidade. (MURDOCH, 1993, p. 432-433, tradução nossa).³⁰

O pluralismo de visões morais deve inevitavelmente corresponder a uma pluralidade de formas para incitar a reflexão moral. Se a peregrinação moral é plural, ampla e aberta o bastante para comportar a diversidade de cenários filosóficos, a multiplicidade de imagens e metáforas das religiões orientais, bem como as distintas e inesgotáveis manifestações artísticas, o filósofo, que ama a diversidade e abomina pretensões sistemáticas totalizantes, há de recorrer igualmente a peças de teatro,

²⁹ A ubiqüidade do valor será discutida pormenorizadamente em conjunto com a noção de Bem, no capítulo dois, seção 2.4.

³⁰ *Ideally a (western) philosopher should know and consider the whole of philosophy, that is (in the west) from the Greeks to the present day; and also know something about oriental religion (that is, philosophy). Moral philosophy must of course be conscious of the criticisms of traditional metaphysics which have occupied philosophers since Kant, and particularly in this century. [...] A metaphysical argument is characteristically inconclusive and involves an appeal to experience which is partly a use of art. [...] The artist makes us see what is, in a sense manifestly and edifyingly open to discussion, there (real), but unseen before, and the metaphysician does this too. Art and philosophy enliven the concept of reality.* (MURDOCH, 1993, p. 432-433).

poesias, romances, ensaios e livros de filosofia para convidar eventuais leitores a participarem de sua jornada bem como a desbravarem suas próprias picadas.

Conforme visto, a filosofia, particularmente a filosofia moral, deve desenvolver uma linguagem simplificada tanto para contrastar teorias filosóficas com a experiência ordinária como para pensar o aprimoramento espiritual do indivíduo, influenciando efetivamente a moralidade. O intercâmbio com o senso comum é recurso constante de Iris Murdoch para sustentar o realismo moral, o valor do indivíduo e da consciência bem como a relação da linguagem com um mundo extralingüístico. A linguagem comum e o recurso à experiência ordinária são algumas das razões pelas quais a arte, em especial a literatura, é mais adequada e eficaz que a filosofia para despertar a reflexão moral, atrair a atenção do leitor, aprimorar seu sentido de realidade e afastá-lo de seu próprio ego.

Em instigante ensaio, David Tracy (1996, p. 66) sustenta que a própria forma dos diálogos platônicos influenciou o modo de fazer filosofia de Iris Murdoch. Os primeiros e últimos diálogos platônicos, conforme sugere Aristóteles, teriam menos a forma de drama e corresponderiam mais adequadamente à forma das antigas *mimes*. As *mimes* não são direcionadas para um encerramento dramático, encenam situações do cotidiano em que os indivíduos simultaneamente buscam honestamente a verdade e iludem a si mesmos. Envolvem sempre jornadas difíceis em que, eventualmente, há um movimento da aparência para a realidade. São freqüentemente diálogos aporéticos, em que as personagens alcançam relances do Bem em meio a situações do dia-a-dia. A maioria dos diálogos platônicos é semelhante às *mimes* na maneira como as questões ocorrem aos indivíduos em circunstâncias ordinárias e no modo como as personagens buscam compreender suas vidas e alcançar algum discernimento sobre algum ideal ou realidade maior que os atrai. (TRACY, 1996, p. 65-66).

Tracy sustenta que a forma assistemática escolhida para a obra *Metafísica como Guia Moral* (MURDOCH, 1993) assemelha-se ao tipo de *mime* dos diálogos platônicos.

Neste livro meditativo e meândrico, algumas vezes encontramos em meio a argumentos extensos (por exemplo, os capítulos sobre a consciência) ou diante de interpretações longas e brilhantes [...] Outras vezes, o leitor não encontra de modo algum argumentos extensos, mas

reflexões breves e impressionantes com os parceiros de conversa prediletos de Iris Murdoch, que parecem retornar continuamente, como personagens de um romance, para uma conversa extraordinária, que é este livro filosófico, estranho e semelhante a um romance. Às vezes os mesmos personagens parecem partir abruptamente, novamente como nos romances, *mimes*, e na vida (Wittgenstein, Kant, Simone Weil, e, claro, Platão). Às vezes algo como um encerramento pode ocorrer a uma particular seqüência de pensamentos. Mais freqüentemente, o argumento se dissolve ou termina subitamente, por exemplo, quando as reflexões necessárias à nossa meditação diária, [...], se tornam um aviso repentino, “Ensine isso a suas crianças.” Fim da discussão. (TRACY, 1996, p. 66-67, tradução nossa).³¹

A temática flui pela sinuosidade do texto, apresentando-se como uma ampla e despreocupada conversa sobre unidades e formas, sobre o Bem e a busca pelo bem, ilusão e ego, arte e amor, morte e vazio. O livro, assim como as antigas *mimes*, é semelhante às conversas da vida cotidiana, sugerindo uma procura labiríntica em direção ao Bem. A obra também não possui um desfecho dramático, mantendo o final em aberto. Para Tracy (1996, p. 67), Iris Murdoch desenvolveu uma forma própria de articular sua visão sobre o bem tanto em sua obra filosófica quanto literária.

A complexidade, a sinuosidade e as interrupções abruptas dos romances de Iris Murdoch sugerem o caráter artificial e falacioso de qualquer tentativa de ordenar a experiência e a compreensão tanto na obra literária como na vida e nos pensamentos. Seus romances rejeitam uma única voz narrativa em favor de muitas, apresentando semelhanças notáveis com os diálogos platônicos. É de se destacar o zelo na composição dos detalhes dos cenários, os momentos de tensão na interação das personagens, as freqüentes reviravoltas, o jogo de idéias e argumentos que combinam discernimento genuíno e auto-enganos egoísticos. Sobretudo, como nas antigas ‘mimes’, seus romances não tendem a um encerramento formal, antes, são dissolvidos, terminam abruptamente ou implodem diante de alguma verdade

³¹ *In this meditative and meandering book, one sometimes finds oneself in the midst of extended arguments (for example, the chapters on consciousness) or of brilliant extended interpretations (...). At other times, the reader finds not extended argument at all but brief and telling reflections with favored Murdochian conversation partners who seem to keep returning like characters in a novel into the odd conversation which is this strange, novel-like, philosophical book. At times the same characters seem to leave all too abruptly, again as in novels, mimes, and life (Wittgenstein, Kant, Simone Weil, and, of course, Plato). Sometimes something like closure may occur to a particular train of thought. More often, the argument dissolves or ends abruptly, as when the reflections on the need in our day for meditation, [...], becomes the abrupt advice, “Teach it to your children.” End of discussion. (TRACY, 1996, p. 66-67).*

inevitável e insuportável, inegável e indisponível. Os finais em aberto demandam uma resposta ativa dos leitores. (TRACY, 1996, p. 68).

Ao lançar dúvidas sobre todas as correntes filosóficas por meio de seus romances, Iris Murdoch questiona inclusive sua própria filosofia. A forma de sua obra literária e filosófica segue o espírito dos diálogos platônicos e funciona como uma chave hermenêutica para a compreensão do conteúdo de suas idéias filosóficas, pequenos lampejos do Bem entrevistados no cotidiano. O conteúdo e a forma de suas idéias estão profundamente entrelaçados, não sendo possível muitas vezes discernir literatura e filosofia. (TRACY, 1996, p. 69).

De igual modo, Stephen Mulhall (1997, p. 236) afirma que o conteúdo da visão moral de Iris Murdoch determina a forma de expressão de suas idéias. O progresso moral é uma questão de compromisso com a tarefa de purificação da própria consciência, que precisa aprender a atentar para a realidade em suas particularidades, descartando falsas imagens em favor de cenários mais verdadeiros, em resposta à atração exercida pelo Bem transcendente, inatingível. A especulação metafísica é parte indispensável da reflexão moral, mas os próprios cenários metafísicos precisam estar sujeitos à avaliação ética incessante. A própria atividade de fazer filosofia é compreendida como engajamento pessoal na peregrinação espiritual. (MULHAL, 1997, p. 237).

A aparência assistemática e “desorganizada” de *Metafísica como Guia Moral* (MURDOCH, 1993) aponta para uma reflexão filosófica autocrítica, que valoriza a meditação, a divagação, o poder da especulação e da intuição, bem como admite explicitamente seus limites, embaraços, dúvidas, ambigüidades, contradições e obscuridades.

Se o livro tivesse nos apresentado um sistema conceitual único, auto-suficiente e coerente, ou uma rede de imagens interligadas, cuidadosamente elaboradas, ou um vocabulário metafísico, moral e evidente; se tivesse retratado textos particulares de conteúdo moral e pensadores ocupando posições consistentes e logicamente explícitas, e a tradição a que pertencem como sujeitas a um desenvolvimento narrativo único e fundamental; então seu autor não teria feito justiça às limitações destas totalidades limitadas. Se, por outro lado, tivesse eliminado todos os traços de coerência e de integridade de sua descrição desses fenômenos,

então ela teria feito justiça a sua unidade [sic]. (MULHAL, 1997, p. 237-238, tradução nossa).³²

O texto de Murdoch se apresenta como um todo limitado, um hall iluminado e arejado de reflexão em que as idéias são fomentadas assistematicamente. É também um modo de provocar os leitores a empreenderem sua própria jornada pela experiência moral, o que não seria alcançado por meio de um livro que correspondesse a um relato unificado, claro e sistêmico. A própria obra de Iris Murdoch é um conjunto conceitual, metafórico e textual que possui uma natureza provisória e limitada como toda especulação metafísica deve ser, vale dizer, imagens provisórias que fomentam novas imagens menos ilusórias. A empreitada moral é interminável, progressiva, por isso as imagens são apenas etapas de um aprimoramento da consciência que jamais deve ser fixado ou plenamente satisfeito. (MULHAL, 1997, p. 239).

É especialmente relevante o modo como Stephen Mulhal chama a atenção para o penúltimo capítulo de *Metafísica como Guia Moral* (1993), em que Iris Murdoch aborda o vazio. Ao tratar do vazio, a filósofa lança uma sombra de dúvida sobre todo o percurso filosófico empreendido até aquele momento. É possível falar sobre fonte espiritual e de bem absoluto quando a maior parte da humanidade está privada disso? A filósofa se volta para as experiências de desespero, aflição absoluta, desamparo, solidão, humilhação, ódio, miséria, luto profundo... A sua abordagem da questão do sofrimento é hesitante, mas é séria e honesta o bastante para levantar boas razões para suspeitar da existência do Bem como fundamento absoluto da realidade. Para Stephen Mulhal (1997, p. 239), ao concluir a sua obra-prima desta maneira, Iris Murdoch expõe aos leitores os limites e obscuridades de sua própria visão moral, encorajando a peregrinação de outros que virão para refinar, aprimorar, corrigir, refutar, redesenhar novas metáforas e cenários metafísicos mais belos e verdadeiros.

³² *If the book had presented us with a single, self-contained and coherent conceptual system, or a network of carefully-elaborated and interlocking images, or a single, perspicuous moral and metaphysical vocabulary; if it had portrayed moral individual texts and thinkers as occupying consistent and logically-watertight positions, and the tradition to which they belong as subject to a single, overarching narrative development; then its author would not have done justice to the limitations of these limited wholes. If, on the other hand, it had eliminated all traces of coherence and integrity from its account of these phenomena, than she would have done justice their unity [sic].* (MULHAL, 1997, p. 237-238).

Tendo examinado o pluralismo de Iris Murdoch, que transparece vivamente nas suas críticas à visão moral corrente, em especial ao explicitar os limites da visão existencialista e do estruturalismo de Derrida, havendo esclarecido as profundas conexões entre forma e conteúdo de suas reflexões morais, é possível finalmente começar a explorar o conceito fundamental de sua filosofia moral, a idéia de Bem, que corresponde ao desafio a ser enfrentado no curso do capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2

A SOBERANIA DO BEM

A proposta do presente capítulo é compreender a noção de Bem no contexto da filosofia de Iris Murdoch. A filósofa em seu percurso moral dedica-se, de forma recorrente, aos temas da arte e da religião como experiências morais significativas do indivíduo em seu percurso espiritual. Especialmente a arte assume papel de destaque como reveladora da verdade e da realidade. A ênfase na busca espiritual centrada na moralidade, o fim da concepção de deus e de qualquer concepção que aponte para outro mundo em prol da idéia de Bem apontam para a experiência moral cognitiva como indicadora da ubiqüidade do valor. A moralidade consiste no refinamento da atenção, no desprendimento do ego em direção ao outro por meio da imaginação e do amor.

Entretanto, antes de adentrar nas relações entre estética, espiritualidade e moralidade na filosofia de Iris Murdoch, é preciso estabelecer a importância do ego e da fantasia para a sua concepção de transformação moral por meio das técnicas de desprendimento.

2.1 Vencendo o ego.

A reorientação da energia psíquica e a purificação do desejo em Iris Murdoch estão diretamente relacionadas a uma determinada concepção de ser humano, caracterizado fundamentalmente como egoísta, iludido por suas próprias fantasias de poder, de sexo e de vaidade entre outras. São as imagens fornecidas pela religião (o pecado original, a queda, o véu de Maia...) e pela metafísica (a caverna platônica) que a conduzem a ver na filosofia moral a discussão sobre o ego e as técnicas para sua derrota. É a sua concepção de ser humano egoísta que a motiva a redirecionar o pensamento moral da vontade para a consciência, da escolha para a visão. Iris Murdoch se apóia particularmente em Platão e em Freud

para esboçar suas concepções sobre a natureza humana. (ANTONACCIO, 2003, p. 131).

Assim como Platão, ela une as concepções de conhecimento como busca pela verdade e conhecimento como apreensão de valor. O indivíduo se move através de um continuum em que toma consciência da verdade e da falsidade, da ilusão e da realidade, do bem e do mal. Ele se empenha e aprende progressivamente, descobrindo e descartando imagens. Além disso, como Platão, Iris Murdoch caracteriza a vida moral como uma peregrinação ou um processo de desprendimento, que vincula conhecimento e visão. Transformação moral é aprimoramento dos estados de consciência, é reeducação da visão moral. Do mesmo modo que o habitante da caverna platônica, o indivíduo muda sua visão das sombras originadas pelo fogo enganador para as imagens reveladas pelo sol. Progresso moral é aperfeiçoamento da visão, discriminando o falso mundo das aparências e o mundo real.

A fim de complementar sua visão platônica, Iris Murdoch recorre a Freud para retratar o ser humano. As energias básicas do ser humano são organizadas ao redor do ego. A psique freudiana, segundo Murdoch, é um sistema egocêntrico, quase mecânico de energia, determinado pela história individual. A história pessoal é marcada por afetos de natureza sexual, indeterminados e difíceis de controlar ou compreender. A fantasia é mais poderosa que a razão. Ademais, a filósofa sustenta que a libido freudiana é inspirada no Eros platônico, que é tanto uma energia espiritual quanto sexual. O sol fornece calor, energia vital e luz. O indivíduo deve transformar sua energia egoísta e sua visão deficiente em energia espiritual elevada e visão acurada. Trata-se de uma lenta e difícil mudança de afetos em que a atividade de olhar é uma fonte de energia divina, purificada. É reorientação do desejo. (ANTONACCIO, 2003, p. 133).

A tendência natural do indivíduo ao egocentrismo favorece uma visão de mundo profundamente deturpada por suas necessidades, desejos e fantasias. A fantasia é a principal manifestação egocêntrica, responsável pela criação de cenários falsos para proteger o indivíduo da realidade e para enaltecer o seu próprio ego. A fantasia é o mau uso da imaginação que incorpora valores e crenças

inadequadas ao mundo parcialmente fabricado pelo indivíduo. (O'CONNOR, 1996, p. 78).³³

Iris Murdoch destaca duas manifestações especialmente perigosas de fantasia que distorcem a compreensão do indivíduo e da realidade. Trata-se da neurose e da convenção. A neurose ocorre quando se vive num mundo solitário, fantasioso, em que não se enxerga a realidade e a independência dos outros indivíduos. A convenção ocorre quando o indivíduo, imerso em sua cultura e sociedade, deixa-se determinar de forma acrítica pelas regras sociais vigentes ou ainda quando se concebe o indivíduo como socialmente determinado.³⁴ A neurose superestima a importância do ego e apaga a realidade dos outros. A convenção elimina o individual, o particular, o contingente em prol da totalidade social mais ampla. (ANTONACCIO, 2003, p. 101).

A neurose é associada a Hegel, ao Romantismo e também a Sartre. O ego é inflado até tornar-se o seu próprio mundo, ignorando a realidade e os valores exteriores. A convenção atua de forma oposta, reduzindo o indivíduo diante de uma totalidade maior, autorizada, que engloba toda a realidade e todos os valores. De igual modo, a análise lingüística expressa a vitória da convenção, representada na figura do “homem de linguagem comum”. O homem de linguagem comum é produto do empirismo, da valorização excessiva da precisão do significado. Ele está envolvido por conceitos e regras lingüísticas que fornecem os indicadores práticos, necessários para expressar suas escolhas. É o homem racional, livre, compreendido como uma entidade auto-suficiente. Já o homem totalitário representa a vitória da

³³ Em *Metafísica como Guia Moral*, Iris Murdoch é muito mais crítica a respeito de sua própria filosofia pretérita, que estabelecia uma distinção rígida entre uma imaginação boa e criativa e uma imaginação fantasiosa (1993, p. 334). Em alguns casos de reflexão moral, a imaginação não intervém. Em algumas hipóteses, em casos simples a respeito de cumprir uma promessa, é irrelevante imaginar as possíveis conseqüências da ação. A reflexão imaginativa sobre uma escolha moral não deve se tornar demasiadamente estética, sob pena de ofuscar o que deve ser feito de forma correta (MURDOCH, 1993, p. 335).

³⁴ Também Hannah Arendt alerta para os perigos e enganos da moralidade convencional: “Os clichês, os lugares-comuns, a adesão a códigos convencionais e padronizados de expressão e conduta têm a função socialmente reconhecida de nos proteger contra a realidade, isto é, contra a solicitação da atenção de nosso pensamento, que todos os acontecimentos e fatos despertam em virtude da sua existência.” (ARENDR, 2004, p. 227). A propósito da Alemanha nazista, Hannah Arendt sustenta que “a moralidade desmoronou e transformou-se num mero conjunto de costumes – maneiras, usos, convenções a serem trocados à vontade – não entre os criminosos, mas entre as pessoas comuns

neurose, é o sujeito existencialista. As outras pessoas não são seres reais distintos, são como extensões ameaçadoras da consciência do próprio sujeito. Ele não confronta nada que não seja aspecto de si mesmo, devendo ao final ser reabsorvido pela sua consciência. Tanto o homem de linguagem comum como o homem totalitário tendem ao solipsismo. A neurose e a convenção impedem o contato com uma realidade exterior, distinta, além disso, não consideram o indivíduo, o particular, as exigências e necessidades da diversidade e da singularidade das pessoas. (ANTONACCIO, 2003, p. 102-103).

Como reorientar a energia? Como purificar o desejo? Para vencer o ego e superar suas artimanhas não se deve esquadriñar a mente, mas cultivar formas de atenção com vistas a romper a obsessão do ego por si mesmo. O risco de investigar profundamente o mecanismo fantasioso do ego é ficar fascinado por suas ilusões e fortalecê-lo. O perigo da terapia freudiana é que a natureza reflexiva do auto-exame permite à psique voltar-se para si mesma e produzir imitações persuasivas, consoladoras do que é bom e virtuoso. (ANTONACCIO, 2003, p.134).

O eu é difícil de ver de forma justa como as demais coisas, e quando uma visão clara é alcançada, o eu se torna correspondentemente um objeto menor e menos interessante. O principal inimigo desta clareza de visão, tanto no âmbito da arte como no âmbito moral, é o sistema a que se tem dado o nome de sadomasoquismo. É uma sutileza peculiar deste sistema que ao conduzir a energia e a atenção constantemente de volta para o ego ele possa produzir [...] imitações plausíveis daquilo que é bom. [...] O próprio ego é interessante, assim os próprios motivos são interessantes e a indignidade dos próprios motivos é interessante. (MURDOCH, 2006, p. 66, tradução nossa).³⁵

Assim, a virtude em Iris Murdoch consiste em atentar para a realidade, para a generosidade, para a objetividade. A transformação moral consiste na busca de objetos de atenção, capazes de redirecionar a visão e a energia psíquica para longe ou para fora do ego. (ANTONACCIO, 2003, p.135). Toda disciplina moral demanda

que, desde que os padrões morais fossem socialmente aceitos, jamais sonhariam em duvidar daquilo em que tinham sido ensinadas a acreditar.” (ARENDRT, 2004, p. 118).

³⁵ *Self is as hard to see justly as other things, and when clear vision has been achieved, self is a correspondingly smaller and less interesting object. A chief enemy to such clarity of vision, whether in art or morals, is the system to which the technical name of sado-masochism has been given. It is the peculiar subtlety of this system that, while constantly leading attention and energy back into the self, it can produce [...] plausible imitations of what is good. [...] One's self is interesting, so one's motives are interesting, and the unworthiness of one's motives is interesting.* (MURDOCH, 2006, p. 66).

supressão do ego e atenção à realidade, ademais, incorpora valores à realidade e capacita para o comportamento virtuoso. (O'CONNOR, 1996, p.84).

A purificação da energia egóica requer conexão a um objeto externo. Esta atenção não é um mero ato ou exercício de vontade. A vontade contribui para a escolha dos objetos e para o redirecionamento da atenção. Entretanto, a transformação e a vitória moral são processos lentos, graduais. Não há liberdade para mudar subitamente a si mesmo assim como não é possível instantaneamente alterar o que se vê, o que se deseja, o que se considera valioso e importante na vida. Quando chega o momento de uma escolha ou decisão moral, o indivíduo decide dentro da realidade que consegue enxergar, de acordo com os valores que já foram gradualmente incorporados ao seu mundo. (O'CONNOR, 1996, p. 86).

O indivíduo recebe auxílio moral quando atenta para objetos virtuosos tais como pessoas virtuosas, grande arte, a própria concepção de Bem. Estes objetos virtuosos resistem à absorção para dentro do ego. Quando o crente ora a Deus, ele direciona o seu amor para Deus e recebe graciosamente assistência divina para superar as limitações de sua personalidade. De igual modo, o amor direcionado ao Bem é um equivalente secular à oração, que acarreta um equivalente secular à graça. (O'CONNOR, 1996, p. 87-88).

O amor para a filósofa é a tensão entre a alma imperfeita e a perfeição magnética do Bem, é o que une o indivíduo ao Bem e o que une as pessoas ao mundo através do Bem.

Amor é o nome geral da qualidade de afeição e sua capacidade de degradação infinita e é fonte de nossos maiores erros; mas quando é refinada, ainda que parcialmente, é a energia e a paixão da alma em sua busca pelo Bem, a força que nos une ao Bem e nos une ao mundo por meio do Bem. Sua existência é o sinal inequívoco de que nós somos criaturas espirituais, atraídas pela excelência e feitas para o Bem. É um reflexo do calor e da luz do sol. (MURDOCH, 2006, p.100, tradução nossa).³⁶

³⁶ *Love is the general name of the quality of attachment and it is capable of infinite degradation and is the source of our greatest errors; but when it is even partially refined it is the energy and passion of the soul in its search for Good, the force that joins us to Good and joins us to the world through Good. Its existence is the unmistakable sign that we are spiritual creatures, attracted by excellence and made for the Good. It is a reflection of the warmth and light of the sun.* (MURDOCH, 2006, p. 100).

A experiência de desprendimento produzida pela beleza natural é o mais evidente exemplo de alteração da percepção da realidade por um objeto exterior ao mecanismo egóico. A beleza aparece como o mais visível e acessível aspecto do Bem. (ANTONACCIO, 2003, p. 135).

Para ilustrar a experiência, Iris Murdoch propõe um cenário em que está olhando pela janela, sentindo-se ressentida, ansiosa, completamente absorta, ruminando talvez sobre algum insulto ou ofensa pessoal sofrida. Subitamente, ela observa um falcão pairando no céu. Tudo muda em uma fração de segundo. O ego ruminante e sua vaidade ferida desaparecem. Nada existe agora, exceto o falcão. Passado o momento de atenção, quando retorna a pensar no problema anterior, ele parece menos importante. (MURDOCH, 2006, p.82).

Há ao menos dois movimentos descritos na ilustração que precisam ser salientados. O primeiro movimento é o que conduz para longe do ego. No exato momento em que o falcão aparece, o ego ferido, absorto, vaidoso desaparece. O redirecionamento da atenção para um objeto exterior significa um afastamento ou supressão do ego em relação ao foco da consciência. O segundo movimento corresponde ao retorno para o ego, em que as preocupações anteriores parecem menos importantes, uma vez que foram reavaliadas à luz de uma perspectiva psíquica mais ampla e elevada. Quando uma visão mais elevada é alcançada, o ego se torna um objeto menor e menos interessante. A atenção à existência independente, sem propósito, distinta do falcão tornou-se uma fonte de energia para a consciência. (ANTONACCIO, 2003, p.135-136). Além disso, a contemplação da natureza proporciona o prazer do auto-esquecimento, removendo da mente o cuidado consigo mesmo. (MURDOCH, 2006, p. 82-83).

A contemplação da beleza natural é a menos reflexiva das técnicas de desprendimento. Iris Murdoch, seguindo Platão, sustenta que o indivíduo é atraído instintivamente pela beleza natural. A natureza é um objeto menos suscetível de ser deturpado pelo egoísmo, ainda que, em sua visão, os filósofos românticos tenham-na usado como uma forma de manifestação intensa do ego. Para Iris Murdoch, a natureza tende a resistir às fantasias egóicas, sendo capaz de frustrar as expectativas e propósitos humanos. Assim sendo, como a contemplação natural

requer menos dedicação do observador, apesar de ser mais acessível, é menos importante para a transformação moral. (ANTONACCIO, 2003, p.136).

De igual modo, os estudos intelectuais fazem parte das técnicas de desprendimento, mas possuem um grau limitado de reflexão. Iris Murdoch ilustra a técnica por meio do aprendizado de uma língua estrangeira, mas poderia ser qualquer outra disciplina (ex. Matemática para Platão). O aprendizado de uma nova língua envolve o contato com uma estrutura autorizada que exige respeito, atenção disciplinada para um objeto que permanece fora dos limites da consciência ordinária. A língua existe independentemente do estudante e seu aprendizado envolve uma revelação progressiva. A atenção dedicada é recompensada pelo conhecimento da realidade. O amor por uma língua estrangeira conduz o estudante a um objeto separado, distinto de si, que resiste ao controle de sua consciência, que não pode ser negado, absorvido ou eliminado do mundo. É uma experiência que envolve honestidade e humildade, pois o estudante para progredir deve avaliar seu conhecimento limitado à luz de um padrão inteiramente novo e até então desconhecido. A dedicação intelectual amplia a imaginação, alarga a visão e fortalece o discernimento. (ANTONACCIO, 2003, p.136).

Em contraste com a beleza natural e as disciplinas intelectuais, as técnicas associadas à criação e à contemplação de objetos de arte e às relações humanas envolvem experiências de desprendimento mais complexas e profundas. Por um lado, a arte é considerada a experiência mais educativa de todas as atividades humanas em que a moralidade pode ser contemplada. Por outro, a área central da moralidade está no relacionamento com as outras pessoas. (MURDOCH, 1993, p. 17). Arte e moralidade estão tão entrelaçadas no pensamento de Iris Murdoch que são apresentadas como dois aspectos de uma mesma batalha. (MURDOCH, 2006, p. 39-40).

Em síntese, por meio da atenção, o amor é purificado e se torna uma energia psíquica a serviço do Bem. A atenção, como disciplina moral, é o processo contínuo de direcionar a visão a uma realidade particular, exterior e distante do ego, aprimorando a qualidade da consciência. As técnicas de desprendimento contribuem para o comportamento virtuoso ao direcionar o amor para realidades excelentes, que resistem às projeções e fantasias egóicas. Entre as técnicas de desprendimento, a

arte, tanto a criação quanto a apreciação artística, assume relevância singular no pensamento de Iris Murdoch como a grande chave para a moralidade, conforme será examinado na seção seguinte.

2.2 O caminho da arte.

Para Iris Murdoch, ao contrário de Platão, a arte desempenha um papel crucial na jornada moral. Apesar de conferir à beleza um papel de destaque em sua filosofia, Platão distingue entre arte e beleza, apontando constante e enfaticamente a fraqueza moral e a torpeza dos artistas. (MURDOCH, 1997h, p.387). É de se observar que a filósofa concorda com grande parte das observações de Platão, divergindo, entretanto, a respeito da amplitude das críticas à arte em geral.

Não é o propósito deste trabalho a discussão da arte na filosofia platônica, mas compreender o seu papel na filosofia moral de Iris Murdoch. Assim, apenas superficialmente serão apresentadas as críticas de Platão à arte, sendo certo que um exame adequado deveria avaliar o contexto histórico, a situação específica e os problemas levantados em cada diálogo em particular. É que Platão não era de modo algum um escritor sistemático e as questões devem ser abordadas à luz do diálogo específico.

Em especial na *República* (PLATÃO, 2004), a arte não é boa para os indivíduos que buscam ser bons nem para o estado que busca manter a ordem. A arte corrompe o indivíduo e está vinculada à parte mais baixa da alma; é irreverente em relação à religião; é politicamente irresponsável; é aparência e, por fim, falsifica a beleza, prejudicando a busca moral. (WIDDOWS, 2005, p.118).

A arte, em especial o teatro e a poesia, tende a retratar e a glorificar mais o homem mau que o bom, uma vez que os bons são simples, entediantes, menos interessantes para a arte dramática. Os espectadores, ao se divertirem com as ações dos homens maus, aceitam emoções e situações que condenariam certamente na vida real. Aparentemente inócua, a arte fomenta todo tipo de apetites

e prazeres da alma que deveriam ser mantidos sob controle ou enfraquecidos. Desta forma, a arte fortalece a parte mais baixa da alma. (MURDOCH, 1993, p.13).

A irreverência da arte em relação aos deuses e a sua irresponsabilidade política são críticas vinculadas à necessidade de manter a ordem e a estabilidade do estado. Assim, os artistas não deveriam criar o que desejam, mas apenas o que favorece a ordem e a estabilidade. (WIDDOWS, 2005, p. 119). Para Iris Murdoch a arte é fundamental à garantia da liberdade, por meio de sua capacidade criativa de revelar a verdade. Os tiranos e políticos sempre temeram o poder revolucionário da arte e desejaram controlar e censurar os artistas segundo suas ambições políticas. (MURDOCH, 1993, p.90).

Para Platão, o maior perigo da arte está no engano, uma vez que, longe de auxiliar o peregrino em sua busca pela realidade e pelo bem, conduz à aceitação da imitação, da aparência. Os artistas estão imersos em ilusão no estado de *eikasia*. O verdadeiro sentido de realidade é falsificado pela sedução da arte, que oferece um conhecimento pobre. O peregrino, iludido pelo artista, aceita uma forma inferior de vida. Na visão platônica, a arte é um dos maiores inimigos da vida moral, capaz de enganar até o homem bom. Iris Murdoch aproveita esta crítica platônica para alertar sobre os perigos dos falsos consolos da arte, produzidos pelas fantasias egóicas do artista e do espectador. (WIDDOWS, 2005, p.120).

Apesar de sua forte influência platônica, ao longo de toda a sua obra a filósofa sustenta que a arte tem papel similar ao que Platão atribui à beleza para a vida moral. De fato, ela busca na própria utilização de imagens, metáforas e ferramentas literárias da filosofia platônica uma redenção da arte por meio da atividade criativa da imaginação. (WIDDOWS, 2005, p.121).

Iris Murdoch avalia com seriedade as críticas platônicas à arte como alertas que guardam importância nos dias atuais. Em se considerando a natureza humana egoísta, as possibilidades de ilusão e de consolo fornecidas pela arte são inesgotáveis. A literatura e os filmes populares tendem a destacar o charme do homem mau e o enfado do homem bom. A excelência técnica da televisão seduz o espectador a assumir como verdadeiras imagens fragmentadas e informações desconexas. (MURDOCH, 1993, p.13). Além disso, a arte fornece a maioria dos

exemplos que apontam para a tendência humana em alcançar consolo na fantasia. Quase toda arte é uma forma de fantasia e poucos artistas alcançam uma visão da realidade. (MURDOCH, 2006, p.62-63).

O consolo é representado pela tendência humana de esconder a morte e o acaso por meio da invenção de formas. Quase todas as histórias são exemplos de consolo ao impor um modelo sobre algo que poderia ser incompleto e aleatório. Contudo, para a filósofa, a vida humana é mesmo incompleta e fortuita. A comédia, a tragédia, a pintura têm o papel de apresentar sofrimento sem qualquer excitação e morte sem qualquer consolo. A vida não tem sentido, não tem propósito, exceto a busca pela virtude. (MURDOCH, 2006, p.85).

Para a filósofa, a arte em geral está repleta de fantasias que provêm todo tipo de consolos e ilusões capazes de manter os indivíduos na caverna, aceitando o fogo como se fosse o sol. (MURDOCH, 1997h, p.444). Mas nem toda arte é enganosa ou promove a aparência. Iris Murdoch discrimina entre boa e grande arte e arte medíocre e vulgar. A boa arte é reveladora da verdade e, como a beleza platônica, conduz ao bem. (WIDDOWS, 2005, p.122).

Iris Murdoch não define com precisão boa arte e arte vulgar. A arte vulgar é a que fomenta as ilusões egóicas e a boa arte é a que direciona a atenção do indivíduo para longe do ego em direção ao bem, à realidade.³⁷ Ela recorre várias vezes à idéia de grande arte, citando como referência Shakespeare. As peças de Shakespeare tratam sobre a diferença entre ilusão e realidade, sobre a batalha entre o bem e o mal. (MURDOCH, 1993, p.142). Sua personalidade está quase totalmente escondida em suas peças, mantendo-se invisível. Ele é capaz de criar personagens

³⁷ Arthur Danto, ao discutir o que caracteriza um objeto como obra de arte, lembra a questão levantada por Sócrates no capítulo X da República sobre o sentido de uma arte tão parecida com a vida que se torna impossível determinar uma diferença entre arte e a vida. Não há vantagem ou necessidade de uma reprodução perfeita daquilo que já temos. (DANTO, 2005, p. 64). Assim, poder-se-ia imaginar, por amor ao debate e à reflexão filosófica, um contraprograma legítimo à proposta de Iris Murdoch. “[...] se a arte pretende ter alguma função, ela deve ser praticada mediante o que não tem em comum com a vida, [...] Só existe arte na medida em que há descontinuidade, sustenta esta contrateoria. Portanto, sob a pressão da pergunta de Sócrates, a arte mimética fracassa quando tem sucesso, quando consegue ser como a vida. Assim, se a arte quiser ser eficiente em qualquer função que pretenda realizar, não pode ser pela mimese.” (DANTO, 2005, p.65). Ou de modo mais simples e direto, não seria uma obra de arte mais bela e mais criativa quanto mais distante e diferente da realidade ela fosse?

diferentes de si mesmo, livres, separados, com vida própria. Personagens livres são típicos de grandes obras de arte, especialmente romances. Além de Shakespeare, Iris Murdoch cita outros grandes escritores tais como Tolstoy, George Eliot e Jane Austen. (MURDOCH, 1997i, p. 275-276). Para Murdoch, Shakespeare consegue retratar a inevitabilidade da morte, sem consolo, bem como o horror e a banalidade do mal em personagens como Iago e Macbeth. (MURDOCH, 1993, p.103). Shakespeare é um grande artista porque sua visão é direcionada para a realidade e para o bem. É a visão da realidade das vidas humanas singulares que transparece em sua obra e não o seu ego. (WIDDOWS, 2005, p.123).

Uma característica vital da boa arte é sua unidade ilusória. A obra de arte não deve ser completa. É preciso ter cuidado com a pretensão artística à unidade ou à totalidade. Uma obra de arte deve preservar certa incompletude para evitar a fantasia. O objeto deve manter-se penetrável, como um círculo interrompido, de modo a revelar a ilusão de unidade bem como a real ruptura da obra. (MURDOCH, 1993, p.36-37). Uma ausência de desfecho pode decorrer de uma inabilidade artística ou de uma decisão deliberada que só o leitor ou apreciador perspicaz compreende. O final em aberto de *Rei Lear* é intolerável para muitos. A ausência de desfecho ou conclusão é uma forma de apontar para uma realidade além da obra de arte. Esta incompletude sugere que o ser humano é mortal e limitado e que o caráter contingente da realidade é uma fonte de energia, compreensão e alegria. (MURDOCH, 1993, p.87). A boa arte celebra e aceita a derrota do discurso intelectual pelo mundo, ao passo que a arte vulgar não admite derrotas. O objeto de arte aponta para além de si, para uma realidade transcendente. O objeto de arte é poroso, visto que a realidade flui através dele. (MURDOCH, 1993, p. 88).

A boa arte eleva o estado de consciência e ensina a viver em conformidade com a visão depurada, entretanto, é muito rara, pois a maior parte das obras de arte é fantasia consoladora. É de se observar que mesmo a boa arte possui algum potencial ilusório, pois pode proporcionar conforto, exercício e morada espirituais capazes de acomodar o indivíduo e interromper sua marcha moral genuína. (MURDOCH, 1993, p.91). Desse modo, a arte mantém certa ambigüidade na filosofia de Iris Murdoch, podendo ser tanto fonte de revelação espiritual como de engano.

Apesar dos riscos envolvidos, a filósofa insiste nos benefícios da grande arte, que consistem em inspirar a iniciar e a perseverar na peregrinação moral, em escapar das ilusões egoístas da personalidade e em revelar a realidade contribuindo para o progresso moral. A verdade é algo que se reconhece na grande arte quando se obtém uma compreensão mais clara, justa, detalhada e refinada. (MURDOCH, 1993, p. 321). A arte tanto busca como revela a verdade. O artista diz a verdade por meio de sua arte. A busca do artista é análoga à busca moral.

A arte sensibiliza em diferentes níveis, sendo capaz de revelar aspectos da realidade que seriam difíceis de ser compreendidos de outro modo. A grande arte torna compreensíveis as verdades mais próximas e profundas, que em geral estão invisíveis. Ao apontar para a realidade, a arte comunica o espiritual e o transcendente. A arte retrata o próprio bem, uma espécie de imagem semi-sensorial de um ideal espiritual. (MURDOCH, 1993, p. 9). A experiência estética também revela a ausência de propósito da virtude ao passo que exhibe a sua suprema importância. É a mesma ausência de propósito e de sentido da vida humana. A boa arte apresenta uma imagem verdadeira da condição humana de uma forma que possa ser prontamente contemplada. Revela o que o indivíduo egocêntrico tem dificuldade para perceber, vale dizer, o caráter contingente e independente do universo. (MURDOCH, 2006, p.84). Enfim, a arte funciona como a beleza para Platão, oferecendo um caminho autêntico para o bem e para o real. (WIDDOWS, 2005, p.125).

O objeto de arte atrai a atenção, isto é, incita o esforço moral de direcionar o olhar para longe do ego.

A arte ilumina o acidente, a contingência e a desordem geral da vida, as limitações das épocas e do discurso intelectual assim como nos permite investigar os acontecimentos complexos e horríveis que de outro modo nos intimidariam. A arte cria um mundo humano público, autorizado, um tesouro da experiência passada, a arte preserva o passado. [...] A arte acalma e revigora, dá-nos energia unificando, possivelmente purificando, nossos sentimentos. Ao apreciar a grande arte, nós experimentamos uma clarificação e concentração e aperfeiçoamento da nossa própria consciência. Emoção e intelecto são unidos em um todo limitado. Neste sentido, a arte também cria o seu cliente; inspira intuições de ideal formal e de unidade simbólica que nos capacitam a cooperar com o artista e a tornar, ao desfrutarmos a obra, artistas a nós mesmos. O objeto de arte transmite, de modo mais acessível e para muitos o único modo possível, a idéia de

uma perfeição transcendente. A grande arte inspira porque é separada, é sem finalidade, é para si. É uma imagem da virtude. (MURDOCH, 1993, p. 8, tradução nossa).³⁸

O valor pedagógico da arte para a moralidade sobrepuja a filosofia, a teologia, a religião e a ciência. (MURDOCH, 1997h, p. 461). Consiste em uma educação para o belo, envolvendo o discernimento entre o que é bom, puro, profundo, justo e o que é trivial, superficial, falso, autocomplacente, pretensioso, sentimentalóide. (MURDOCH, 1997h, p. 458-459). A atenção ao objeto de arte é um treinamento moral, pois ensina o respeito pelo outro e a importância de aprimorar as qualidades da consciência. (WIDDOWS, 2005, p.126).

Iris Murdoch, como escritora, ressalta a importância da literatura como provedora de imagens e metáforas que enriquecem a vida moral. A literatura está repleta de julgamentos de valor. O romance está impregnado com os julgamentos morais do autor. Um bom autor é um juiz justo e inteligente. O grande romancista cria personagens livres e realísticos, que não são apenas extensões ou projeções de sua personalidade. O bom personagem tem vida própria, não é uma marionete. (MURDOCH, 1997c, p. 28).

O envolvimento do leitor com o romance é fundamentalmente moral, é um engajamento que inclui todo o seu conhecimento e a sua experiência de vida, sendo de fato uma experiência de elevadíssimo valor cognitivo e ético. (MURDOCH, 1993, p. 97). Os leitores avaliam o tempo todo o caráter dos personagens, seus pensamentos e ações, a qualidade da história, a sua verossimilhança, o autor, a sociedade. A leitura é uma oportunidade de explorar os julgamentos e valores morais. A crítica moral é uma resposta espontânea aos romances, é uma manifestação do infinito interesse nas outras pessoas e em seus modos de vida. Estas avaliações críticas expandem a consciência moral. As lições aprendidas são

³⁸ *Art illuminates accident and contingency and the general muddle of life, the limitations of time and the discursive intellect, so as to enable us to survey complex or horrible things which would otherwise appal us. It creates an authoritative public human world, a treasury of past experience, it preserves the past. [...] It calms and invigorates, it gives us energy by unifying, possibly by purifying, our feelings. In enjoying great art we experience a clarification and concentration and perfection of our own consciousness. Emotion and intellect are unified into a limited whole. In this sense art creates its client; it inspires intuitions of ideal formal and symbolic unity which enable us to co-operate with the artist and to be, as we enjoy the work, artists ourselves. The art object conveys, in the most accessible and for many the only available form, the idea of a transcendent perfection. Great art inspires because it is separate, it is for nothing, it is for itself. It is an image of virtue.* (MURDOCH, 1993, p. 8).

naturalmente aplicadas às avaliações morais diárias e à convivência com os demais. A literatura fornece uma experiência de treinamento moral, aprimorando a percepção da realidade. (WIDDOWS, 2005, p. 128).

A arte é também análoga à moral, haja vista que a essência de ambas é o amor, considerado como a percepção dos indivíduos. O amor envolve a desafiadora tarefa de atentar para a realidade de outros indivíduos distintos do próprio ego. (MURDOCH, 1997e, p. 215). Assim como o agente moral, o artista está engajado em superar a aparência para ver a realidade. Ambas as atividades envolvem cognição imaginativa e energia espiritual. O grande artista, tal e qual o homem bom, possui virtude na forma de paciência, coragem, veracidade e justiça. O trabalho artístico envolve disciplina moral, visto que o artista luta para vencer suas próprias fantasias e autocomplacência. (MURDOCH, 1997j, p. 255).

Entretanto, o bom artista é uma espécie de imagem do homem bom, o grande artista é uma espécie de imagem do homem santo. Ele é apenas um tipo de imagem, visto que, como pessoa, pode ser tremendamente egoísta. Como a arte é poder, o artista é tentado a incorrer em ilusões de onipotência. Ainda assim, no âmbito de seu trabalho, ao criar a obra de arte, o artista pode ser humilde, verdadeiro, corajoso, inspirado pelo amor à perfeição. (MURDOCH, 1993, p. 428). Bons artistas podem ser homens maus, residindo a virtude, a visão justa inteiramente e apenas na obra de arte. (MURDOCH, 1997h, p. 460). A filósofa sabe bem que arte e moral são diferentes. Existe um imperativo moral que interpela todos os homens, ao passo que não existe um imperativo estético a exigir que todos sejam artistas ou que apreciem a boa arte. Ademais, a boa arte almeja a visibilidade e a virtude a invisibilidade. (MURDOCH, 1993, p. 333).

Existe, contudo, um sentido específico em que todos são artistas. Há uma capacidade inerente ao ser humano de produzir imagens, cenários a partir de si mesmo, dos outros e do mundo. Basta pensar na faculdade humana de contar histórias, no hábito de narrar como foi o dia. Esta capacidade narrativa confere uma forma estética às experiências vividas, sendo uma espécie de pequena obra de arte. (MURDOCH, 1997j, p. 252-253). Note-se que selecionar os eventos, organizar,

avaliar o que é relevante ou não, exprimir a opinião, os sentimentos, interpretar os fatos, todas estas atividades envolvem valoração. A imaginação criativa é fundamental para a vida diária. Desta forma, o elemento estético, entendido de um modo amplo, relacionado à capacidade humana de contar histórias e de imaginar, está presente na compreensão de si mesmo e dos outros, vale dizer, compartilha com a moral a característica de ubiqüidade. (MURDOCH, 1993, p. 334).

Heather Widdows (2005, p. 130) observa muito apropriadamente que Iris Murdoch não está comprometida em incentivar as pessoas a desenvolver um gosto ou talento refinado em termos de apreciar ou criar grandes obras de arte. Antes, a filósofa quer destacar o papel da imaginação tanto na reflexão moral como na criação ou apreciação artística. É a imaginação que permite ao indivíduo vencer o próprio ego e atentar para o outro de forma realística, assim como a imaginação permite ao leitor participar da criação do romance e realizar seus julgamentos morais em relação aos personagens e à história. É a imaginação que apura a visão do artista para examinar a realidade além de suas próprias obsessões egóicas. A vida está repleta de atividades estéticas imaginativas que não são facilmente distinguíveis de atividade moral. (MURDOCH, 1993, p. 334).

Considerada a importância da arte para a filosofia moral de Iris Murdoch, é pertinente a indagação sobre a relação entre a sua produção filosófica e literária. Sabe-se que a filósofa publicou vinte e seis romances e cinco livros de filosofia. Sendo a arte a forma mais pedagógica de discurso moral, será que seus romances refletem suas idéias filosóficas?

Repetidas vezes, Iris Murdoch rejeitou a idéia de ser uma romancista filosófica, isto é, seus romances não devem ser lidos como filosofia. O compromisso fundamental do escritor de romances é ser tolerante ao ponto de conferir liberdade aos personagens e não projetar seu próprio ego. Utilizar o romance como forma de transmitir idéias filosóficas seria impor a sua própria personalidade, prejudicando o trabalho artístico, que consiste na observação atenta da realidade, especialmente da singularidade dos indivíduos. O risco do romance filosófico é perder de vista a realidade em prol das idéias filosóficas do autor. (WIDDOWS, 2005, p.133).

Há de se reconhecer, entretanto, que Iris Murdoch admite a presença de filosofia em seus romances. Como amante da filosofia, é inevitável que sua visão filosófica de mundo e de ser humano transpareçam em sua literatura. Ela ressalta que se trata de um processo espontâneo, não intencional. Seus romances expressam idéias filosóficas apenas indiretamente, vale dizer, não são escritos com este propósito. Ela se utiliza da filosofia do mesmo modo que recorre a sua experiência de vida para criar personagens livres e escrever suas histórias. Seus personagens expressam freqüentemente idéias filosóficas. Muitos personagens se iludem e agem de modo egoísta, assim sua literatura alerta insistentemente para o perigo da fantasia. Os personagens falham em ver a realidade das outras pessoas, projetando seus próprios desejos e interpretações sobre todos ao redor. Estão sempre presentes em seus romances o poder avassalador do auto-engano, a dificuldade de perceber sem as distorções do ego, os desafios de ser bom em um mundo imerso em ilusões. Os seus romances retratam a condição humana e, dessa forma, enriquecem a sua filosofia. (WIDDOWS, 2005, p. 134).³⁹

Segundo Heather Widdows (2005, p. 134), as preocupações dos romances de Iris Murdoch são as mesmas preocupações de sua filosofia. Não apenas os temas gerais (egoísmo, fantasia, virtude) são explorados em sua literatura como argumentos filosóficos específicos aparecem reelaborados como críticas a sua própria posição filosófica.

Patrícia O'Connor (1996, p. 201) destaca uma modificação na visão de Iris Murdoch a respeito das relações entre literatura e filosofia. Em um primeiro momento, em *The Novelist as Metaphysician* (1997g), a filósofa elogia as obras de ficção escritas intencionalmente para ilustrar idéias filosóficas. São obras de arte abertamente didáticas ao estilo de Sartre e de Simone de Beauvoir. É que a literatura é um veículo mais eficaz para transmitir idéias filosóficas ao leitor leigo. Em textos posteriores, em especial *The Sublime and the Beautiful Revisited* (1997i), Iris Murdoch desenvolve a idéia de que um romance elaborado com o propósito de ser

³⁹ Iris Murdoch admite que o escritor está sempre tentando ocultar suas obsessões em sua obra literária. Entretanto, as obsessões estarão sempre presentes, mais ou menos camufladas, independentemente de o escritor ser bom ou não. A arte, para a filósofa, é uma batalha contra forças inconscientes. O paradoxo é que sem forças inconscientes não há arte. (MURDOCH, 1997j, p. 252).

didático ou de transmitir idéias filosóficas falha em seu papel fundamental, que é revelar a realidade das outras pessoas. Os personagens são ou objetos ou verdades, isto é, não são retratados como realidades livres, contingentes e independentes. Neste sentido, Iris Murdoch não se considera como uma romancista filosófica ao estilo de Sartre e de Beauvoir. Além disso, ainda que literatura e filosofia sejam atividades reveladoras da verdade, a filosofia é abstrata, discursiva e direta ao passo que a literatura é particular, misteriosa e ambígua. A filosofia revela a verdade por meio de discurso racional e a literatura através do jogo da imaginação. (O'CONNOR, 1996, p. 202).

O'Connor (1996, p. 204) destaca ainda um segundo sentido em que a filosofia pode ser utilizada na literatura. A filosofia pode ser utilizada como suporte, tema, assunto de interesse entre as personagens, pode ser motivo inclusive de piadas filosóficas ou pode afetar o estilo de vida da personagem. Conforme já visto, o uso da filosofia como tema entre as personagens é recorrente na literatura de Iris Murdoch.

O terceiro sentido em que filosofia e literatura se relacionam na obra de Iris Murdoch é mais complexo. As suas preocupações filosóficas estão profundamente refletidas nos romances, de modo que a literatura complementa a sua filosofia. Assim como o agente moral, o autor precisa evitar suas próprias fantasias e atentar para a realidade na construção de personagens. Os personagens são realidades individuais similares às pessoas. O autor não deve impor um modelo, uma forma consoladora sobre a vida humana, ao contrário, o bom autor deve retratar a vida governada pelo acaso e pela necessidade, sem qualquer finalidade. (O'CONNOR, 1996, p. 206).

A complementariedade reside em que tanto a ficção como a filosofia de Iris Murdoch revelam a mesma verdade em formas distintas. A verdade ética mais fundamental é que outras pessoas existem e são realidades independentes, vale dizer, não são simples objetos no mundo do agente moral. A arte e a moralidade exigem atenção às particularidades do outro, os seus ínfimos detalhes, a sua existência, o fato de que os indivíduos são distintos do artista e do agente moral bem como distintos uns dos outros. (O'CONNOR, 1996, p. 99).

Na criação de uma obra de arte, o artista experimenta o exercício de atentar para algo totalmente particular e diferente de si. A intensidade desse exercício confere à obra de arte a sua especial independência. Isto é, é uma independência e singularidade que é essencialmente a mesma conferida, ou melhor, descoberta na pessoa que se ama. Existe, entretanto, outro aspecto da questão. O artista está criando algo quase sensorial. Ele é mais semelhante a Deus que o agente moral. [...] Isto é, o artista se esforça para tornar a obra de arte auto-suficiente e, tanto quanto possível, auto-explicativa. O que torna a arte trágica tão perturbadora é que a forma auto-suficiente é combinada com algo, o ser individual e o destino das pessoas humanas, que desafia a forma. A grande tragédia nos deixa em eterna dúvida. É a forma de arte em que o exercício do amor é mais similar ao seu exercício na moralidade. (MURDOCH, 1997e, p. 219, tradução nossa).⁴⁰

O bom romance cria um amplo espaço de reflexão, que serve de palco para as personagens e para atrair a atenção e cativar o inconsciente do leitor. A arte não preceitua, mas oferece exemplos. O primeiro exemplo é o amor do artista ao criar personagens livres, buscando observar a realidade. O segundo exemplo são as próprias personagens que buscam atentar para as realidades individuais, com variado grau de sucesso, ou se recusam a considerar e a atentar para os outros ou simplesmente falham na atividade moral de atenção. (O'CONNOR, 1996, p. 207).

Deste modo, é correto concluir que, por meio de diferentes formas, Iris Murdoch alerta para a questão central de sua ética: a virtude consiste no esforço moral de atentar para a realidade de outras pessoas que possuem necessidades, desejos legítimos, singulares. Ao desenvolver estas idéias por meio da literatura e da filosofia, ela fornece um vocabulário moral novo que auxilia o agente moral. A pluralidade de formas amplia as possibilidades de comunicação, alcançando maior número de leitores. A filosofia apela principalmente à mente racional, consciente, ao passo que a literatura recorre, sobretudo, ao inconsciente e à imaginação. A mais importante verdade não é a perspectiva filosófica de Iris Murdoch em si, mas a realidade dos indivíduos singulares e o imperativo moral de vencer o ego. A literatura

⁴⁰ *In the creation of a work of art the artist is going through the exercise of attending to something quite particular other than himself. The intensity of this exercise itself gives to the work of art its special independence. That is, it is an independence and uniqueness which is essentially the same as that conferred upon, or rather discovered in, another human being whom we love. There is however another aspect to the matter. The artist is creating a quasi-sensuous thing. He is more like God than the moral agent. [...] That is, the artist strives to make what he creates self-contained and as far as possible self-explanatory. What makes tragic art so disturbing is that self-contained form is combined with something, the individual being and destiny of human persons, which defies form. A great tragedy leaves us in eternal doubt. It is the form of art where the exercise of love is most like its exercise in morals.* (MURDOCH, 1997e, p. 219).

apresenta, ilustra, fornece o cenário indiretamente, de forma sugestiva, para as verdades que a filosofia desenvolve. (O'CONNOR, 1996, p. 208).

Diante das intrincadas conexões entre arte e filosofia no pensamento de Iris Murdoch, muitas indagações surgem. A primeira delas é que a própria filósofa reconhece os diálogos platônicos como grande arte. Ela chega a criticar Platão por assumir uma atitude hostil em relação aos artistas, ao temer o poder subversivo da arte em termos políticos e religiosos, sem reconhecer teoricamente o valor artístico de sua própria obra filosófica. Contudo, ela mesma admite, em defesa de Platão, que a emergência da filosofia exigia a determinação de uma diferenciação marcante em relação à linguagem artística ou poética e à especulação teológica. É que a filosofia progride ao se distinguir de outros saberes. (MURDOCH, 1997c, p. 13). Ora, não há dúvida de que os diálogos platônicos são abertamente filosóficos e nem por isso o seu valor estético é reduzido ou afetado.⁴¹

Ao comentar as relações entre arte e religião, a filósofa afirma que o Cristianismo, em momento crucial de sua gênese, teve a sorte de contar com cinco grandes gênios da arte, referindo-se ao apóstolo Paulo e aos quatro evangelistas. Ela considera o Cristianismo, em certo sentido, como uma vasta obra de arte, que tanto recrutou grandes artistas como artistas medíocres. As imagens religiosas cristãs incluem parábolas didáticas, histórias, figuras míticas que fortalecem idéias morais. Cristo como Redentor é o salvador sofredor que livra o homem do pecado e do horror. (MURDOCH, 1993, p. 82). O próprio Deus cristão é o objeto supremo de amor, é o objeto supremo de arte, que não se degrada jamais e purifica os sentimentos impuros dos crentes. É um Deus que busca e que vê o homem, ao contrário do Bem platônico. Todas estas imagens de um Deus pessoal, de triunfo do sofrimento sobre a morte, de um julgamento justo podem ser uma satisfação e um conforto. O Cristianismo para Iris Murdoch é um exemplo de grande arte que pode

⁴¹ Cabe reconhecer, contudo, que a própria filósofa pondera sua visão sobre a qualidade de romances com intuítos manifestamente filosóficos ao destacar *A Náusea*, de Sartre, como um bom romance filosófico. Para a filósofa, o referido romance consegue ser uma obra de arte sem que o leitor necessite recorrer a teorias do autor expressas em outros livros. (MURDOCH, 1997c, p. 20). Ela cita ainda o *Simpósio* de Platão como uma das raras ocasiões em que uma obra filosófica é também uma obra de arte. (MURDOCH, 1997c, p. 5).

consolar o apreciador, constituindo uma barreira para a peregrinação moral. (MURDOCH, 1997h, p. 447).

A filósofa expressamente repudia a redução da experiência religiosa a uma experiência estética. Ela quer, entretanto, destacar a religiosidade da grande arte. (MURDOCH, 1993, p. 83).⁴² É muito interessante notar que, em *Metafísica como Guia Moral* (1993), o papel da arte se torna muito mais complexo em comparação com suas obras anteriores. Note-se que tanto a grande arte pode incorrer em fantasia consoladora como a arte inferior pode revelar verdades importantes. De fato, a arte grosseira expõe com maior clareza os aspectos vis da natureza humana. (MURDOCH, 1993, p.85). Até a arte medíocre pode contar algo relevante, por exemplo, o modo como as pessoas vivem. (MURDOCH, 1997c, p. 15). A exemplificação da fragilidade humana na arte vulgar é um alerta mais evidente que sua representação na boa arte. É que na arte de má qualidade o ego orgulhoso, criador de ilusões, é exposto de forma mais explícita. (MURDOCH, 1993, p. 86).

Uma visão sistemática da filosofia de Iris Murdoch fatalmente perde importantes conteúdos expressos em suas obras, visto que tende a unificar e a aplainar as tensões. Ela não está preocupada em definir critérios rígidos para qualificar a boa arte e a arte vulgar, visto que sua preocupação não é primordialmente estética. O que ela defende insistentemente é o direito de julgar as obras de arte de uma perspectiva ética. A arte é sobretudo a revelação de uma experiência cognitiva, uma capacidade estética presente no indivíduo que tem paralelos profundos com a experiência ética e espiritual. Tudo dependerá da relação concreta entre o indivíduo e a obra de arte, por isso uma grande obra de arte pode frear o desenvolvimento espiritual ao estimular a fantasia, ao prover um refúgio espiritual reconfortante e uma obra de arte vulgar pode clarificar o papel enganador do ego na experiência humana. “Certamente nenhum artista pode realmente

⁴² A crítica de Iris Murdoch ao Cristianismo será desenvolvida amplamente ao estudar na seção seguinte (2.3) a sua visão sobre religião e espiritualidade.

defender-se contra seu cliente, nada pode prevenir que o objeto degenera no olhar do espectador.” (MURDOCH, 1993, p. 117, tradução nossa).⁴³

Iris Murdoch valoriza a experiência estética do artista e do apreciador de arte porque ambas tendem a engajar o indivíduo na árdua tarefa de aprendizado. Aprender a detectar o falso na arte e a apreciar a verdade é parte de uma educação em discernimento moral que dura a vida inteira. (MURDOCH, 1997h, p.459). A obra de arte, assim como a escrita na *Sétima Carta* de Platão, corre o sério risco de cair nas mãos de um tolo ou de um desonesto. Sem o diálogo pessoal há o perigo de uma compreensão distorcida. Por isso alguns pensadores, como Sócrates, optam por não escrever ou por empregar uma obscuridade cautelosa (Derrida, Kierkegaard, Wittgenstein) enquanto alguns escritores evitam ‘contar boas histórias’ que satisfazem leitores preguiçosos, incapazes de buscar um sentido mais profundo. É melhor ter menos leitores, porém mais valiosos. (MURDOCH, 1993, p. 87).

Fica claro que Iris Murdoch ressalta em primeiro plano as relações concretas e éticas entre o artista e a obra de arte, a obra de arte e o seu apreciador. O juízo estético é secundário, flexível, por isso ela pode admitir arte medíocre inofensiva, grande arte ilusória e arte vulgar clarificadora. (MURDOCH, 1993, p.86). Ninguém pode impedir que a boa arte seja utilizada como mágica, de fato, até a boa arte pode ser apropriada pelo apreciador como fantasia e pornografia. Este processo é facilitado pela mágica comum do entretenimento vulgar, que dificulta cada vez mais o discernimento daquilo que é bom. (MURDOCH, 1993, p.13-14).

Neste contexto, é fácil perceber porque a filósofa é tão crítica com a televisão. (MURDOCH, 1993, p.13). A arte produzida pela televisão é dirigida às massas e não ao indivíduo, em sua particularidade, e assim não estimula o engajamento moral, nem a atenção, muito menos demanda um aprimoramento da capacidade cognitiva.

Por último, seria um grave equívoco supor que Iris Murdoch impõe um imperativo moral ao artista. A arte pode ser apreciada por diversos ângulos e a liberdade do artista é fundamental, intocável. A arte não tem um papel social formal

⁴³ “Surely no artist can really defend himself against his client, nothing can prevent any object from

e os artistas não devem se sentir compelidos a servir à sociedade. (MURDOCH, 1997h, p. 461). Eles servem espontaneamente quando se dedicam a elaborar a melhor arte possível. A arte é para si mesma, não possui nenhuma finalidade. (MURDOCH, 1993, p. 8).

A experiência espiritual também ressalta em primeiro plano a singularidade do indivíduo que busca a divindade. A experiência ética está intimamente relacionada à experiência estética e espiritual. Em primeiro lugar, porque são capacidades inerentes a todo e qualquer ser humano, em segundo lugar, porque são suscetíveis de serem desenvolvidas em todos os âmbitos da vida. A próxima seção será dedicada ao exame da relação entre experiência religiosa e moralidade.

2.3 Religião sem Deus: a espiritualidade de um mundo em processo de secularização.

Uma característica marcante da obra filosófica de Iris Murdoch é que, apesar de seu ateísmo, ela mantém um profundo interesse na vida religiosa. Ao longo de todo seu percurso, a filósofa evoca imagens religiosas: a atenção é o modo de purificar os estados de consciência, uma forma de oração secular; a vida moral é uma peregrinação espiritual. O retrato do ser humano como fundamentalmente egoísta e iludido pelo próprio ego também é uma imagem religiosa. Frequentemente recorre a imagens de pecado e de culpa provenientes do Hinduísmo, Budismo e Cristianismo. (MURDOCH, 1993, p. 68-69). Ainda assim, sua filosofia é insistente em asseverar que não há nenhuma finalidade ou propósito externo à vida humana e que o ser humano é uma criatura moral, temporária, sujeita à necessidade e ao acaso. (WIDDOWS, 2005, p. 139).

Iris Murdoch admite que a religião tem algo a contribuir para as visões filosóficas de mundo. Segundo a filósofa, a mais importante mudança no século XX foi o declínio da fé religiosa, que repercutiu imensamente na literatura, na política e na filosofia. Os conceitos de indivíduo e de valor moral são alterados, uma vez que a

degenerating in the eye of the beholder." (MURDOCH, 1993. p. 117).

crença em um Deus pessoal parecia uma garantia primordial de moralidade. (MURDOCH, 1993, p. 81). Em sua opinião, o mais importante problema intelectual contemporâneo é a relação entre religião, moralidade e filosofia. (MURDOCH, 1993, p. 135). Heather Widdows (2005, p. 140) observa que Iris Murdoch não discute as razões do declínio da fé ou dos processos de secularização, mas concentra-se em seus efeitos sobre os conceitos morais e sobre a compreensão de ser humano.

A filósofa questiona freqüentemente a continuidade do Cristianismo em sua presente forma numa época contrária à teologia. (MURDOCH, 1993, p. 419). Ela destaca o impacto da crítica humanista feroz, que rejeita a religião e sua história de irracionalidade, além de considerar os rituais religiosos como falsos substitutos para o enfrentamento dos reais problemas morais e para a genuína mudança de vida. Iris Murdoch reconhece que a religião institucionalizada pode ser inimiga da moralidade, justificando ações imorais e prejudicando a motivação moral verdadeira. (MURDOCH, 1993, p. 487).

Especialmente no ocidente, a religião é encarada cada vez mais como um fenômeno historicamente determinado. A presente era científica não considera os mitos reais ou literalmente verdadeiros, mas símbolos. A tarefa que se apresenta desafiadora é compreender o que a religião é. (MURDOCH, 1993, p. 138). As crenças religiosas tradicionais são incompatíveis com o paradigma científico prevalente, que ameaça não apenas a fé, mas também conceitos como self, vida interior e moralidade. (WIDDOWS, 2005, p. 143).

A filósofa apóia o programa de demitologização, no sentido de promover o abandono de qualquer crença no sobrenatural e, especialmente, de qualquer tipo de relacionamento com um Deus pessoal. Ela se preocupa, entretanto, em preservar um sentido de espiritualidade como uma capacidade humana fundamental que envolve a história, o indivíduo e o reconhecimento de valores. Quando se busca suprimir ou desconsiderar todo e qualquer tipo de espiritualidade, deixa-se de atentar para certas experiências humanas que possuem inequívoco valor moral. (MURDOCH, 1993, p. 307). A experiência espiritual continuará indubitavelmente, o que pode declinar é a habilidade de articular, refletir, atentar para esta realidade. (WIDDOWS, 2005, p. 144).

Iris Murdoch preocupa-se especialmente com a imensa capacidade de as religiões produzirem consolo e ilusão. Assim como a arte, a religião pode simular a verdade, protegendo as fantasias do ego, degradando o amor em egoísmo privado, criando mitos deterministas que negam o fortuito e removem a liberdade. (MURDOCH, 1993, p. 103). A religião tem uma inclinação especial para o engano. Do mesmo modo que a grande arte é uma exceção assim também verdadeira religiosidade é rara. Há poucos santos e muita superstição e sentimentalismo. (MURDOCH, 1993, p. 130).

A religião ainda conta com a arte para incrementar a sua capacidade simulatória. Os evangelhos apresentam a derrota se transformando em vitória, o triunfo do sofrimento sobre a morte, o sofrimento como adversário da morte. A terrível história da execução de Cristo se torna o evento cósmico supremo. Os discípulos confusos e abandonados se transformam em gênios e heróis. A história de Jesus é uma história que todos querem ouvir, vale dizer, o sofrimento pode ser redentor e a morte não é o fim. O sofrimento oculta a morte. A dor não é inútil, sem sentido, mas pode ser o caminho. (MURDOCH, 1993, p. 128). O problema é que o culto ao sofrimento redentor pode degradar-se em culto ao sofrimento. (MURDOCH, 1993, p. 129). O perdão de Deus pode ser uma oportunidade para mudança de vida ou para prosseguir pecando despreocupadamente. (MURDOCH, 1993, p. 82). A figura de Cristo pode iluminar e inspirar ou paralisar a reflexão. (MURDOCH, 1993, p. 306).

A filósofa propõe a distinção entre a verdadeira religião e os confortos da mitologia. Muitos mitos religiosos e sua arte pretendem encobrir a morte e a absoluta contingência da existência. (MURDOCH, 1993, p. 139). A arte fascina a religião de tal modo que pode se tornar o maior obstáculo para a investigação da verdade. Um padrão rígido de imagens espirituais integradas pode aprisionar a mente, impedir o livre movimento do espírito e dotar a linguagem com metáforas imprecisas. (MURDOCH, 1997h, p. 447). Não obstante, a religião também é reconciliação, perdão, renovação de vida e salvação do pecado e do desespero. A religião se move entre o sentimento confortador e a mágica e um tipo de austeridade rara no ser humano. (MURDOCH, 1993, p. 129). A religião pode funcionar como uma fantasia consoladora, ainda assim contém um imperativo de auto-superação, uma

contínua paixão iconoclasta para transpor as falsas imagens confortadoras, sugerindo um ponto magnético em que se vislumbra a verdade e todo consolo e ilusão desaparecem. (MURDOCH, 1993, p. 124).

Arte e religião consolam e degeneram em ilusão, contudo, também possuem algum conteúdo de verdade e capacidades reveladoras. (WIDDOWS, 2005, p. 146). As imagens religiosas podem indicar a realidade. Para a filósofa, a verdadeira realidade indicada pelo mito cristão de um Deus pessoal é o bem impessoal. Os deuses do Budismo e do Hinduísmo são sombras que indicam uma realidade última, suprema, a realidade do bem e dos valores morais. As imagens religiosas são fundamentais para a jornada espiritual, são símbolos de uma demanda absoluta, um compromisso com os valores religiosos. O Absoluto não é uma pessoa e é indiferente aos seres humanos. (MURDOCH, 1993, p. 144).

As imagens, histórias e cenários religiosos agregam substância às idéias morais. Toda a filosofia de Iris Murdoch enfatiza reiteradamente a capacidade de produzir imagens, metáforas e contar histórias como o modo natural de compreensão dos seres humanos. A religião torna a moralidade pessoal, acessível e inspiradora. (WIDDOWS, 2005, p. 148). Os cenários míticos podem ser mantidos e utilizados, não como informação factual, literal ou mágica, mas como imagens espirituais revigorantes. (MURDOCH, 1993, p. 403). A moralidade elevada sem a religião é muito abstrata, a moralidade elevada precisa da religião. O poder simbólico da religião é intenso, profundo, toma o homem por inteiro. Satisfaz a necessidade fundamental de entender através de imagens, tornando as idéias morais íntimas e mais acessíveis à compreensão que os ditames da razão. (MURDOCH, 1993, p. 484).

A imagem do sofrimento redentor pode ser muito eficaz eticamente. A filósofa cita a história da mãe que sofre pelo seu filho delinqüente. (MURDOCH, 1993, p. 131). O filho pode se comover e se endireitar diante do sofrimento da mãe. Outro exemplo é a influência de uma pessoa portadora de deficiência física que pode motivar os demais membros da família a uma mudança de vida. Mesmo pessoas distantes que vivem em outras circunstâncias, como os dissidentes políticos em regimes opressivos, podem inspirar o aprimoramento moral. É claro que, em todos os exemplos citados, a experiência pode degenerar. É preciso atentar de certo

modo e evitar a admiração passiva, a identificação sadomasoquista e o prazer de saber que o sofrimento é do outro e não meu. (MURDOCH, 1993, p. 132).

Os rituais fazem parte das metáforas religiosas. O rito atrai e conta com a atenção do devoto. O visível e o exterior apontam para o interior e o invisível. O ritual fornece os lugares, as ocasiões, os gestos expressivos que liberam a energia psíquica, trazendo cura e promovendo oportunidades para a atividade espiritual. (MURDOCH, 1993, p. 307). As pessoas são atraídas por vários tipos de rituais, que são percebidos como fontes de iluminação, como exercícios espirituais para fortalecer os bons desejos. O objeto ritual comunica diretamente com a alma, é imediatamente absorvido. É uma imagem do bem e de pessoas boas (bons exemplos), que é inspiração, mas também exame de consciência. O ritual religioso é um reconhecimento da unicidade da vida e, neste sentido, relaciona-se naturalmente com a arte, podendo ser uma fonte de alegria. Os rituais religiosos devem permanecer. (MURDOCH, 1993, p. 433).

Iris Murdoch defende a religião demitologizada como uma necessidade absoluta da época atual, vale dizer, um desenvolvimento da espiritualidade sem crenças sobrenaturais (vida eterna, ressurreição, Deus...). Ela busca na experiência religiosa a afirmação de um elemento incondicional na estrutura da razão e da realidade. (MURDOCH, 1993, p. 432). A filósofa considera o processo de secularização inevitável. Sendo assim, as opções parecem ser ou uma religião demitologizada ou nenhuma religião. (MURDOCH, 1993, p. 431).⁴⁴ A religião é uma forma de crença na posição única e soberana do bem e da virtude na vida humana.

⁴⁴ Como a 'experiência ordinária' da filósofa pode ter apontado para uma dicotomia tão distante da realidade! Os avanços científicos e tecnológicos, ao longo do século XX e no começo do séc. XXI, não inibiram a continuidade nem a multiplicidade de crenças no sobrenatural em suas mais variadas formas. O sobrenatural está presente tanto no discurso político dos líderes ocidentais de países em avançado processo de secularização ("eixo do mal" de Bush, discussão nos EUA sobre o ensino da teoria da evolução e do criacionismo nas escolas assim como sobre a abstinência sexual) quanto nas promessas paradisíacas feitas aos homens-bomba, que evidentemente recorrem à tecnologia e à ciência para atingirem suas metas. Por outro lado, toda sorte de igrejas e seitas utilizam a internet, as mensagens de celular, a televisão e os programas de TV à cabo para a disseminação de suas doutrinas. O desafio é discernir como as crenças afetam os indivíduos que crêem. É preciso avaliar como a crença influi no comportamento e no pensamento do indivíduo sobre si mesmo, sobre os outros, sobre a sociedade e sobre diferentes grupos étnicos, religiosos e culturais. Para uma boa avaliação, imprescindível será considerar a sério a perspectiva do outro, em especial, como a intensidade de seu compromisso com a fé no sobrenatural afeta a sua visão e atitude moral.

(MURDOCH, 1993, p. 426). A crença religiosa suprema deve ser a necessidade da virtude e da permanência da realidade do bem, ainda que todas as religiões desapareçam. (MURDOCH, 1993, p. 428).

O místico é o homem bom que pratica a generosidade, o altruísmo e cujo conhecimento espiritual transcendeu o nível dos ídolos e das imagens. (MURDOCH, 1993, p. 73). O aprimoramento moral implica na progressiva destruição de falsas imagens. O processo de criar ou de apreender imagens é sempre uma atividade imperfeita. (MURDOCH, 1993, p. 317). Algumas imagens são superiores a outras, isto é, estão mais próximas da realidade. As atividades mais elevadas da mente não possuem imagens. Mitologia teológica, histórias sobre deuses, mitos da criação e outros pertencem ao domínio da criação de imagens e estão em um nível abaixo da realidade e da verdade religiosa suprema. Platão explicitamente destacava em sua filosofia o papel puramente subsidiário dos mitos. Os mitos e as imagens metafóricas dos diálogos podem ser considerados como escadas para serem lançadas fora após o uso. A filosofia moral platônica trata de demitologização. (MURDOCH, 1993, p. 318).

Para a filósofa, a religião diz respeito a tudo na vida, não é um tema especial ou ocasional. (MURDOCH, 1993, p. 455). Neste sentido, é preciso pensar Deus de um modo novo, nem uma pessoa nem um objeto. Ao lidar com o mundo, o indivíduo está em todo momento exercitando e aprendendo liberdade e veracidade. (MURDOCH, 1993, p. 456). A luta contra o mal, o amor pelo que é bom, o gozo inspirado pela beleza, a descoberta e a percepção do sagrado continuam em todo tempo na privacidade das almas humanas. (MURDOCH, 1993, p. 458). Para Murdoch (1993, p. 429), o Cristo que salva é o Cristo místico apropriado pelo indivíduo, é parcialmente uma criação artística, uma representação compacta de tudo que se conhece sobre o bem.

Existem muitos santos e mártires desconhecidos como o dissidente que é assassinado, durante um protesto, ou que morre incógnito na prisão. Podem ser modestos e tranquilos trabalhadores, mães, professores ou tias. Em suas atividades anônimas o egoísmo dessas pessoas desapareceu através do cuidado e do serviço aos outros. Estas pessoas podem ter ou não uma visão religiosa. Trata-se de misticismo prático em seu nível mais elevado, em que a certeza e o absoluto

aparecem de forma encarnada e imediata nas necessidades alheias. (MURDOCH, 1993, p. 430).

A idéia de “estar sempre na presença de Deus” indica que em todo momento os indivíduos se movem entre o bem e o mal e são atraídos em ambas as direções. É neste ponto que religião e moral se confundem. Ao tratar de religião, a filósofa não se refere a um particular dogma ou a uma fé e adoração específicas, visto que a experiência religiosa pode ser vivida de modo não dogmático, a exemplo do Budismo, e está potencialmente em todo lugar, formando uma parte profunda da moralidade. (MURDOCH, 1993, p. 336). A experiência religiosa revela a ubiqüidade do valor na vida humana, isto é, vive-se à luz do bem e de suas demandas. (ANTONACCIO, 2004, p. 281).

A prova ontológica de Anselmo significa que a natureza moral do ser humano é inevitável e que em toda atividade humana há uma exigência de discernimento moral. (MURDOCH, 1993, p. 418). Deste modo, o ateísmo e o agnosticismo não implicam no abandono de uma compreensão espiritual de mundo. (MURDOCH, 1993, p. 454). Uma visão mística de mundo pode sobreviver sem a crença em Deus. Os escritos místicos pressupõem a existência da virtude e incitam o cuidado dos outros como uma forma de purificação e aproximação da divindade. (MURDOCH, 1993, p. 73).

Maria Antonaccio (2004, p. 286) destaca que a própria Iris Murdoch indaga se a moralidade do bem não seria o maior consolo de todos, uma manobra estratégica para providenciar conforto e auxílio aos secularistas incrédulos, mas bem-intencionados. Em sua peça teatral *Acima dos Deuses* (1987), a personagem Sócrates pergunta sobre a possibilidade de existir um bom modo de vida religioso sem a crença no sobrenatural. A personagem Antágoras repele o argumento com veemência:

Eu não chamaria isso de religião. Eu vejo onde você quer chegar, Sócrates, mas não o permitirei. Você quer reintroduzir clandestinamente a religião como algum tipo de moralidade refinada. [...] Eu não creio em benevolência em seu sentido formidável e solene. Eu não creio em perfeccionismo moral. Moralidade é uma questão profundamente relativa, o conceito é irremediavelmente confuso, [...] Não há nada profundo ou elevado. Você quer isolar uma parte da religião para relacioná-la com virtude perfeita ou salvação ou algo, fazer com que a religião continue existindo sem crenças sobrenaturais, mas não existe tal parte. Nós somos todos iguais, apenas

alguns de nós são mais racionais e livres. Qualquer outra coisa é pura hipocrisia! (MURDOCH, 1987, p. 79, tradução nossa).⁴⁵

Em *A Soberania do Bem* (2006), novamente a filósofa levanta sérias dúvidas sobre seu pensamento moral. Se o mundo é desventuradamente mal, não seria falta de realismo sustentar uma moralidade do Bem? Uma moralidade fundada no Bem não reintroduz Deus sorrateiramente? Ademais, Deus efetivamente cumpria o seu papel de consolar e encorajar. Faz todo sentido amar a Deus como pessoa, mas não há propósito em amar o Bem, um conceito. Ainda que se considere o Bem como uma ficção é improvável que seja inspiradora ou mesmo compreensível, exceto para um pequeno número de místicos que, relutantes em abandonar Deus, forjam o Bem em sua imagem como uma forma de preservar algum tipo de esperança. O Bem parece fantasioso e ineficaz. (MURDOCH, 2006, p. 70). A filósofa confessa a tentação de concordar parcialmente com esta linha de argumentação e afirma que, em filosofia, é sempre difícil saber se alguém está sustentando razoavelmente argumentos públicos e objetivos ou se está apenas erguendo barreiras contra seus próprios medos. É sempre esclarecedor indagar sobre o que o filósofo teme. (MURDOCH, 2006, p. 71).

Heather Widdows (2005, p.154) assinala acertadamente que a religião para Iris Murdoch manifesta a espiritualidade como um aspecto essencial à experiência humana, vinculando-a à experiência moral. A sua discussão filosófica sobre religião é extremamente limitada. Excluindo a questão da demitologização, ela não adentra os debates teológicos contemporâneos. Sua suposição de que o avanço científico e tecnológico promove o declínio da crença em realidades sobrenaturais é altamente questionável e contrária às evidências. A concepção iluminista de que o progresso científico corrói a fé religiosa demonstrou-se falsa. Ademais, o tipo de visão religiosa que se expande não é o misticismo moral, mas formas literais e fundamentalistas de credos religiosos. (WIDDOWS, 2005, p. 155).

⁴⁵ *I wouldn't call that religion. I see what you are at, Socrates, but I won't let you do it. You want to smuggle religion back as some sort of refined morality. [...] I don't believe in goodness in your grand solemn sense. I don't believe in moral perfectionism. Morality is a profoundly relative matter, the concept is irremediably confused, [...] There isn't anything deep or high. You want to separate out a part of religion to do with perfect virtue or salvation or something, to make religion go on existing without supernatural beliefs, but there is no such part. We're all the same, only some of us are more rational and free. Anything else is pure hypocrisy!* (MURDOCH, 1987, p.79).

A relação entre religião e ciência é dos temas mais apaixonantes e complexos da filosofia. Há autores contemporâneos como Richard Dawkins e Daniel Dennet que defendem um conflito irreconciliável entre religião e ciência. Por outro lado, Richard Swinburne sustenta a existência de excelentes argumentos racionais para a concepção teísta de Deus, desse modo o teísmo teria a mesma fonte epistêmica que a ciência. Outros argumentam que a crença em Deus pode ser defendida, independentemente da existência de argumentos racionais cogentes. O teísmo possuiria um status epistêmico próprio, independente dos ditames da razão e da ciência. (PLANTINGA, 2008).

Plantinga destaca que os heróis da ciência moderna eram todos cristãos sérios, tais como Copérnico, Galileu, Kepler, Newton, Boyle e outros. Além disso, destaca que o teísmo vê a investigação científica como um claro exemplo do desenvolvimento e do aperfeiçoamento da imagem de Deus nos homens, considerados individual e coletivamente. (Plantinga, 2008). O cientista e teólogo Alister McGrath assinala que a ciência é incapaz de provar a existência ou a inexistência de Deus, apesar de oferecer importantes contribuições ao debate. Desse modo, desenvolve argumentos para demonstrar que a abordagem de Richard Dawkins recorre a alegações não-científicas para derivar o ateísmo da teoria da evolução de Darwin. (MCGRATH, 2008, p. 73).

Iris Murdoch evita todo esse rico debate entre ciência e religião, tomando como certo que o avanço científico enfraquece a crença no sobrenatural. Mais uma vez, assim como fez em relação à arte, nota-se que a sua preocupação fundamental é discutir uma perspectiva moral do fenômeno religioso. Em que a religião auxilia ou prejudica a sua concepção de moralidade? Dado o processo inevitável de secularização e a importância das imagens e rituais religiosos para a experiência moral, como fica a espiritualidade em um mundo sem a crença em Deus?

A sua proposta de uma religião sem Deus é profundamente insatisfatória do ponto de vista das religiões teístas como o Cristianismo, Judaísmo e Islamismo. De uma perspectiva especificamente cristã, cabe lembrar as palavras do apóstolo Paulo em 1Co 15.16-19:

Pois, se os mortos não ressuscitam, nem mesmo Cristo ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, inútil é a fé que vocês têm, e ainda estão em seus pecados. Neste caso, também os que dormiram em Cristo estão perdidos. Se é somente para esta vida que temos esperança em Cristo, somos, de todos os homens, os mais dignos de compaixão. (Bíblia Sagrada, 2000, p. 921).

Para Stanley Hauerwas (1996, p. 207) os cristãos foram criados para serem amigos de Deus, sendo assim, viveriam profundamente solitários no mundo de Murdoch. Heather Widdows (2005, p. 155) destaca que a crença em um Deus pessoal prevalece tanto dentro como fora da religião institucionalizada, ademais, mesmo crentes sofisticados, capazes de interpretar de modo não literal as imagens religiosas, continuam a crer na possibilidade de um relacionamento com Deus como uma questão central à fé.

Ao contrário da perspectiva dos crentes, Iris Murdoch trata com indiferença o conteúdo específico dos distintos credos religiosos. (WIDDOWS, 2005, p. 155). É bastante improvável que os rituais, a arte sacra, as imagens e as orações possam continuar surtindo o efeito de purificação do desejo e de aprimoramento dos estados de consciência, se o fiel abandonar sua crença no sobrenatural. A filósofa admite esta possibilidade ao reconhecer que o fim da oração, como decorrência do fim da fé em Deus, é uma grande perda. Contudo, sugere como resposta a prática da meditação, uma quietude disciplinada, um recuo para o recôndito da alma. (MURDOCH, 1993, p. 73). Evidentemente que a prática da meditação, ao estilo budista, não pode satisfazer aos cristãos que buscam relacionamento íntimo com Deus através da oração. As parábolas, os rituais, a força das imagens religiosas perdem sua motivação e sua razão de ser para o fiel, quando a perspectiva de um relacionamento com Deus é eliminada.⁴⁶

A defesa intransigente da demitologização milita contra a pluralidade das visões morais, contra a multiplicidade de visões religiosas de mundo. Novamente a filósofa está plenamente ciente deste risco ao sustentar que apesar de a demitologização ser absolutamente necessária para a época contemporânea, não pode ser efetivada ao estilo de Feuerbach, sob pena de perder muito e afirmar pouco. Esta é a razão pela qual insiste na preservação das formas de vida religiosa

⁴⁶ Iris Murdoch reconhece como uma questão de fé para o Cristianismo crer que ao imaginar orar a Deus, o fiel de fato está mantendo contato com a divindade (1993, p. 83).

e de suas instituições imperfeitas como representantes da supremacia do bem. (MURDOCH, 1993, p. 460).

A perspectiva moral de Iris Murdoch sobre a religião destaca a espiritualidade como essencial a qualquer retrato fidedigno da experiência humana. (WIDDOWS, 2005, p. 156). O seu alvo é justificar a sua concepção moral realista ao destacar as capacidades estéticas e espirituais do indivíduo, vinculando-as à experiência moral. O julgamento moral é inerente ao ser humano, é inevitável, ocorre a todo momento e está presente em todas as atividades humanas.

A filósofa recorre ao *Menon* para ilustrar que o indivíduo precisa se engajar na busca pela verdade. Ademais, deve também crer em seu dever e em sua habilidade de descobrir e se apropriar das verdades primeiramente intuídas ou compreendidas como sombras. O acesso à certeza moral pressupõe esse engajamento pessoal. A visão moral do bem depende desta descoberta que o indivíduo só consegue alcançar por si mesmo. (MURDOCH, 1993, p. 434-435). A concepção do bem está diretamente relacionada à consciência individual. As noções de indivíduo, de verdade e de bem não podem ser abandonadas pelo furor anti-metafísico da filosofia e da ciência contemporâneas. Ao destacar a sensibilidade estética e espiritual do ser humano, a filósofa quer ressaltar a percepção singular do indivíduo particular e contingente. São capacidades humanas que estão situadas em um plano distinto das explicações científicas, que separam artificialmente fatos e valores. Na próxima seção, será estudada a noção de bem na visão da filósofa, sua relação com o pluralismo das visões morais e com a defesa da ubiqüidade do valor.

2.4 O conceito de Bem.

Iris Murdoch recorre incessantemente à experiência para afirmar a primazia da moralidade sobre todos os aspectos do conhecimento e do julgamento humanos. As experiências estética e religiosa salientam a percepção e a sensibilidade moral do indivíduo que crê, cria ou aprecia a obra de arte. A ubiqüidade dos valores está diretamente relacionada ao bem, que é o conceito fundamental da moralidade.

Nesta seção, buscar-se-á compreender e avaliar a idéia de Bem e o seu papel no pensamento da filósofa.

Os estudiosos de Iris Murdoch sentem profundo desconforto para explicar a sua idéia de Bem. Para uns, a apresentação assistemática de sua filosofia é um obstáculo para entender a forma e o conteúdo do Bem. (WIDDOWS, 2005, p. 72). Para outros, seu argumento sobre a existência necessária do Bem é uma evidente declaração de fé, com base na experiência, assim como o próprio argumento ontológico de Anselmo. (O'CONNOR, 1996, p.113).

A falta de uma definição concreta é um elemento inerente ao bem, visto que está além da esfera do conhecimento humano. Ainda que haja demandas do Bem em toda parte, uma definição cabal não é possível. Buscar progressivamente uma visão mais nítida sobre o bem é um empreendimento para a vida toda, jamais plenamente alcançável. (WIDDOWS, 2005, p. 72).

Para Maria Antonaccio (2003, p. 119), o realismo de Iris Murdoch é reflexivo. Sua flexibilidade consiste em afirmar o status de verdade das pretensões morais, adotando um ponto de partida interno à consciência, que busca um critério objetivo por meio da própria consciência. O Bem é descoberto pela consciência na medida que reflete sobre si mesma. Ao mesmo tempo, a reflexão revela que o bem é uma perfeição ou uma condição superior que transcende ou supera a consciência.

A busca pelo bem envolve a compreensão de uma ordem objetiva, que é inseparável de uma visão pessoal. A investigação de uma ordem objetiva de verdade e de valor só pode ser realizada por meio da perspectiva do eu. (ANTONACCIO, 2003, p. 119). Neste sentido, os conceitos da linguagem moral servem como instrumentos indispensáveis para a cognição e o julgamento singulares do indivíduo sobre a realidade. Um vocabulário moral pobre e limitado corresponde a uma compreensão menos apurada da realidade moral. Não existe compreensão de fatos sem a mediação dos conceitos morais do indivíduo. A percepção moral é uma atividade interpretativa complexa da consciência, em que os conceitos morais fazem a mediação entre o mundo dos fatos e a visão moral. Qualquer compreensão empírica do mundo dos fatos passa inescapavelmente pela

consciência do agente, que utiliza de forma única a linguagem. (ANTONACCIO, 2003, p. 121-122).

Heather Widdows (2005, p. 72) sustenta que o Bem de Iris Murdoch é simultaneamente transcendente e imanente.⁴⁷ O bem constitui o cenário e a coloração moral da vida humana e, mesmo sendo parte essencial da experiência humana, a sua inesgotável realidade a ultrapassa. (WIDDOWS, 2005, p. 72). O Bem está distante e separado e ainda assim é uma fonte de energia, é um princípio ativo de cognição veraz e de compreensão moral na alma. É a inspiração e o “objeto” de amor do Eros. Não é um universal lógico, nem uma pessoa, é *sui generis*. É o princípio de realidade que orienta o indivíduo no mundo. Contudo, a peregrinação moral não é experimentada apenas de modo elevado, amplo ou geral (tal como uma compreensão crescente da matemática ou da justiça), mas também por meio da maior parte das ínfimas relações estabelecidas com o mundo circundante. A percepção das coisas mais simples, tais como pedras, folhas, pequenos gestos, entre outras, é também capaz de ser aprofundada, de modo mais benevolente, mais justo. (MURDOCH, 1993, p. 474).

O homem bom percebe o mundo real. Ele lança um olhar justo sobre as pessoas e as instituições humanas. É um olhar que enxerga o invisível por meio do visível, o real por meio do aparente, o espiritual por meio do material. (MURDOCH, 1993, p. 475).

Iris Murdoch não opõe transcendência e imanência. Se a transcendência não começasse na imanência, os homens não a perceberiam. (WIDDOWS, 2005, p. 73). A filósofa, ao apreciar o mito do *Anima Mundi*, concorda com a visão expressa por Platão no *Timeu* de que o melhor que os mortais podem esperar é uma intuição ou um vislumbre de algo que está além por meio de algo que está aqui. O Bem é

⁴⁷ “O que é transcendente está além da experiência humana, o que é transcendental não é derivado da experiência humana, mas é uma condição para a experiência.” (MURDOCH, 1993, p. 28, tradução nossa). Transcendente, em Iris Murdoch, significa em geral que o Bem ultrapassa os limites das faculdades humanas, não podendo jamais ser plenamente compreendido. O uso do termo está coerente com o seu emprego mais comum em filosofia, conforme Nicola Abbagnano (2007, p.1160): “Mais freqüentemente, esse termo é usado em filosofia para indicar o que ultrapassa os limites de alguma faculdade humana ou de todas as faculdades e do próprio homem [...]”. Contudo, a filósofa também utiliza transcendental para destacar a realidade do bem como a condição para o próprio conhecimento.

uma idéia, um ideal e, mesmo assim, está evidente e ativamente tangível ao redor de todos. (MURDOCH, 1993, p. 478). No mito da caverna o bem é único, está acima de todo ser e, ainda assim, promove nos homens o sentido de realidade do mesmo modo que o sol promove a vida na terra. (MURDOCH, 1993, p. 74). O Bem é separado, perfeito e transcendente, entretanto, pode ser visto e conhecido parcialmente no nível imanente, assim como o sol exerce influência e pode ser conhecido em parte pelos seus efeitos. (WIDDOWS, 2005, p. 74).

Heather Widdows (2005, p. 74) admite que a correlação entre transcendência e imanência na filosofia de Iris Murdoch torna o conceito de Bem difícil de ser compreendido. A solução encontrada por Patrícia O'Connor foi distinguir o "bem" (com letra minúscula) do "Bem" (com letra maiúscula). O "bem" ocorreria no nível da realidade individual, em plano inferior, ao passo que o "Bem" seria transcendente. A experiência ou reconhecimento daquilo que é necessário para ser bom indica a necessidade da existência de um Bem que reside fora do nível das realidades individuais. (O'CONNOR, 1996, p. 114). De igual modo, O'Connor (1996, p. 105) teve de discriminar uma realidade sensível, variada e multiforme e uma realidade unitária e transcendente.

Não obstante o mérito da explanação de O'Connor, forçoso é reconhecer que Iris Murdoch de modo algum contrapõe duas concepções de Bem ou de realidade. Heather Widdows (2005, p. 73) está certa ao afirmar que, para a filósofa, transcendência e imanência não são características mutuamente excludentes, vale dizer, estão conectadas, uma vez que os termos são usados para salientar diferentes aspectos da realidade. Para Iris Murdoch (1993, p. 427), a unidade e a fundamental realidade do bem são imagem e suporte da unidade e da fundamental realidade do indivíduo. O que é fundamental é ideal ou transcendente, nunca plenamente analisado ou alcançado, mas continuamente redescoberto no decorrer da luta diária com o mundo. Conhece-se a perfeição ao se examinar o que é imperfeito. (MURDOCH, 1993, p. 427).

Iris Murdoch recorre ao argumento relativo à perfeição e à prova ontológica de Anselmo para sustentar a existência necessária do Bem. Estes argumentos

servem como ilustração e defesa de sua própria posição filosófica. Entretanto, em última instância, o suporte fundamental para a existência do Bem é o exame da própria experiência moral. Para Heather Widdows (2005, p. 75), o recurso à prova ontológica de Anselmo e à idéia de perfeição são apenas formas que a filósofa encontrou para articular o que já é conhecido e provado pela experiência.

Para Murdoch, o que é verdadeiramente perfeito jamais pode ser alcançado, sendo a perfeição um ideal. Mesmo sendo um ideal inatingível, a perfeição permite a comparação e o juízo de valor. A natureza comparativa do termo 'perfeição' permite o julgamento entre ações, objetos. (WIDDOWS, 2005, p. 76).

Deste modo, é-nos apresentada ininterruptamente a realidade daquilo que é melhor e a natureza ilusória do que é pior. Nós aprendemos a perfeição e a imperfeição por meio de nossa habilidade de compreender o que vemos como uma imagem ou sombra de algo melhor que ainda não podemos ver. A idéia de Bem, percebida em nossa confusa realidade, também a transcende, o Bem não é um particular, não é uma coisa entre outras. (MURDOCH, 1993, p. 405, tradução nossa).⁴⁸

Apesar de não conhecer a perfeição, é possível ao indivíduo discernir em que direção a perfeição está. Este sentido de direção em relação ao que é perfeito sugere a realidade do Bem. Este parâmetro de perfeição é aplicável a qualquer campo de atividade humana.

Bem, é importante medir e comparar coisas e saber como são boas? [...] Uma profunda compreensão de qualquer campo de atividade humana (pintura, por exemplo) envolve uma revelação crescente de graus de excelência e freqüentemente uma revelação da existência, de fato, de poucas coisas muito boas e de nada que seja perfeito. Uma compreensão crescente da conduta humana opera de modo similar. (MURDOCH, 2006, p. 60, tradução nossa).⁴⁹

A idéia de perfeição funciona como um agulhão que desperta o amor no indivíduo, um sentido de aprimoramento pessoal capaz de transformação interior. O amor não é despertado por um padrão moral medíocre ou pela obra de um artista mediano. (MURDOCH, 2006, p. 60).

⁴⁸ *Thus we are continually shown the reality of what is better and the illusory nature of what is worse. We learn of perfection and imperfection through our ability to understand what we see as an image or shadow of something better which we cannot yet see. The idea of Good, perceived in our confused reality, also transcends it, Good is not a particular, it is not a thing among others.* (MURDOCH, 1993, p. 405).

⁴⁹ *Well, is it important to measure and compare things and know just how good they are? [...] A deep understanding of any field of human activity (painting, for instance) involves an increasing revelation of degrees of excellence and often a revelation of there being in fact little that is very good and nothing*

As virtudes estão todas relacionadas à idéia de Bem. Existe uma conexão entre as virtudes que tende à unidade, sugere uma ordem, que não é possível explicitar de forma sistemática. A reflexão sobre o porquê de a coragem ser uma virtude ou sobre o tipo mais elevado de coragem conduz à distinção entre coragem e ferocidade, impetuosidade, imprudência e assim por diante. Outras virtudes imediatamente ocorrem ao pensamento. Uma descrição possível sobre o melhor tipo de coragem seria determinada, calma, inteligente, amorosa, moderada. As virtudes se relacionam de modo que a reflexão conduzida corretamente aponta para a unidade, ideal e jamais alcançada, do mundo moral. (MURDOCH, 2006, p. 56).⁵⁰

Os filósofos têm procurado por um princípio único que possa encarregar-se da moralidade. Eu não creio que a vida moral possa ser reduzida a uma unidade neste sentido. Por outro lado, eu não creio que possa ser satisfatoriamente caracterizada por uma enumeração de 'bens' e virtudes variados. (MURDOCH, 1993, p. 492, tradução nossa).⁵¹

O Bem não é passível de definição devido à variedade inesgotável, assistemática do mundo e à total ausência de finalidade da virtude. A consciência da mortalidade permite ao indivíduo perceber que o único valor da vida está na busca da virtude, sendo impossível antecipar ou limitar suas demandas.

Nós não podemos resumir a excelência humana pelas seguintes razões: o mundo é sem propósito, imprevisível e imenso, e nós estamos cegos pelo ego. Existe uma terceira consideração que é a relação das outras duas. É difícil olhar para o sol: não é como olhar as demais coisas. Nós de algum modo retemos a idéia, e a arte expressa e simboliza isso, de que as linhas realmente convergem. Existe um centro magnético. Mas é mais fácil olhar para as extremidades convergentes que para o próprio centro. Nós não conhecemos e provavelmente nem podemos conhecer, conceituar, o que há no próprio centro. (MURDOCH, 2006, p. 97, tradução nossa).⁵²

that is perfect. Increasing understanding of human conduct operates in a similar way. (MURDOCH, 2006, p. 60).

⁵⁰ A ênfase na unidade precisa ser contrabalançada pela importância do vocabulário moral secundário para a filósofa e pela sua crítica à filosofia moral contemporânea, conforme já visto no capítulo primeiro, subseção 1.2.

⁵¹ *Philosophers have sought for a single principle upon which morality may be seen to depend. I do not think that the moral life can be in this sense reduced to a unity. On the other hand I do not think that it can be satisfactorily characterized by an enumeration of varying 'goods' and virtues.* (MURDOCH, 1993, p. 492).

⁵² *We cannot sum up human excellence for these reasons: the world is aimless, chancy, and huge, and we are blinded by self. There is a third consideration which is a relation of the other two. It is difficult to look at the sun: it is not like looking at other things. We somehow retain the idea, and art both expresses and symbolizes it, that the lines really do converge. There is a magnetic centre. But it is easier to look at the converging edges than to look at the centre itself. We do not and probably cannot know, conceptualize, what it is like in the centre itself.* (MURDOCH, 2006, p. 97).

O atributo de perfeição do Bem, tendo por ponto de partida a experiência, sugere a sua realidade e seu papel de inspiração na vida das pessoas. (WIDDOWS, 2005, p. 78).

Quanto à prova ontológica de Anselmo, Iris Murdoch distingue dois argumentos: o argumento lógico sobre a necessária existência de Deus e o argumento metafísico sobre os graus de bondade ou de perfeição no universo criado. (ANTONACCIO, 2003, p. 124).

Para Anselmo, Deus poderia ser definido como o ser mais real (*Ens Realissimum*). Nada, nenhum ser, poderia ser concebido como maior ou mais perfeito que Deus. Constata-se que a idéia de Deus existe no entendimento, uma vez que mesmo o incrédulo entende a definição de Deus. O argumento lógico sustenta que se a idéia de Deus existe no entendimento (*in intellectu*), deve necessariamente existir na realidade (*in re*). É que a existência na realidade é considerada como um predicado ou uma qualidade, uma perfeição que indica algo a mais do que a existência apenas no entendimento. Como é claramente possível entender a idéia de Deus, ele deve necessariamente existir, caso contrário, estaria faltando nele uma importante qualidade ou perfeição, a existência (*in re*). Se Deus não existe na realidade, ele não pode ser o maior ou mais perfeito ser concebido, uma vez que existir *in intellectu* e *in re* é mais excelente que existir *in intellectu* apenas. (MURDOCH, 1993, p. 393).

Maria Antonaccio (2003, p. 124) recorre a Charles Taylor para destacar a natureza reflexiva do argumento ontológico. Anselmo faz parte da corrente de espiritualidade ocidental, originada em Agostinho, que buscou a certeza de Deus a partir do interior. O argumento lógico intenta provar a idéia de Deus a partir da mente, da consciência. A forma da prova ontológica é distinta das provas cosmológicas anteriores (como a de São Tomás de Aquino), uma vez que não está situada no âmbito dos objetos, mas move-se no âmbito do sujeito. Deste modo, Iris Murdoch reinterpreta a prova ontológica para relacionar a idéia de bem a uma consciência reflexiva e assim respaldar sua existência necessária. (ANTONACCIO, 2003, p. 124).

As objeções do monge Gaunilo ao argumento lógico fornecem a oportunidade para uma resposta mais aprofundada e interessante de Anselmo. Gaunilo primeiramente desafia a possibilidade de se conceber Deus como o maior ou mais perfeito ser, haja vista que se trata de uma realidade desconhecida e que não pode ser concebida ou imaginada a partir de alguma outra realidade (não há nada igual ou similar a Deus). Além disso, Gaunilo não concorda com o argumento que deriva da essência perfeita a existência real. Se o argumento lógico fosse válido, bastaria, por exemplo, imaginar uma ilha perfeita para que a ilha se tornasse realidade. Neste sentido, Gaunilo antecipa a célebre objeção de Kant à prova ontológica. Resumidamente, Kant mostrou que a existência não é uma qualidade ou predicado e, sendo assim, nada pode acrescentar ao conceito de Deus. (MURDOCH, 1993, p. 394).

Iris Murdoch se estriba na resposta de Anselmo a Gaunilo para reinterpretar o argumento lógico. Anselmo, no capítulo III do *Proslogion*, sustenta que a prova se refere unicamente a Deus. É possível conceber e compreender um ser cuja não-existência seja impossível. Apenas em relação a Deus pode ser dito que sua não-existência é impossível. (MURDOCH, 1993, p. 394). Para Murdoch, a resposta de Anselmo altera a base do argumento ontológico originário, isto é, não se trata mais de afirmar que a idéia de Deus requer a sua existência, mas de que a idéia de Deus requer sua existência necessária e não contingente. Anselmo não se refere a algo que acontece ser maior que todos os outros seres, mas a algo efetivamente maior e mais perfeito que todos os seres concebíveis e cuja não-existência seja impossível. Nesta versão mais forte do argumento, a idéia de Deus requer sua realidade de modo que sua não-existência seja impossível. (ANTONACCIO, 2003, p. 125). Para a filósofa, a prova ontológica tenta evidenciar que apenas Deus possui existência necessária. (MURDOCH, 1993, p. 395).

Iris Murdoch apóia-se no argumento ontológico para destacar que Deus não pode ser um objeto empírico entre outros existentes no mundo. A existência de Deus é distinta da existência de todos os demais objetos porque Deus não pode ser suprimido da vida humana. (ANTONACCIO, 2003, p. 125). A sua existência necessária impede que seja um objeto empírico no mundo. (MURDOCH, 1993, p.

395).⁵³ Ademais, a filósofa vai além ao afirmar que mesmo o Deus cristão não atende aos critérios da prova ontológica.

As razões para rejeitar Deus são esclarecidas pela Prova. Nenhum ser empírico contingente poderia ser o Deus requerido e o que é 'necessário' não pode ser Deus também. O conceito de um ser pessoal existente está profundamente arraigado na idéia tradicional de Deus. [...] Bem, a Prova não comprova que algo tenha existência necessária? A prova diz respeito à necessidade, à certeza e à bondade. (MURDOCH, 1993, p. 426, tradução nossa).⁵⁴

Iris Murdoch concorda com Paul Tillich no sentido de que a prova ontológica reconhece um elemento incondicional na estrutura da razão e da realidade. A existência de Deus é compreendida pela razão e por meio das estruturas do conhecimento humano. A prova estabelece uma relação fundamental entre a consciência e um princípio que a pressupõe e a supera. (ANTONACCIO, 2003, p. 126). Assim, Iris Murdoch reinterpreta a prova ontológica como uma forma de evidenciar a natureza dos valores morais, a realidade do Bem.

Não se trata de substituir a idéia de Deus pela idéia de Bem. (MURDOCH, 1993, p. 428). O que a filósofa propõe é que a idéia cristã de Deus aponta para o Bem como um princípio estruturante da consciência. (ANTONACCIO, 2003, p. 126). Maria Antonaccio (2003, p. 126) destaca a natureza transcendental do Bem, entendido como a condição para a existência moral humana. Desta forma, a realidade aparece para a consciência humana como dotada de valor à luz do Bem transcendental. Não há experiência humana à parte do Bem. (ANTONACCIO, 2003, p. 126).

Resta ainda examinar o argumento metafísico de Anselmo a respeito da hierarquia de perfeição no mundo criado. Resumidamente, é possível conceber Deus a partir da experiência de coisas mais perfeitas que outras. Assim, tudo que é menos excelente, na medida que é bom, é como o bem maior. Partindo das coisas

⁵³ Para Murdoch, a impossibilidade de Deus como um objeto é o sentido do segundo mandamento do Livro de Êxodo 20.4: "Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra."

⁵⁴ *The reasons for rejecting God are themselves clarified by the Proof. No empirical contingent being could be the required God and what is 'necessary' cannot be God either. The concept of an existing personal being is too deeply embedded in the traditional idea of God. [...] Well, does not the Proof prove something to be necessary? It is about necessity and certainty and goodness.* (MURDOCH, 1993, p. 426).

menos excelentes é possível ascender até o bem maior. Como a hierarquia de valores é familiar a qualquer um, é possível alcançar uma compreensão crescente da realidade única de Deus e de sua perfeição moral ao se refletir sobre as coisas menos excelentes e ascender até o bem mais perfeito. (ANTONACCIO, 2003, p. 127).

Deus existe, ele existe necessariamente, nós o concebemos ao perceber graus de excelência, que vemos em nós mesmos e em todo o mundo, que é uma sombra de Deus. Estes são aspectos da Prova em que a definição de Deus como não contingente decorre de nossas percepções mais comuns e da experiência acerca da natureza fundamental e onipresente (singularmente necessária) do valor moral, concebido no contexto cristão como Deus. (MURDOCH, 1993, p. 396, tradução nossa).⁵⁵

Iris Murdoch utiliza o argumento dos graus de perfeição para ressaltar que, embora não seja possível experimentar diretamente o Bem, é possível experimentar imagens e sombras da bondade e da verdade perfeitas. Existe um sentido de direção que orienta a consciência a discriminar o melhor e o pior, o bem e o mal. (ANTONACCIO, 2003, p. 128). Enfim, a prova ontológica afirma a verdade de que a bondade e a perfeição existem, não apenas como objeto dos melhores pensamentos, mas como realidade necessária. (MURDOCH, 1993, p. 430). A formulação lógica do argumento é apenas uma forma de traduzir filosoficamente o que já é conhecido pela experiência, vale dizer, que não é possível a existência humana sem os conceitos de bem, verdade e realidade. (WIDDOWS, 2005, p. 81).

O Bem para a filósofa, assim como Deus, é um “objeto” de atenção real, necessário, não representável, único, perfeito e transcendente. (MURDOCH, 2006, p. 54). Além disso, o Bem é impessoal, indiferente aos esforços humanos, ainda que inspire e informe a vida moral. (WIDDOWS, 2005, p. 81). De forma muito distinta de Deus, o Bem não vê e nem busca o indivíduo. (MURDOCH, 1993, p. 83). A razão fundamental da impessoalidade do Bem reside no fato de que a vida humana é contingente, não tem sentido ou propósito. Não há esperança de recompensas ou

⁵⁵ *God exists, he exists necessarily, we conceive of him by noticing degrees of goodness, which we see in ourselves and in all the world which is a shadow of God. These are aspects of the Proof wherein the definition of God as non-contingent is given body by our most general perceptions and experience of the fundamental and omnipresent (uniquely necessary) nature of moral value, thought of in a Christian context as God.* (MURDOCH, 1993, p. 396).

medo de punições para uma vida moral pura ou corrupta. (WIDDOWS, 2005, p. 81).⁵⁶

Para Heather Widdows (2005, p. 82), é confuso o modo como Iris Murdoch recorre à prova de Anselmo para atribuir status ontológico ao Bem. O fato de o Bem não ser objeto é uma de suas justificativas para sustentar que a prova seria aplicável ao Bem e não a Deus, entretanto, sabe-se que a filósofa considera o bem como o melhor objeto de atenção. Por outro lado, em inúmeras passagens Iris Murdoch se refere ao Bem como uma metáfora, um cenário metafísico, uma ilustração explicativa, não obstante, também sustenta o seu caráter real e transcendental, significando que é algo além de uma metáfora. Estas aparentes contradições não são enfrentadas pela filósofa. (WIDDOWS, 2005, p. 82).

Além disso, segundo Widdows (2005, p. 83), Iris Murdoch adota uma interpretação estreita do Cristianismo ao desconsiderar a teologia cristã que crê na existência de Deus sem considerá-lo um objeto.⁵⁷ Por outro lado, ainda que Deus não seja concebido como objeto, subsiste sua natureza pessoal e relacional. Para a filósofa, a natureza impessoal do Bem é crucial, uma vez que elimina toda possibilidade de coerção na vida moral. (WIDDOWS, 2005, p. 84). Mais importante que suprimir a coerção, entretanto, é que o amor ao Bem não fornece o tipo de consolo metafísico providenciado por Deus.⁵⁸ Não significa, contudo, que ser

⁵⁶ É interessante observar alguma similitude com a perspectiva de Hannah Arendt: “[...] a nossa é a primeira geração, desde o surgimento do Cristianismo no Ocidente, em que as massas, e não apenas uma elite, já não acreditam em “estados futuros” [...] e que, portanto, estão empenhadas (ao que parece) em pensar na consciência como um órgão que reagirá na ausência de esperança por recompensas e sem medo de castigos. (ARENDR, 2004, p. 153).

⁵⁷ A teologia cristã medieval afirmava que Deus é o Ser, o único Ser, e assim existe para além de todo objeto, contendo em si a razão suficiente dos objetos (GILSON, 2006, p. 71). Ademais, a identificação da essência e da existência em Deus foi fundamental para a elaboração da prova ontológica, haja vista que “para filósofos como Platão e Aristóteles, que não identificam Deus com o ser, seria inconcebível deduzir da idéia de Deus a prova do seu ser” (GILSON, 2006, p. 79).

⁵⁸ Neste sentido, é inegável a incomensurável dívida de Iris Murdoch para com o Existencialismo, em especial sobre o papel da morte para a existência humana: “Pode-se medir a seriedade de uma doutrina filosófica pela consideração que ela faz da morte. [...] visto que a existência humana deve estar exatamente em sua natureza caracterizada pela morte, não como fato que acontece inevitavelmente na ordem necessária das coisas naturais, mas como possibilidade sempre presente, sempre ligada a todas as possibilidades humanas. [...] O sentido da morte é, de fato, o sentido da problematidade da existência e, logo, de sua temporalidade. Todas as possibilidades do homem são tais que podem não ser, e o próprio homem, na forma geral de seu existir, é tal que pode não ser. [...] O homem não é aquele que é com a possibilidade da morte por acréscimo: ele é aquele que é exatamente em virtude dela. [...] Toda possibilidade nossa pode, a qualquer instante, cair no nada. Ignorar esse risco significa cair na ilusão vulgar; assumir a morte como a perspectiva dominante de

virtuoso não seja de algum modo recompensador. Aprimorar os estados de consciência, ver a realidade mais claramente, ver o outro de forma mais realista certamente trazem benefícios tanto ao indivíduo como aos demais. (WIDDOWS, 2005, p. 84).

A fim de compreender a idéia de Bem de Iris Murdoch, sem perder de vista a sua concepção de pluralismo moral, que concebe a atividade moral como uma exploração imaginativa da pluralidade de cenários morais, é interessante recorrer à sua descrição sobre o Demiurgo platônico no *Timeu*.

O que os indivíduos vêem é o modelo de realidade eterna produzido pelo Demiurgo. Só o Demiurgo vê o original. O Demiurgo vê as formas em resposta ao seu magnetismo, mas não dialoga com as formas. As formas atraem, iluminam, mas são separadas e indiferentes. Os indivíduos não conversam com o Bem. Em um sentido muito importante, o Bem deve ser uma idéia. Se um modelo encarnado de Bem é proposto, ainda assim é necessário que seja avaliado. (MURDOCH, 1993, p. 478).

Deus ou deuses, ou uma concepção metafísica de História, ou uma força vital ou o ritmo cósmico, ou prótons ou genes ou DNA, ou *archi-écriture*, podem ser ou têm sido (razoável ou irrazoavelmente) considerados como detentores de status fundamental, que deve ser contrastado com a existência ordinária. Mas o Bem não seria parte disto, estaria acima, em uma posição de juiz. Estas imagens sugerem e definem o elemento espiritual único na vida, que a religião indica e a que a moralidade instintivamente retorna. Nós temos de decidir como, se e por que teorias científicas, históricas ou psicológicas impressionantes devem afetar o nosso modo de vida. Estas teorias não são deuses, e aqueles entre nós que não são especialistas têm (por exemplo, em situações políticas como cidadãos) de fazer julgamentos, e fazer julgamentos bem-informados, sobre as teorias. O charme do determinismo assombra o conceito metafísico de Ser. (MURDOCH, 1993, p. 479, tradução nossa).⁵⁹

nossa existência significa expurgar a ilusão vulgar, e não subtrair-se a ela. [...] Quem aceita a morte como tal e a teme fora do perigo permanece ligado à possibilidade que escolheu como sua, fazendo dela sua missão e seu dever fundamental com todas as suas forças e para além de suas forças. [...] Essa é a única atitude digna do homem. (ABBAGNANO, 2006, p. 36).

⁵⁹ *God or gods, or a metaphysical conception of History, or a Life Force or Cosmic Rhythm, or prótons or genes or DNA, or archi-écriture, may be or have been (plausibly or implausibly) said to have some fundamental status which is to be contrasted with ordinary existence. But Good would not be a part of this, it would be above it in the position of its judge. Such imagery suggests and defines the unique spiritual element in life, that which religion indicates and to which morality instinctively returns. We have to decide how, whether, why impressive scientific or historical or psychological theories are to affect our way of living. These theories are not gods, and those of us who are not 'specialists' have (for instance in political situations, as citizens) to make judgements, and attempt to make well-informed*

Iris Murdoch está preocupada com a supressão da responsabilidade individual e da moralidade à luz de teorias consideradas indisputáveis. Seja qual for o retrato dramático da situação humana, tais como os apresentados por Nietzsche, Freud, Sartre, Heidegger, são exercícios de húbris ou apogeus especulativos, que devem ser avaliados à luz de algo além, que permanece livre e imaculado. (MURDOCH, 1993, p. 480). Verifica-se que o caráter indefinível e impessoal da noção de Bem visa à preservação da consciência moral e do inalienável direito de julgar do indivíduo (uma espécie de ferramenta crítica) como também exprime os limites e falibilidades de todo e qualquer sistema abstrato.

Uma outra imagem sumamente importante para a compreensão do Bem, que é desenvolvida justamente no último capítulo de sua obra capital, é a do vazio.

O espaço vazio, para perseguir uma (não a única) imagem da questão, pode ser encontrado repleto de formas, efervescentes e tórridas como o Deus de Eckhart, ou como as inumeráveis formas divinas da Índia, cuja proliferação choca os religiosos mais puritanos do norte. [...] Atenção concentrada ('cuidado amoroso') é facilmente diferenciada dos estados de mente nebulosos, confusos, obscuros em que se está contente com o segundo melhor. O segundo melhor deve ser trocado pelo vazio. (Tente mais uma vez. Espere). [...] Arte e pensamentos elevados e discernimento moral difícil aparecem como criação *ex nihilo*, como graça. [...] Keats diz que 'o que a imaginação apreende como beleza deve ser verdade, caso existisse antes ou não.' **Deve ser verdade.** Simone Weil cita Valéry: 'O perpétuo, único e peculiar objeto de pensamento é aquele que não existe.' Aqui nós podemos compreender o sentido da idéia de amar o bem. 'Em seu sentido mais elevado, o amor é a determinação de criar o ser que é considerado como seu objeto'. Aqui, mais uma vez, retornamos à prova ontológica, em sua versão mais simples, uma prova de perfeição, de uma certeza derivada do amor. O bom artista, o amante verdadeiro, o pensador dedicado, o agente moral abnegado resolvendo seu problema: eles podem criar o objeto de amor.⁶⁰ (MURDOCH, 1993, p. 505-506, tradução nossa).

judgments, about them. The charm of determinism haunts the metaphysical concept of Being. (MURDOCH, 1993, p. 479).

⁶⁰ *The empty space, to pursue one (not the only) picture of the matter, may be found to be full of forms, boiling and seething like Eckhart's God, or like the innumerable divine forms of Índia, whose proliferation shocks the more puritanical religious of the north [...] Concentrated attention ('loving care') is easily distinguished from the hazy muddled unclarified states of mind wherein one is content with a second best. The second best should be exchanged for void. (Try again. Wait.) [...] Art and high thought and difficult moral discernment appear as creation ex nihilo, as grace. [...] Keats says that 'what the imagination seizes as beauty must be truth, whether it existed before or not'. It **must be truth**. Simone Weil quotes Valéry: 'The proper, unique and perpetual object of thought is that which does not exist.' Here we may make sense of the idea of loving good. 'At its highest point, love is a determination to create the being which it has taken for its object.' Here indeed we come back to the Ontological Proof in its simpler version, a proof by perfection, by a certainty derived from love. The good artist, the true lover, the dedicated thinker, the unselfish moral agent solving his problem: they can create the object of love.* (MURDOCH, 1993, p. 505-506).

A filosofia e a literatura de Iris Murdoch convidam o leitor para empreender sua própria jornada espiritual, correspondem a um desafio e a uma provocação para que os indivíduos não considerem o discernimento entre o bem e o mal uma mera questão de escolha ou de vontade arbitrária, mas um engajamento existencial na tarefa inesgotável de atenção, purificação da energia espiritual, aprimoramento da visão moral, que envolve tanto um aprofundamento íntimo da compreensão do vocabulário moral como uma transformação moral interior. Trata-se de incentivo à apreciação e à elaboração de imagens e cenários metafísicos capazes de apontar para algo que se sabe, em decorrência da experiência ordinária, mas que se é incapaz de definir ou de explicar ou de provar. A filósofa alerta para as armadilhas do ego e para o natural egoísmo humano que tendem a criar fantasias consoladoras, falsificando o real, impedindo a visão das pessoas como realidades independentes e distintas. O Bem está profundamente vinculado à superação das poderosas fantasias egóicas, que protegem e consolam o indivíduo contra a aceitação da morte, do acaso e de sua transitoriedade. Apenas a aceitação da morte provoca no indivíduo a humildade, a consciência de seu próprio nada, capaz de despertá-lo para o outro e para a realidade. (MURDOCH, 2006, p. 100).

O Bem de Iris Murdoch precisa esvaziar-se para que ninguém se sinta saciado com uma imagem inferior dele e interrompa a sua jornada. O Bem é o ideal de perfeição que estimula o crescimento espiritual. O progresso moral envolve o contínuo descarte de imagens ilusórias e provisórias, daí sua afirmação de que “o segundo melhor deve ser trocado pelo vazio.” (MURDOCH, 1993, p. 506).

Entretanto, não resta dúvida de que o Bem significa, antes de tudo, a melhor metáfora metafísica encontrada pela filósofa para expressar a verdade (a realidade) de que a moralidade não pode ser concebida como algo descartável da vida humana ou como um fenômeno empírico entre outros. As pessoas comuns crêem que certos valores são absolutos e, neste sentido, únicos. (MURDOCH, 1993, p. 412). A ubiquidade da experiência moral é o significado de “estar na presença de Deus”, vale dizer, em todo momento o indivíduo se move entre o bem e o mal e é atraído para ambas as direções. (MURDOCH, 1993, p. 336). Assim, a moralidade é compulsória, pois não há como evitar as escolhas morais. (MURDOCH, 1993, p.

385). Para a filósofa, como para Kant, todo homem é capaz de discernir entre o bem e o mal. (MURDOCH, 1993, p. 324).

Iris Murdoch admite prontamente que o apelo à evidência e o recurso à experiência do leitor são provas precárias do status único e necessário do Bem, mas afirma que, em certas regiões da filosofia, são o único recurso e o melhor que se pode fazer. (MURDOCH, 1993, p. 430). A filósofa deixa claro que a idéia de Bem é tão necessária que deve ser verdadeira, assim como a beleza apreendida pela imaginação de Keats. Ademais, ela concorda com Valéry de que o amor mais elevado é a determinação de criar o próprio objeto de amor. Valéry também afirma que o objeto perpétuo, único e peculiar de pensamento é o que não existe. Murdoch destaca ainda que o bom artista, o amante verdadeiro, o pensador dedicado e o agente moral abnegado criam o objeto de amor. (MURDOCH, 1993, p. 506). “O que é bom purifica o desejo que o busca, o bem amado enobrece o amante.”⁶¹ (MURDOCH, 1993, p. 507, tradução nossa).

A Metafísica consiste em elaborar um cenário como um apelo a todos para que examinem a verdade de que as imagens podem ser encontradas na experiência mais profunda de cada um. (MURDOCH, 1993, p. 507). O Bem e a moralidade são os objetos de amor de Iris Murdoch, que motivam o seu incansável e multiforme apelo ao leitor para que se empenhe em vencer o ego, para que explore os diversos cenários morais em busca de seu aprimoramento pessoal. Os seus inúmeros romances, suas peças de teatro, seus livros de filosofia, todos mostram o seu percurso pessoal em busca do Bem e do real. Sua filosofia se caracteriza pelo diálogo com a tradição metafísica, com as religiões, com a crítica da arte, com a política e, sobretudo, por um acurado senso crítico direcionado às próprias idéias.

Para Étienne Gilson (2006, p. 80), o erro de Santo Anselmo foi não perceber que a necessidade de afirmar Deus não é uma prova de sua existência, mas um ponto de apoio, o dado inicial dessa prova, uma vez que a necessidade de afirmar Deus postula a sua existência. Certamente ninguém pode acusar Iris Murdoch de

⁶¹ “*What is good purifies the desire that seeks it, the good beloved ennobles the lover.*” (MURDOCH, 1993, p. 507).

incorrer nesta falha, tendo em vista, entre outros fatores, o modo como conclui de forma aberta sua última e mais importante obra, sinalizando um novo começo.

O começo é difícil de encontrar. Talvez aqui o começo seja a natureza circular do próprio argumento metafísico pelo qual o argumentante combina um apelo à observação ordinária com um apelo à atitude moral. O processo envolve a junção de diferentes considerações e cenários para que eles se dêem mútuo suporte. Assim, por exemplo, parece haver uma relação interna entre verdade, benevolência e conhecimento. Eu tenho argumentado neste sentido a partir de casos de arte e tarefas e habilidades ordinárias e discernimento moral comum, em que nós estabelecemos verdade e realidade por um *insight* que é um exercício de virtude. Talvez este seja o início, que é também nossa experiência ordinária mais profunda e mais familiar. (MURDOCH, 1993, p. 511, tradução nossa).⁶²

A superação do vazio em direção ao Bem, e outrossim a superação de imagens do Bem em direção ao vazio, é um convite aos leitores e uma permanente demanda moral, aponta também para o conteúdo das reflexões da filósofa, resultado provisório de sua própria peregrinação espiritual. Afinal, uma das críticas importantes à visão corrente é a respeito de sua falsa aparência de neutralidade. A teoria moral deve contribuir para que o indivíduo possa se tornar virtuoso. As reflexões, divagações, intuições de Iris Murdoch são o modo mais íntimo, e também familiar, encontrado pela filósofa para apresentar o seu caminho de exploração dos diversos cenários morais, para além dos limites estreitos de uma visão científica de mundo.

A filósofa direciona a atenção do leitor para inúmeros aspectos da realidade que evidenciam o discernimento moral, tais como a elaboração e a leitura de romances, a oração, a meditação, os rituais religiosos, a apreciação e a criação de obras de arte, a leitura e a atividade filosófica, o aprendizado de uma língua estrangeira, a beleza natural e tantas outras. O indivíduo não está fadado ao egocentrismo, mas a meticulosa e progressiva atenção a realidades individuais exteriores podem transformar o egoísmo em desprendimento, virtude. A moralidade requer tanto ação como atenção. (O'CONNOR, 1996, p. 137).

⁶² *The beginning is hard to find. Perhaps here the beginning is the circular nature of metaphysical argument itself, whereby the arguer combines an appeal to ordinary observation with an appeal to moral attitude. The process involves connecting together different considerations and pictures so that they give each other mutual support. Thus, for instance, there appears to be an internal relation between truth and goodness and knowledge. I have argued in this sense from cases of art and skill and ordinary work and ordinary moral discernment, where we establish truth and reality by an insight which is an exercise of virtue. Perhaps that is the beginning, which is also our deepest closest ordinary experience.* (MURDOCH, 1993, p. 511).

Existe uma tensão entre forma e contingência, entre unidade e multiplicidade ao longo da obra de Iris Murdoch. Em relação ao romance é preciso retratar a realidade das personagens sem impor exclusivamente um modelo derivado da fantasia do autor. A forma representa o desejo de unificar, de impor uma ordem geral ou um plano ao material disperso sobre o qual se deseja trabalhar. A contingência representa as forças de desordem, a multiplicidade essencial para um retrato realístico da vida e da personalidade humana.⁶³ (ANTONACCIO, 1996, p. 120). Em relação à moralidade, a questão é se a atividade teórica da metafísica pode obscurecer os detalhes, a contingência da vida moral ou se a unidade sistemática compromete o retrato da luta diária individual dos agentes morais. (ANTONACCIO, 1996, p. 124).

Os indivíduos, as obras de arte, os conceitos, o mundo podem ser compreendidos como totalidades limitadas. O erro mais grave seria exagerar a unidade ou a completude, sem perceber suas limitações. A ênfase na unidade nega que a personalidade e o mundo sejam permeados de opacidades, falhas e conflitos que desafiam qualquer subsunção final ou absoluta. (MULHAL, 1997, p. 229). A atividade metafísica unifica ao impor uma unidade sobre a massa de percepções e detalhes sobre a vida humana de modo a orientar a reflexão moral. (ANTONACCIO, 1996, p. 126). As imagens metafísicas clarificam e conectam, vale dizer, provêm certo tipo de unidade ou completude para comunicar a perspectiva do pensador. (MULHAL, 1997, p. 233).

Este impulso unificador metafísico precisa ser superado pela atenção aos indivíduos e aos particulares, haja vista que a defesa intransigente do valor do indivíduo está no cerne das reflexões da filósofa. (ANTONACCIO, 1996, p. 127). As imagens e cenários metafísicos devem ser considerados como limitados e provisórios, pois retratam uma falsa unidade da realidade que pretendem representar. É preciso sempre questionar a ordem cristalizada em suas relações internas, é necessário revelar os conceitos e valores excluídos bem como avaliar se as imagens aprimoram ou degradam a consciência moral. (MULHAL, 1996, p. 234).

⁶³ É preciso reconhecer prontamente que a forma é a maior tentação e o maior inimigo da arte. Os prazeres da forma gratificam o ego com imagens consoladoras. A forma tende a se tornar um fim em si mesmo, deixando de iluminar os detalhes da realidade contingente. (ANTONACCIO, 1996, p.121).

Se o pensamento de Iris Murdoch fosse apresentado como um relato sistemático, claro e unificado, a atenção não seria desafiada, o leitor não seria motivado a empreender sua própria jornada espiritual para compreender e avaliar a densidade da narrativa, que é uma exploração profunda de uma pluralidade de cenários morais. (MULHAL, 1997, p. 238).

Por último, as dúvidas, hesitações e críticas lançadas pela filósofa sobre a realidade ontológica do Bem expõem inequivocamente os limites de sua própria visão moral. (MULHAL, 1997, p. 239). É nesta suposta fragilidade que reside o fôlego de sua filosofia. É como uma centelha que incentiva os leitores a criarem novos conceitos, reformularem idéias, enfim, a empreenderem uma peregrinação espiritual que vá mais adiante, até onde permitir a imaginação e alcançar a visão moral. É, de fato, ao final da jornada que se encontra o começo.

2.5 Reflexões sobre o vazio e a moralidade

Tendo concluído na seção anterior a exposição da visão moral de Iris Murdoch, muitas perguntas e indagações permanecem. Dada a prevalência do mal no mundo, ou dos males do mundo, não seria mais coerente ou razoável, com base na experiência ordinária, uma teoria filosófica que postulasse como princípio absoluto o mal, enraizado tanto na consciência individual como na realidade? A soberania do Bem parece uma espécie de consolo metafísico residual, entrincheirado em sua filosofia.

Ao discutir o argumento ontológico, a filósofa se pergunta: “Por que não deveria um demônio perfeito existir necessariamente e de modo não-contingente?”⁶⁴ (MURDOCH, 1993, p. 395, tradução nossa). Em outro contexto, a filósofa, por meio de um crítico imaginário, indaga sobre a falta de realismo de teorizar sobre o Bem diante de um mundo que é irremediavelmente mau. (MURDOCH, 1993, p. 70). O ‘Bem’ soa como uma imagem disfarçada do antigo ‘Deus’, uma forma de preservar a esperança. (MURDOCH, 2006, p. 70).

Como alguém pode relacionar o realismo, que deve envolver uma contemplação apurada da miséria e do mal, com um sentido de bem imaculado, sem que a idéia de bem se torne o mais simples sonho consolador? (Creio que isto coloca um problema central para a filosofia moral). (MURDOCH, 2006, p. 59, tradução nossa).⁶⁵

Ao meditar sobre a dor e o sofrimento humanos, Iris Murdoch não hesita em admitir os limites de sua metafísica, criticando de forma franca sua própria visão moral e rediscutindo o Bem a partir do vazio. Assim, a questão do mal está intimamente relacionada à concepção de vazio no pensamento da filósofa.

⁶⁴ “*Why should not a perfect devil exist non-contingently and necessarily?*” (MURDOCH, 1993, p. 395).

⁶⁵ *How is one to connect the realism which must involve a clear-eyed contemplation of the misery and evil of the world with a sense of an uncorrupted good without the latter idea becoming the merest consolatory dream? (I think this puts a central problem in moral philosophy).* (MURDOCH, 2006, p. 59).

Ao comentar o lançamento da obra *Os Apontamentos de Simone Weil*, no ano de 1956, Iris Murdoch (1997b, p. 157) revela sua profunda admiração pela filósofa e destaca aspectos de seu pensamento que influenciariam decisivamente o conteúdo e o seu modo de fazer filosofia. Ela saúda a sua maneira apaixonada, assistemática e fragmentária de expor as idéias, bem como a relação profunda entre a filosofia e sua experiência pessoal. A seleção de textos é apresentada como uma série de epigramas que revolve obsessivamente certas idéias, revelando as direções da mente do autor. (MURDOCH, 1997b, p.157). Esta forma teria grande influência na filosofia de Iris Murdoch ao longo de toda sua obra, em especial na composição de *Metafísica como Guia Moral* (1993). Iris Murdoch salienta o seu platonismo e a vastidão do campo de idéias investigadas, envolvendo o pensamento europeu e oriental. Destaca enfaticamente sua visão sobre o progresso moral por meio da meditação como um contraste saudável à filosofia e à ética inglesa contemporânea, que exaltam a ação e a escolha em detrimento da vida moral interior. (MURDOCH, 1997b, p.159). Além dos temas marcantes que permeiam fortemente todo o percurso intelectual de Iris Murdoch, a filósofa introduz a importante concepção de vazio a partir das reflexões de Weil.

Para Weil, a alma é composta de partes e cada parte deve desempenhar seu papel para que haja justiça e fé. Até que o indivíduo se torne bom, ele está sujeito a forças mecânicas que atuam como a gravidade. Estas forças mecânicas são os impulsos, os motivos mais baixos da alma. É possível conquistar alguns avanços, mas não há recompensas. Resistir à gravidade é suportar o vazio. Durante o aprendizado moral o bem aparece como negativo e vazio. Meditar sobre os absurdos produz iluminação. (MURDOCH, 1997b, p. 158). “Quando nós verdadeiramente apreendemos a impossibilidade do bem, nós o amamos, como amamos os mistérios de uma religião.” (MURDOCH, 1997b, p. 158, tradução nossa).⁶⁶

Para Iris Murdoch, o conceito de vazio de Weil, que é experimentado ao se atingir o desprendimento, não deve ser confundido com a angústia do existencialismo. A angústia é concebida como algo que as circunstâncias impõem ao

homem ao passo que a experiência do vazio é uma realização espiritual, envolvendo o controle da imaginação. Para Weil, o sofrimento pode ser sem sentido e degradante, mas, compreendido como aflição, pode ser purificador. (*apud* MURDOCH, 1997b, p.159).

Em *Metafísica como Guia Moral*, Iris Murdoch (1993, p. 498) relaciona o vazio com a aflição, o desespero, a dor, o mal e a desolação que precisam ser incluídos em qualquer cenário da condição humana. Ela imagina um crítico hipotético que possa refutar a sua moralidade do Bem como ridiculamente otimista e sentimental. A sua visão espiritual parece negligenciar a miséria e a perversidade humanas. O habitante comum do planeta carece de esperança e sofre de inanição. Ademais, diante da miséria humana, a única atitude adequada seria aliviar o sofrimento. (MURDOCH, 1993, p. 498). Qual o sentido de uma reflexão sobre a moralidade privada? Por que focar no indivíduo quando é necessário considerar o volume de recursos indispensável aos gastos direcionados ao alívio do sofrimento? (MURDOCH, 1993, p. 499).

Iris Murdoch pondera sobre as dificuldades que a arte e a filosofia enfrentam para retratar ou pensar o mal. A arte tende a romantizar o sofrimento e a filosofia tende a retratá-lo como um excitante ponto de partida ou simplesmente mantém certa distância. (MURDOCH, 1993, p. 499).

A filósofa questiona se a desolação é realmente uma experiência benéfica para alma, uma espécie de aprendizado. A dor na verdade pode designar uma multiplicidade de experiências bastante distintas tais como o intenso remorso sem esperança de perdão ou de arrependimento curativo (Macbeth), a imensa culpa que impele o homem para a fé em Deus (Norman Malcolm), o luto, e o desespero que pode ser aliviado pelo arrependimento e pela restituição. Há também o “alívio” quase imediato da desolação por meio dos planos de vingança, do ódio e da retaliação. Em todos esses casos, a sensação de vazio significa a perda da personalidade, da energia, da motivação. O mundo parece repulsivo. (MURDOCH, 1993, p. 500).

⁶⁶ “*When we truly realise the impossibility of good we love it, as we love the mysteries of a religion.*” (MURDOCH, 1997b, p. 158).

Na filosofia de Iris Murdoch a experiência do desamparo é fundamental para a compreensão do Bem. Não há virtude sem a experiência de desamparo. Não é definitivamente um cenário otimista.⁶⁷

Não há nada que não possa ser destruído ou subtraído de nós. Fundamentalmente, nós somos nada. Uma lembrança de nossa mortalidade, um reconhecimento da contingência deve, ao menos, tornar-nos humildes. Não estamos assim mais próximos do profundo mistério de ser humano? Não estamos corretos ao considerar triviais e incoerentes as nossas atividades ordinárias? A experiência do vazio pode ser um choque logo esquecido ou uma lembrança vitalícia, uma inspiração moral e até uma liberação, uma espécie de alegria. [...] (MURDOCH, 1993, p. 501, tradução nossa).⁶⁸

A filósofa ressalta, entretanto, que apesar de ser possível extrair iluminação da experiência da dor, na maior parte das vezes é extremamente difícil aprender a partir do desespero profundo. (MURDOCH, 1993, p. 501-502). Ela considera muito rara e inacessível o tipo de experiência espiritual que Simone Weil atribui à aflição. Para Weil, a experiência de purificação do sofrimento promove uma forma única de êxtase. O espetáculo do sofrimento evoca emoções profundas, ambíguas, sadomasoquistas. Quando o Eros é purificado, é possível experimentar pura alegria. Para Murdoch, diante do sofrimento e da dor é mais provável sentir indignação em relação ao cosmos que simpatia pela lei natural. (MURDOCH, 1993, p. 109). Para Weil, o espetáculo da miséria humana é belo. Já Iris Murdoch não vê beleza alguma na miséria humana, exceto na arte trágica. (MURDOCH, 1993, p. 106).

A experiência da dor provoca no indivíduo a tentação de preencher o vazio com fantasias. A humilhação, o insulto, os maus-tratos produzem o vazio como a experiência angustiante de desequilíbrio. (MURDOCH, 1993, p. 502). A fantasia de retaliação pode assumir o papel consolador de corrigir a balança. É uma rendição aos sentimentos e pensamentos mais vis. Iris Murdoch concorda com Simone Weil

⁶⁷ “Há pouca grande arte ou religião verdadeira, pouca santidade, poucos santos, muita superstição e sentimentalismo.” (MURDOCH, 1993, p. 130, tradução nossa). “A melhor conduta é sempre mais difícil e menos natural que a conduta má ou medíocre. Não é fácil sacrificar afetos egoístas e fortes ou romper maus hábitos. Nós “satisfazemos nossa consciência” fazendo a metade da tarefa; certamente mais não deve ser exigido de nós.” (MURDOCH, 1993, p. 331, tradução nossa). Iris Murdoch concorda com a noção de gravidade, de Simone Weil, que aponta para a tendência humana de declínio moral, espiritual e não de ascensão. (MURDOCH, 1993, p. 331).

⁶⁸ *There is nothing that cannot be broken or taken from us. Ultimately we are nothing. A reminder of our mortality, a recognition of contingency, must at least make us humble. Are we not then closer to the deep mystery of being human? When we find our ordinary pursuits trivial and senseless are we not right to do so? The experience of emptiness may be a shock soon forgotten, or a lifelong reminder, a moral inspiration, even a liberation, a kind of joy.* (MURDOCH, 1993, p. 501).

no sentido de que se deve vivenciar a realidade da dor, sem consolo, e tentar relacioná-la ao Bem. (MURDOCH, 1993, p. 503). Reorientar os desejos, reeducar os sentimentos pode ser difícil, tendo em vista que o vazio se caracteriza pela ausência de Deus, de Bem e de amor. O vazio pode ser percebido como a estupidez de tudo, um sentimento irrefletido de relativismo moral, a perda de todo discernimento entre o bem e o mal e até o ódio cínico pela virtude e pelo virtuoso. (MURDOCH, 1993, p. 503).

Iris Murdoch concorda que existem muitas formas de superar a aflição tais como o apoio dos amigos, a habilidade de restituição, começar uma vida nova em outro lugar e ainda tentar esquecer. Entretanto, uma recuperação profunda exige algum tipo de discernimento moral a respeito da própria desolação. Nesses casos, a disciplina espiritual mais acessível é a inibição de fantasias, é a luta contra a força da gravidade ao evitar preencher o vazio com falsidade e mentira. (MURDOCH, 1993, p. 503).

Note-se que, sendo fiel à ambigüidade que lhe é peculiar, a filósofa caracteriza o vazio tanto como uma fonte de inspiração moral como de degradação dos pensamentos e dos sentimentos. O vazio pode promover a perda de contato com a realidade e corresponder a uma total ausência de amor. Neste caso, não há saída fácil nem mágica, restando apenas vivenciar a dor e a desolação, sem fugir da realidade. É de se destacar que, ao concluir o capítulo sobre o vazio, Iris Murdoch (1993, p. 503) acentua sua extrema relevância ao afirmar que “[...] nos mais obscuros labirintos das relações pessoais pode ser necessário provocar o aparecimento do vazio.”⁶⁹

Apesar da íntima conexão entre o vazio e o mal, a filósofa recusa ao mal qualquer papel de inspiração moral ou de aprimoramento espiritual. Não há equilíbrio harmonioso nem pacto possível entre o bem e o mal, isto é, são inimigos irreconciliáveis. O mal não deve ser encarado como um “lado negro” inofensivo ou mesmo enriquecedor em relação ao bem. (MURDOCH, 1993, p. 506). É claro que o mal a que se refere é o mal moral, pois os infortúnios da vida (ex. doenças, morte,

⁶⁹ “[...] *in the more obscure labyrinths of personal relations it may be necessary to make the move which makes the void appear.*” (MURDOCH, 1993, p. 503).

desastres naturais) fazem parte do acaso, da contingência que têm centralidade para a peregrinação espiritual. “Nós somos criaturas divididas que devem esperar, na melhor das hipóteses, controlar, e não remover, nossos impulsos malignos.” (MURDOCH, 1993, p. 506, tradução nossa).⁷⁰

O vazio na filosofia de Iris Murdoch assume um papel crescente e relevante, pois está íntima e inseparavelmente atrelado ao bem como uma sombra. O vazio está evidentemente relacionado à destruição das falsas imagens da peregrinação platônica. A permanência no vazio pode conduzir ao total desespero. O vazio pode conduzir o indivíduo às imagens religiosas confortadoras como um meio de sobrevivência.⁷¹ O vazio também pode produzir o tipo de ascetismo sustentado por Simone Weil. Com o passar do tempo, o vazio mortal pode se tornar vivo ou magnético exatamente como a idéia de Bem. (MURDOCH, 1993, p. 504).

O potencial disruptivo do vazio permeia toda a filosofia de Murdoch. É precisamente a força da tragédia como grande arte e também da verdadeira espiritualidade. Mas nem a arte, nem a filosofia, nem a religião, nem a meditação se comparam à experiência da dor. A dor absoluta é absoluta na medida que torna real a idéia da morte. Não há lugar para nenhum tipo de fingimento, nem olhar desapontado ou humor negro ou jogos sadomasoquistas. Não há nenhum alívio nem lugar de refúgio. As ilusões do ego são destruídas e as metas ordinárias perdem todo o valor. A realidade, subitamente privada dos desejos e propósitos reconfortantes do ego, permanece fria e assustadoramente visível. (MURDOCH, 1993, p. 140).

A filósofa admite que a resposta mais comum à dor absoluta, após o choque inicial, é o desespero, a miséria total. Passada a experiência de horror, após a recuperação, não se quer reviver nem olhar para trás. Ninguém quer ver. Uma moralidade pura ou uma visão religiosa autêntica (aceitação da morte e do acaso) exigiria o olhar silencioso de um espectador excepcionalmente dotado ou o olhar de um grande artista. Esse olhar artístico sobre os horrores da vida é a tragédia.

⁷⁰ “*We are divided creatures who must perhaps hope at best to control, not remove, our evil impulses.*” (MURDOCH, 1993, p.506).

⁷¹ A situação de solidão do indivíduo, abalado pelo sofrimento extremo, está entre os raros casos em que a filósofa condescende com o recurso às imagens da religião como alívio e conforto espiritual.

(MURDOCH, 1993, p. 140). A tragédia permite olhar para as desgraças e infortúnios da vida de um modo que seria insuportável enfrentar na realidade. (MURDOCH, 1993, p. 458).

Apenas a poesia formidável da tragédia pode apresentar os horrores da vida humana em forma dramática. (MURDOCH, 1993, p. 116). Os poetas trágicos rompem a unidade ilusória do ego, natural à arte, sendo capazes de manter um olhar firme e justo sobre a maldade humana. Na arte trágica, alguém tem que morrer. O mal ou o pecado na tragédia seria evitar a morte, buscando algum refúgio. A arte trágica é rara porque é difícil manter o foco na verdade, sem incorrer em sentimentalismo ou melodrama. A tragédia é paradoxal porque deve desconcertar o espectador, apresentando uma visão do mal e da catástrofe de uma forma ordenada e abrangente, sem nenhum tipo de consolo. A morte confronta os delírios de poder, de felicidade e de vida eterna. A tragédia deve romper o ego, destruindo a ilusão de um eu unificado. A arte ordinária cria ilusões de unidade, uma imagem reconfortante de um ego satisfeito. A tragédia é desconfortavelmente uma totalidade esfacelada: o processo de conclusão da mente indolente e egoísta deve ser desafiado. (MURDOCH, 1993, p. 104).

A tragédia vive uma contradição. Ela deve destruir a sedução de completude, típica de artes inferiores. Entretanto, por ser também arte, a tragédia precisa de forma, de limites, de algum tipo de mágica e ao mesmo tempo inibir a mágica nas suas formas mais usuais e consoladoras. (MURDOCH, 1993, p. 104-105). A arte não pode embelezar ou consolar. A série de gravuras 'horrores da guerra' de Goya é terrível e bela. A tragédia e a grande arte são belas. Contudo, as maldades e as misérias da vida humana não são belas, atrativas ou completas formalmente. A grande tragédia vive a contradição de destruir-se enquanto arte e manter-se enquanto arte. (MURDOCH, 1993, p. 122-123). É nesse potencial disruptivo da tragédia que está a força de sua experiência espiritual.

O potencial disruptivo da tragédia está tanto na apresentação dos horrores da realidade que rompe as ilusões egóicas do espectador quanto na tensão entre forma e contingência em sua arte. Como dramatizar o irrepresentável?

Em relação à religião não é diferente. A religião pode consolar, mas contém em si mesma imperativos de autotranscendência. Há um impulso iconoclasta contínuo para superar os falsos confortos, sugerindo um ponto final em que, superadas as ilusões, só restaria a verdade. (MURDOCH, 1993, p. 124). As imagens religiosas simbolizam idéias morais capazes de confrontar as fantasias egoístas ao passo que correspondem a sombras de uma realidade maior. (MURDOCH, 1993, p. 145).

Iris Murdoch cita o Fragmento 32 de Heráclito para apontar o potencial disruptivo da religião: “Aquele que é unicamente sábio quer e não quer ser chamado pelo nome de Zeus.” (*apud* MURDOCH, 1993, p. 56, tradução nossa).⁷² O homem, em sua sede pela divindade e pelo bem, cria imagens e ícones para representar a transcendência, entretanto, ao transformar a transcendência em ídolos, percebe que os ídolos são apenas particulares contingentes, coisas entre coisas. Se os ídolos são destruídos para alcançar a transcendência, o divino se torna inefável, correndo o risco de ser considerado inexistente. O sentido de divindade desvanece na tentativa de preservá-lo. (MURDOCH, 1993, p. 56).

A própria filosofia e a metafísica são profundamente disruptivas. A filosofia pode ser confortadora, visto que elabora uma forma a partir da desordem. Os filósofos constroem sistemas grandiosos repletos de imagens complexas. O filósofo precisa resistir ao artista consolador que existe dentro de si. Ele precisa desfazer seu próprio trabalho no interesse da verdade de modo que possa continuar a lidar com o problema. A filosofia é repetitiva, retorna ao mesmo solo e está continuamente rompendo as formas que faz. (MURDOCH, 1997c, p. 7). Uma imagem metafísica nunca deve ser completa. (MURDOCH, 1993, p. 84).⁷³

Para ser suprido pela verdade, é preciso esvaziar-se, segundo Simone Weil. É preciso esvaziar a alma para ser cheio de Deus, segundo Eckhart. “A idéia de negação (vazio) ou o abandono da vontade egoísta é para ser compreendida

⁷² “*The One who alone is wise does not want and does want to be called by the name of Zeus.*” (Fr.32 *apud* MURDOCH, 1993, p. 56).

⁷³ “Filósofos são artistas, e idéias metafísicas são estéticas; elas pretendem clarificar e conectar, e elas certamente satisfazem necessidades emocionais profundas. A imagem de um todo unificado

juntamente com a idéia de desejo purificado como cognição purificada.” (MURDOCH, 1993, p. 301).

O Bem exige o vazio. Sem vazio não há bem. Para que o bem seja experimentado como força criativa é imprescindível que ocorra também destruição. (MURDOCH, 1993, p. 507). O próprio vazio tem o seu vazio, o seu ponto de ruptura, que é a ameaça de terminar a peregrinação espiritual sem discernimento moral, com ódio cínico da virtude e do virtuoso, sem amor, com uma sensação de total relativismo. (MURDOCH, 1993, p. 503). Entretanto, o amor pelo Bem surge no exato instante em que se compreende verdadeiramente a sua impossibilidade. (WEIL *apud* MURDOCH, 1997b, p. 158).

A tentação de interromper a jornada e sentir-se satisfeito com alguma imagem do Bem é o mal para Iris Murdoch. Mal é tudo aquilo que além de interromper o crescimento espiritual nega ou atenua a realidade dos particulares, dos indivíduos singulares, do acaso, da contingência, da morte.

Para discernir e enfrentar o mal é preciso atenção à realidade, que envolve o processo de destruição de falsas imagens. É como na bela ilustração de Hannah Arendt (2008, p. 234) em que “a atividade de pensar é como o véu de Penélope: desfaz toda manhã o que tinha acabado na noite anterior.” O pensar é sempre perigoso para o “desejo de encontrar resultados que tornariam o pensamento posterior desnecessário.” (ARENDRT, 2008, p. 245).

limitado é um produto da arte filosófica, e é como uma obra de arte.” (MURDOCH, 1993, p. 37, tradução nossa).

CONCLUSÃO

A presente dissertação foi estruturada em torno de três temáticas correlatas a fim de buscar uma compreensão abrangente da ética e da metafísica de Iris Murdoch. São elas: o pluralismo das visões morais, o bem e o vazio. A pergunta fundamental que orientou a investigação foi sobre a possibilidade ou não de compatibilizar o pluralismo das visões morais e a soberania do Bem. Esta relação ocorre por meio de uma filosofia moral concebida como iconoclasmo criativo, que se nutre da tensão entre forma e contingência, explorando o potencial disruptor e as ambigüidades de vários cenários e conceitos morais tais como retratados por sistemas filosóficos, pelas obras de arte, pela religião e tantas outras atividades humanas investigadas no curso de sua filosofia assistemática.⁷⁴

No capítulo primeiro, procurou-se explicitar o que a filósofa entende por pluralismo das visões morais, relacionando-o a sua concepção de atividade filosófica. Por meio da análise e da crítica de correntes filosóficas preponderantes, a filósofa delinea o seu programa de recuperação de conceitos e imagens metafísicos, esclarecendo a sua centralidade para a moralidade. Iris Murdoch critica a filosofia moral contemporânea, que se baseia numa separação rígida entre fatos e valores. O resultado desta visão moral prevalecente é que o valor é posto para fora da filosofia ou relegado à periferia das reflexões filosóficas.

A visão liberal de moralidade restringe a vida moral do indivíduo a uma série de escolhas públicas diante de situações pontuais, por meio da especificação dos fatos. Em contraposição a esta visão, a filósofa defende que as diferenças morais não são diferenças de escolha, mas de visões de vida. O naturalismo moral não deveria ser considerado como sem sentido ou inútil, pois a crença em uma estrutura transcendente afeta profundamente as visões morais. A moralidade deveria ser a exploração imaginativa do mistério vinculado às visões morais dos indivíduos. A filosofia não deveria aspirar a uma definição única de moralidade, antes deveria

⁷⁴ A expressão “iconoclasmo criativo” é utilizada pela própria Iris Murdoch para se referir ao platonismo. (MURDOCH, 1993, p. 7).

explorar a diversidade de formas de vida e de atitudes morais, concentrando-se em salientar, e não obscurecer, as diferenças.

A filósofa considera que os grandes sistemas metafísicos deveriam ser avaliados como imagens heurísticas imensas e intrincadas. Ao criticar Derrida, entre outros, ela se opõe a qualquer metafísica que elimine o individual e o particular em função de processos ou sistemas transcendentais. Um sistema metafísico deve permitir espaço para dúvidas, possibilidades alternativas, autocrítica, ambigüidades e divagações. Ela também se opõe a todo e qualquer determinismo que busque subtrair o indivíduo de sua responsabilidade moral. Para preservar esta responsabilidade, ela vincula linguagem, consciência e mundo. A aspiração à verdade é fundamental para a consciência em sua atividade de valoração.

Ainda no capítulo primeiro, procurou-se demonstrar que o caráter assistemático de sua filosofia bem como a pluralidade das formas adotadas para investigar cenários morais diversos integram a sua concepção de moralidade como uma peregrinação individual em busca do Bem, que envolve a purificação do Eros e o aperfeiçoamento dos estados de consciência. O conteúdo e a forma de suas idéias estão profundamente entrelaçados. Ela freqüentemente aponta os limites de sua própria visão moral, em um exercício constante de autocrítica. O seu objetivo fundamental é provocar os leitores a realizarem a sua própria jornada, dedicando-se à disciplina espiritual da atenção e do discernimento moral.

No segundo capítulo foi examinada a concepção de Bem mediante a investigação do papel do ego, da arte e da religião para a sua filosofia. Conforme visto, o indivíduo tem uma tendência natural ao egoísmo e ao egocentrismo, assim ele vê o mundo a partir de suas necessidades, desejos e fantasias. A atenção é o processo contínuo de direcionar a visão a uma realidade particular, exterior e distante do ego. As técnicas de desprendimento contribuem para o comportamento virtuoso ao direcionar o amor para realidades excelentes, que resistem às projeções egóicas.

Iris Murdoch acentua a ambigüidade da arte como fonte tanto de revelação espiritual como de engano. A arte consola quando enfatiza a unidade, a forma e busca esconder ou negar o caráter fortuito da vida humana bem como a realidade

da morte. A arte é especialmente perigosa quando o indivíduo a percebe como uma fonte de elevação espiritual definitiva, negligenciando a importância de maiores reflexões, de autocrítica e cessando sua busca espiritual. (MURDOCH, 1993, p. 13). A boa arte deve preservar certa incompletude, uma falta de desfecho a fim de mostrar que a sua unidade é ilusória. (MURDOCH, 1993, p. 87). O elemento estético, entendido de modo amplo, também está presente na capacidade humana de contar histórias, utilizando criativamente a imaginação como uma forma de buscar uma compreensão de si mesmo e dos outros. Neste sentido, todos são artistas e precisam enfrentar o desafio de dar uma forma aos acontecimentos, sem violar a verdade. (MURDOCH, 1997c, p. 6-7).

De igual modo, a filosofia de Iris Murdoch destaca a ambigüidade da experiência religiosa. A religião e sua arte tendem a confortar ao encobrir a morte e a absoluta contingência da existência. Um padrão rígido de imagens religiosas pode constituir um obstáculo para a investigação da verdade. Por outro lado, a religião também é reconciliação, perdão, renovação de vida e salvação do pecado e do desespero. Mesmo podendo funcionar como fantasia consoladora, a religião possui um imperativo iconoclasta de auto-superação, capaz de transpor as falsas imagens sedutoras e alcançar algum vislumbre da verdade. A verdadeira espiritualidade é uma forma de crença na posição única do bem e da virtude na vida humana. A crença religiosa suprema deve ser a necessidade absoluta do bem e da virtude, ainda que todas as religiões desapareçam.

A visão de Iris Murdoch sobre as religiões é manifestamente insatisfatória do ponto-de-vista do pluralismo das visões morais proposto. As diferentes atitudes e visões religiosas apontariam para uma única verdade: a realidade da moralidade, o caráter absoluto e necessário do Bem. Assim, tal e qual a visão moral corrente ou liberal, a sua própria filosofia não enfatiza ou promove a investigação da diversidade dos cenários religiosos, mas busca uma verdade única para a qual todas as visões religiosas convergem. O seu pluralismo moral define-se ao pressupor de forma dogmática o declínio inexorável da fé no sobrenatural diante dos avanços científicos e tecnológicos. De fato, o Bem tende a se tornar definido, rígido e demasiadamente unificador quando todas as imagens míticas são consideradas igualmente como escadas para serem lançadas fora após o uso. (MURDOCH, 1993, p. 318). A

decadência inevitável da fé em realidades sobrenaturais apresentada como um fato é, na verdade, um juízo de valor da filósofa impelido por um falso dilema: ou religião demitologizada ou nenhuma religião. Para aprofundar o debate talvez seja necessário retomar o discernimento sobre a linha divisória entre fato e valor, bem como problematizar o seu conceito de ‘experiência ordinária’.

A prova ontológica de Anselmo é reinterpretada por Iris Murdoch. A idéia de Bem requer a sua realidade de modo que a sua não-existência seja impossível. A consciência, no fundo e *ab initio*, contém um elemento de busca da verdade por meio do qual a própria consciência é avaliada. (MURDOCH, 1993, p. 241). Se a moralidade não for incluída no cenário desde o princípio não pode ser adequadamente representada por algo introduzido posteriormente. (MURDOCH, 1993, p. 168). O Bem é a melhor metáfora encontrada pela filósofa para exprimir que a moralidade não pode ser descartada da vida humana. O Bem é um objeto de atenção real, necessário, não representável, único, perfeito e transcendente. O seu caráter indefinido e indefinível visa à preservação da consciência moral e do julgamento ético individual como ferramentas críticas que apontam os limites e as falibilidades de toda e qualquer teoria. Assim, o Bem é o ideal de perfeição que estimula o crescimento espiritual.

A ênfase na peregrinação espiritual permite que a moralidade se torne uma exploração imaginativa de uma infinidade de cenários morais. A ubiqüidade do valor significa que em toda atividade humana existe busca pela verdade e pelo discernimento moral. Significa ainda que toda tentativa de sistematizar a sua filosofia é, de antemão, frustrante, pois o que realmente importa é a atividade reflexiva conduzida no permanente e obstinado diálogo da filósofa com seus múltiplos e singulares interlocutores. Percorrer a sinuosidade de seu pensamento é exercício da atividade de pensar, de imaginar e de avaliar, é também treinamento moral. Neste contexto, o percurso intelectual é incrivelmente mais relevante que as conclusões alcançadas. Aplainar as tensões, eliminar dúvidas, ocultar suas hesitações é empobrecer a compreensão de sua filosofia.

O impulso unificador metafísico deve ser sopesado pela atenção aos indivíduos e aos particulares, desse modo as imagens e os cenários metafísicos devem ser considerados como limitados e provisórios. A peregrinação espiritual

envolve a superação de imagens falsas em direção ao Bem. O próprio pensamento de Iris Murdoch busca corresponder ao ideal de incompletude da obra de arte e também da metafísica.

Ao final do segundo capítulo, buscou-se enfrentar a crítica a respeito do realismo do Bem de Iris Murdoch face ao problema do mal. A resposta abriu caminho para uma análise mais acurada do conceito de vazio, que se revelou como idéia-chave para a compreensão do Bem e da própria atividade filosófica.

O vazio é inerente à atividade reflexiva do pensamento e está vinculado à negação.⁷⁵ O vazio está relacionado ao sofrimento, à miséria, ao mal, à dor absoluta e aponta para as rupturas da filosofia, da arte, da religião e do próprio ser humano. É que o eu, as coisas, a pessoa, as histórias e as obras de arte são totalidades análogas umas às outras. (MURDOCH, 1993, p. 147). O iconoclasmo criativo envolve um exame reflexivo, atento sobre essas totalidades para apontar suas ambigüidades, as ilusões de unidade e traçar os pontos de ruptura. O vazio é também perpassado pela ambigüidade ao se constituir como uma fonte de inspiração moral e também de degradação dos pensamentos e sentimentos, fuga da realidade, ausência de amor. A tragédia vive a contradição de destruir-se enquanto arte e manter-se enquanto arte. O sentido de divindade desvanece na tentativa de preservá-lo. A força criativa do bem demanda a intensidade destrutiva do vazio. O vazio aponta para o caráter transcendental e indefinível do Bem assim como para o seu ideal de perfeição e para a continuidade da peregrinação espiritual. O Bem e o Vazio são as imagens que estimulam a atividade reflexiva e o imperativo de discernimento moral.

O iconoclasmo criativo impede que o percurso moral esteja previamente definido, traçado por outrem. O indivíduo precisa encontrar suas próprias certezas por si mesmo e em si mesmo. (MURDOCH, 1993, p. 434). É ele que precisa buscar e descobrir. Neste sentido, as afirmações de Iris Murdoch sobre demitologização, arte, religião, consciência, contingência e morte, entre outras, devem ser

⁷⁵ Também para Hannah Arendt “[...] todos os exames críticos devem passar por um estágio de negar, pelo menos hipoteticamente, opiniões e “valores” aceitos, descobrindo as suas implicações e pressupostos tácitos, e nesse sentido o niilismo pode ser visto como um perigo sempre presente do pensar.” (2004, p. 245).

consideradas como pontos de partida, agulhões filosóficos para posteriores reflexões e não como imagens rígidas do Bem, sob pena de bloquearem o crescimento espiritual.

Contudo, não seria um equívoco supor que o indivíduo adepto de uma moralidade ao estilo de Murdoch enfrentaria de um modo melhor as vicissitudes da vida?⁷⁶ Até que ponto esta centralidade atribuída pela filósofa à aceitação do acaso, do fortuito, da realidade da morte, de fato, traz algum aprimoramento moral? Não seria também uma forma de reduzir ou limitar o sentido da vida (ou debilitar o pluralismo das visões morais) afirmar que a vida não tem sentido exceto ser virtuoso? Por que todas as visões morais deveriam ser consideradas a partir da perspectiva do confronto e da aceitação do indivíduo com a realidade da morte e da contingência? Por que esta seria a única atitude digna do homem? (ABBAGNANO, 2006, p. 36). Por que a crença no sobrenatural é ilusão consoladora ao passo que a crença na realidade do Bem não é? As perplexidades suscitadas pelo seu pensamento e as hesitações da própria Iris Murdoch apontam para reflexões que extrapolam a sua filosofia. Este é o cerne do iconoclasmo criativo e do Bem transcendental.

Peter Conradi, no prefácio à *Existentialists and Mystics* (MURDOCH, 1997), relata que Iris Murdoch foi profundamente afetada pelo Holocausto. Ela trabalhou de 1944 a 1946 na Associação das Nações Unidas para Reabilitação e Socorro em Londres, na Bélgica e na Áustria. Além disso, um contemporâneo de Oxford, amigo íntimo e pretendente, Frank Thompson, foi capturado e executado pelos nazistas na Bulgária. Grande amor em sua vida foi o poeta e antropólogo Franz Baermann Steiner. Ele, judeu-tcheco, era um refugiado de Praga, que nunca se recuperou da perda de seus pais em campos de concentração. Essa experiência de colapso da sociedade certamente contribuiu para que sua filosofia fortificasse a moralidade na consciência, combatendo toda teoria e filosofia de índole relativista ou determinista. Seu propósito permanente é preservar a responsabilidade moral individual. Neste

⁷⁶ “A fé de São Paulo e dos primeiros cristãos na salvação individual do homem concreto implicava duas conseqüências: primeiro, a perenidade e o eminente valor do indivíduo como tal. [...]” (GILSON, 2006, p. 232).

sentido, parecem promissoras futuras pesquisas estabelecendo paralelos com o pensamento ético de Adorno e, especialmente, de Hannah Arendt.

Diante do colapso dos costumes, das crenças religiosas e dos valores socialmente aceitos, provocado pelo nazismo, Hannah Arendt (2004, p. 162) afirma que “a moralidade diz respeito ao indivíduo na sua singularidade.” Ela vincula a moralidade à faculdade humana de pensar e de lembrar, voltar ao assunto. “Os maiores malfeitores são aqueles que nunca pensaram na questão, e, sem lembrança, nada consegue detê-los.” (ARENDR, 2004, p. 159-160). “Pensar significa examinar e questionar; sempre implica aquela destruição de ídolos de que Nietzsche tanto gostava.” (ARENDR, 2004, p. 168). Esta atividade reflexiva é um estar consigo mesmo e julgar por si mesmo. Essa capacidade de diálogo interior consigo mesmo é o que caracteriza a constituição do ser humano como uma pessoa, sendo um processo contínuo. (ARENDR, 2004, p. 160). Hannah Arendt (2004, p. 212) se preocupa com a recusa ou a indiferença à capacidade de julgar, consistindo exatamente nisto a banalidade do mal.

Preocupações tais como a centralidade da consciência individual para a moralidade, uma filosofia moral que afaste o relativismo, a narração de histórias como exercício moral, o poder edificante dos exemplos, a relevância do amor para a atividade moral, a preservação da responsabilidade individual, a moralidade como capacidade reflexiva de julgar em um mundo secularizado e o estudo das imagens metafísicas como reveladoras da atividade de pensar são questões constantes em ambas as filósofas, que merecem maiores investigações.

Jeanne Marie Gagnebin destaca a interpretação de Liessmann sobre a teoria estética de Adorno.

Só haveria, assim, proximidade verdadeira, quando há reconhecimento da estranheza e da alteridade em sua radicalidade não camuflada. [...] A experiência estética, experiência da distância do real em relação a nós, experiência também da distância entre o real tal como é e qual poderia ser, essa experiência poderia configurar um caminho privilegiado para o aprendizado ético por excelência, que consiste em não recalcar o estranho e o estrangeiro, mas sim em ser capaz de acolhê-lo na sua estranheza. (GAGNEBIN, 2006, p. 94).

Gagnebin opõe à imagem do paranóico a experiência estética como aprendizado moral. A figura do paranóico é a do arquiteto dos grandes sistemas

perfeitos, sem falhas nem contradições. É, na verdade, uma crítica de Adorno e Horkheimer à razão instrumental e também ao pensamento anti-semita. O paranóico imagina-se como Deus e quer criar o mundo a sua imagem. A experiência estética proporciona a renovação do pensamento por aquilo que ainda não foi pensado ou previsto, por algo que parece ameaçador mas também estimulante, “por algo que não lhe pertence, que lhe é estrangeiro, mas de que pode se aproximar para inventar novas configurações de sentido.” (GAGNEBIN, 2006, p. 91). O conceito de *mimesis* em Adorno busca resguardar um conhecimento sem traços de dominação nem de violência. “É, pois, a grandeza da experiência estética e da arte o fato de que ambas vivem do confronto com este estrangeiro/familiar que nos constitui e nos assusta.” (GAGNEBIN, 2006, p. 91).

A crítica à razão iluminista instrumental, a ambigüidade de tratamento da questão do mito, a primazia do objeto e a reabilitação do particular, a centralidade da experiência estética para a reflexão moral, a questão da *mimesis*, a filosofia como barreira contra empreendimentos totalitários, a proibição do consolo, a crítica feroz ao solipsismo, a valorização da angústia e o reconhecimento da fragilidade humana, a ênfase na renovação do pensamento são temas de máximo interesse tanto para Adorno quanto para Iris Murdoch. Ademais, Adorno é um interlocutor presente na filosofia de Murdoch, ao contrário de Hannah Arendt.

É preciso considerar ainda que uma grande fraqueza das teorias éticas de índole cognitiva e procedimental, desde Kant, é o tratamento reducionista das bases afetivas e emocionais da conduta e do julgamento moral. Trata-se de um racionalismo estreito, característico da maioria das teorias neokantianas. (BENHABIB, 1992, p. 50). A dimensão de desenvolvimento psicossocial é esquecida. É preciso lembrar que ninguém nasce sujeito racional autônomo, antes, a racionalidade é desenvolvida a partir de processos sociais de formação da identidade. O modelo é sempre o sujeito abstrato, considerado como o homem adulto, chefe de família que transaciona no mercado e atua na política, juntamente com seus pares. O foco no homem econômico e no homem político descarta as relações familiares e outras relações pessoais de dependência. (BENHABIB, 1992, p. 50-51). É exatamente o indivíduo idealizado pela sociedade de consumidores.

A privacidade surge do processo histórico de separação entre igreja e Estado. As questões relativas à fé, ao sentido da vida, ao bem maior, aos princípios obrigatórios orientadores da conduta de vida de cada um passam a ser consideradas insolúveis. São temas que cada indivíduo deve buscar por si mesmo, de acordo com os ditames de sua consciência e de sua visão de mundo. Por outro lado, uma dimensão fundamental da privacidade nascida da modernidade ocidental está relacionada aos direitos asseguradores da liberdade econômica. A privacidade passa a ser, antes de tudo, a não interferência da política estatal nas questões relativas ao livre comércio e ao mercado de trabalho. Esta é a raiz da separação entre questões de justiça relativas à esfera pública e de 'vida boa' pertinentes à esfera privada. (BENHABIB, 1992, p. 109).

Esta confusão entre liberdades econômicas e religiosas e direito à privacidade gerou graves conseqüências, entre elas, a cegueira em relação a questões de gênero nas teorias morais e políticas contemporâneas bem como a exclusão da discussão das relações de poder no âmbito da esfera íntima. (BENHABIB, 1992, p. 109). As relações envolvendo amizade, sexo, parentesco, amor passam a ser desprezadas pela teoria moral e política como esferas de decisão pessoal. (BENHABIB, 1992, p. 154). Desse modo, os movimentos feministas têm desafiado a rígida separação entre questões de justiça e de 'vida boa', a fim de tornar visível e passível de discussão o domínio da criação de filhos, reprodução, amor e cuidado.

Autores, como Seyla Benhabib, estão repensando o âmbito da moralidade para lidar com a lacuna existente entre demandas de justiça, que articulam o moralmente certo, e demandas de virtude, que definem a qualidade das relações íntimas, pessoais com os outros no dia-a-dia. Neste sentido, Benhabib propõe o cultivo de qualidades tais como amizade cívica e solidariedade, a fim de estender a afeição natural pelos familiares e mais próximos a grupos humanos mais amplos. Seria uma forma de personalizar a justiça.

Para a construção de uma teoria discursiva de ética capaz de estabelecer o ponto de vista moral a partir de uma situação dialógica, ela recorre à noção de Hannah Arendt de mentalidade ampliada ou pensamento representativo. (BENHABIB, 1992, p. 140). O julgamento envolve a capacidade de representar para

si mesmo a multiplicidade de perspectivas e opiniões, as várias camadas de significado que compõem a situação. Quanto mais é possível identificar diferentes opiniões sobre como uma situação é interpretada, mais é desenvolvida a sensibilidade para as particularidades das perspectivas envolvidas. O julgamento envolve certas habilidades “interpretativas” e “narrativas” que pressupõem a capacidade para o exercício da mentalidade ampliada. (BENHABIB, 1992, p. 53-54). Esse exercício de reversibilidade de perspectivas (que também deve considerar princípios como mútuo respeito e reciprocidade) pode ocorrer efetivamente escutando todos os envolvidos em determinada situação ou por meio da representação pela própria imaginação da perspectiva dos demais.

Iris Murdoch, juntamente com Elizabeth Anscombe, sem dúvida foi fundamental para a retomada da discussão da virtude ao se rebelar, já na década de 50, contra os estritos limites da visão liberal contemporânea e postular um pluralismo das visões morais. (WIDDOWS, 2005, p. 165). Há ainda, entretanto, muito a ser descoberto em seu pensamento, inclusive pelas éticas discursivas. A começar pelo fato de a filósofa ter sido capaz de ampliar sua visão moral para discutir direitos humanos, deveres e axiomas, transpondo o abismo entre demandas de justiça e de virtude. (MURDOCH, 1993, p. 492). Entretanto, ressaltam-se especialmente os papéis da imaginação e da literatura como reflexão sobre os limites e as possibilidades do pensamento representativo. A profícua relação entre arte e moral sem dúvida pode iluminar novas formas de conceber a mentalidade ampliada.

Para Murdoch, as pessoas são extremamente curiosas. E a satisfação da curiosidade foi sem dúvida um dos charmes do romance do século dezenove. As pessoas são estranhas e cheias de segredos, buscando ocultar sua estranheza para não chocar os demais e nem serem rotuladas como excêntricas. Como as outras pessoas realmente são? O que se passa no interior mais recôndito de suas mentes? O que ocorre no interior de seus lares? É esta a matéria-prima da literatura. O escritor está muito consciente da tensão existente entre suas próprias ilusões egóicas e a atenção exigida por algo totalmente distinto de si. A imaginação é a habilidade de ver o outro, um tipo de liberdade, uma renovada habilidade para perceber. O sentido de distância e de alteridade é típico do bom artista e do homem religioso. (MURDOCH, 1997j, p. 255). A literatura, bem como a capacidade de contar

histórias, é muito natural ao ser humano, porque as pessoas estão interessadas em sua própria consciência e também nos outros. A obra de ficção diz respeito aos juízos de valor que indivíduos realizam ordinariamente sobre pessoas reais, não sendo assim tão distintos dos juízos realizados a respeito de personagens na literatura. A criação de personagens é o maior desafio e também a mais notável atividade do escritor. Afinal, as outras pessoas são o que existe de mais interessante, pungente e misterioso no mundo. Ao retratar personagens, o autor apresenta de forma mais clara seu discernimento, sua veracidade, sua justiça ou a ausência destas qualidades. Um dos deleites da literatura consiste em considerar e avaliar os julgamentos do autor. Assim, Iris Murdoch (1997j, p. 257) sugere que os maiores prazeres da literatura, e também da arte em geral, são prazeres proporcionados pelo juízo moral.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5 ed. Tradução de Alfredo Bossi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- _____. **Introdução ao Existencialismo**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- AHMADU, Fuambai. Disputing the myth of the sexual dysfunction of the circumcised women: An interview with Fuambai S. Ahmadu. **Anthropology Today**, v. 25, n. 6, p.14-17, dez. 2009. Entrevista concedida a Richard Shweder.
- ANTONACCIO, Maria; SCHWEIKER, William. (editors) **Iris Murdoch and the search for human goodness**. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1996.
- ANTONACCIO, Maria. Form and Contingency in Iris Murdoch's Ethics. In: ANTONACCIO, Maria; SCHWEIKER, William. (editors) **Iris Murdoch and the search for human goodness**. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1996.
- _____. Iris Murdoch's Secular Theology of Culture. **Literature & Theology**, v.18, nº 3, p. 271-291, set. 2004.
- _____. **Picturing the Human: The Moral Thought of Iris Murdoch**. New York: Oxford University Press, 2003.
- _____. The Consolations of Literature. **The Journal of Religion**, v. 80 (4), p. 615-644, out. 2000.
- _____. The Virtues of Metaphysics: A Review of Iris Murdoch's Philosophical Writings. **Journal of Religious Ethics**, v. 29 (2), p. 309-335, 2001.
- ARENDT, Hannah. **Responsabilidade e julgamento**. Tradução de Rosaura Einchenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. **A Vida do Espírito: o pensar, o querer, o julgar**. Tradução de Antônio Abranches, César Augusto R. de Almeida e Helena Martins. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.
- BENHABIB, Seyla. **Situating the self: gender, community and postmodernism in contemporary ethics**. New York: Routledge, 1992.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada: nova versão internacional**. Traduzida pela comissão de tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2000.

DANTO, Arthur C. **A transfiguração do lugar-comum: uma filosofia da arte**. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar Escrever Esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GILSON, Étienne. **O Espírito da Filosofia Medieval**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GRAMACHO, Maiesse. Estudo contesta a criminalização do infanticídio indígena. **Fórum de Entidades Nacionais de Direitos Humanos**. Disponível em:

http://www.direitos.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=5232&Itemid=2.

Acesso em 8 jan. 2010.

HAUERWAS, Stanley. Murdochian Muddles: Can we get through them if God does not exist? In: ANTONACCIO, Maria; SCHWEIKER, William. (editors) **Iris Murdoch and the search for human goodness**. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1996.

MCGRATH, Alister. **O Deus de Dawkins: genes, memes e o sentido da vida**. Tradução de Sueli Saraiva. São Paulo: Shedd Publicações, 2008.

MULHAL, Stephen. Constructing a Hall of Reflection: Perfectionist Edification in Iris Murdoch's "Metaphysics as a Guide to Morals", **Philosophy**, v. 72, n. 280, pp. 219-239, abr. 1997. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3751100> Acesso em: 3 mar, 2009.

MURDOCH, Iris. **Acastos: two platonic dialogues**. New York: Viking Penguin Inc., 1987.

_____. Against Dryness. In: MURDOCH, Iris; CONRADI, Peter J. (Coord).

Existentialists and Mystics. Penguin Books, 1997a.

_____. Art is the Imitation of Nature. In: MURDOCH, Iris; CONRADI, Peter J. (Coord).

Existentialists and Mystics. Penguin Books, 1997j.

_____. Knowing the Void. In: MURDOCH, Iris; CONRADI, Peter J. (Coord).

Existentialists and Mystics. Penguin Books, 1997b.

_____. Literature and Philosophy: A conversation with Bryan Magee. In: MURDOCH, Iris; CONRADI, Peter J. (Coord). **Existentialists and Mystics**. Penguin Books, 1997c.

Entrevista concedida a Bryan Magee.

_____. **Metaphysics as a Guide to Morals**. London: Penguin Books, 1993.

_____. Metaphysics and Ethics. In: ANTONACCIO, Maria; SCHWEIKER, William. (editors) **Iris Murdoch and the search for human goodness**. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1996.

_____. **Sartre: Romantic Rationalist**. New York: Viking Penguin Inc., 1987.

- _____. The Darkness of Practical Reason. In: MURDOCH, Iris; CONRADI, Peter J. (Coord). **Existentialists and Mystics**. Penguin Books, 1997d.
- _____. The Fire and the Sun: Why Plato banished the Artistis. In: MURDOCH, Iris; CONRADI, Peter J. (Coord). **Existentialists and Mystics**. Penguin Books, 1997h.
- _____. The Novelist as Metaphysician. In: MURDOCH, Iris; CONRADI, Peter J. (Coord). **Existentialists and Mystics**. Penguin Books, 1997g.
- _____. **The Sovereignty of Good**. 2. ed. London: Routledge, 2006.
- _____. The Sublime and the Beautiful Revisited. In: MURDOCH, Iris; CONRADI, Peter J. (Coord). **Existentialists and Mystics**. Penguin Books, 1997i.
- _____. The Sublime and The Good. In: MURDOCH, Iris; CONRADI, Peter J. (Coord). **Existentialists and Mystics**. Penguin Books, 1997e.
- _____. Vision and Choice in Morality. In: MURDOCH, Iris; CONRADI, Peter J. (Coord). **Existentialists and Mystics**. Penguin Books, 1997f.
- O'CONNOR, Patricia J. **To love the good: the moral philosophy of Iris Murdoch**. American university studies. Series V, Philosophy; v. 136. New York: Peter Lang, 1996.
- PLANTINGA, Alvin. Religion and Science. **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**, 2008. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/win2008/entries/religion-science/>>. Acesso em: 31 ago, 2009, 19:00.
- PLATÃO, **A República**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 2004.
- ROWE, Anne (editor). **Iris Murdoch: A Re-assessment**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2007.
- TRACY, David. Iris Murdoch and the Many Faces of Platonism. In: ANTONACCIO, Maria; SCHWEIKER, William. (editors) **Iris Murdoch and the search for human goodness**. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1996.
- WIDDOWS, Heather. **The Moral Vision of Iris Murdoch**. Hampshire, Burlington: Ashgate Publishing, 2005.